



PRIMEIRO SEMESTRE

Resgate de aves silvestres lidera apreensões do Ibama na Paraíba

De janeiro a junho deste ano, 788 animais foram recuperados pelo órgão. **Página 5**



Papa-capim, galo-de-campina e azulão estão entre as espécies mais cobiçadas para o comércio ilícito

Financiamentos de imóveis usados esbarram na alta procura pelos novos

Com muitos lançamentos no mercado, estado não acompanha o país no recorde de contratos no segmento de reutilizados.

Página 17

Show de Vanessa da Mata encerra a 50ª edição do Festival de Inverno de CG

Em sua estreia no evento, a artista encontra o público hoje, às 21h, no Parque Evaldo Cruz (Açude de Novo), no Centro da cidade.

Página 12

PL que regula uso de redes sociais por crianças enfrenta resistências

Texto que tramita no Congresso obriga a adoção de medidas contra abusos na internet, prevê punições e incomoda as big techs.

Página 14

Botafogo encara o Tombense, hoje, em fase classificatória da Série C

Diante da torcida, no Almeida, às 19h, o Belo busca os três pontos para eliminar qualquer possibilidade de rebaixamento.

Página 21

Caminhos do Frio chega à terra de Jackson do Pandeiro

Penúltima cidade a receber o festival, Alagoa Grande elaborou um roteiro com shows, visitas e gastronomia, que começam amanhã.

Página 8

Violência contra a mulher é crime!
Denuncie. Ligue 180



■ “Crispim sempre escreveu para o leitor de qualquer geografia da nossa língua. É um dos poucos que pode ser lido por pessoas que nunca estiveram em nossa terra”.

Gonzaga Rodrigues
Página 2

■ “Bolhas sempre existiram, mas ganharam outro alcance com a força dos algoritmos. Criados para engajar e conectar usuários, os algoritmos também causam isolamento cognitivo”.

Angélica Lúcio
Página 26

PENSAR
O limite entre o que é ou não é humano na relação com a IA

Reportagem de caderno especial reflete sobre o uso de inteligência artificial generativa nos processos criativos e o quanto a geração de novos conteúdos, a partir de materiais produzidos pelas pessoas, interfere no nosso próprio modo de pensar.

Páginas 29 a 32

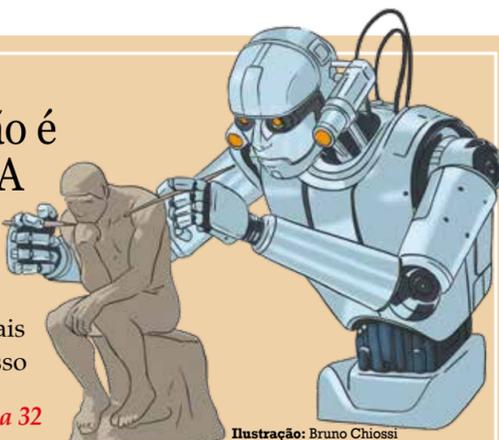


Foto: Evandro Pereira



Editorial

A idade dos pássaros

Neste tempo de apogeu ou generalização da “cultura digital”, há crianças que estão cada vez mais parecidas com filhotes de pássaros, correndo, portanto, sérios riscos de serem devoradas dentro do próprio ninho, pelas aves que as geraram, ou abusadas por predadores de outras espécies que as observam ou farejam de longe, para, valendo-se de requintadas estratégias de burla de guarda e sedução, saciarem seus instintos.

Neste plano metafórico, as aves responsáveis pelas crias — quando as amam de verdade —, devem permanecer em estado de alerta, atentas para os mil e um artifícios utilizados por espécies sádicas ou psicopatas, entre outros desequilíbrios, que se satisfazem, no mais das vezes, sexualmente, supliciando filhotes. Um descuido, e quem tanto se ama pode ganhar um trauma para o resto da existência, ou perder a própria vida.

Os guardiões oficiais da floresta, por sua vez, devem continuar desenvolvendo estratégias urgentes e eficazes, com a finalidade de manter também os ninhos sob contínua vigília, levando em consideração os milhares de casos de violência praticada contra filhotes exatamente pelos entes que os trouxeram a este mundo, vasto mundo. É terrível ser martirizado ou sacrificado pelas mãos das quais esperava-se apenas gestos de amor.

Há mentes e corações românticos que veem as cidades como bosques paradisíacos, dentro dos quais, pousados ou voando, os pássaros ora são tenores, sopranos e barítonos, ora poemas alados, escritos no azul do céu, ora figuras de grandes painéis de artes visuais. Esquecem-se da poluição, da especulação imobiliária, dos carcarás e das serpentes, do menino da baladeira, do adulto da gaiola, do velho da espingarda.

Na verdade, os pássaros não têm sossego. Dormem como se estivessem acordados; comem e bebem, também, com os sentidos alertas, conscientes de que basta um descuido para se transformarem em café da manhã, almoço ou janta de algum predador. Há quem possa mais dentro de uma mesma espécie, assim como há castas que subjagam outras estirpes. Jogos de poder que terminam com mortes ou escoriações.

Embora alguns espécimes andem com a cabeça nas nuvens, a sociedade humana, óbvio, difere daquela que voa. O discernimento é uma poderosa ferramenta para se construir um mundo no qual impere a justiça e a liberdade, quem dera sem violência contra qualquer faixa etária. É um ideal, mas a realidade justifica a luta sem trégua por esse mundo o mais distante possível da selva, no sentido peyorativo da palavra.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O último gesto de Getúlio

A data de hoje registra o 71º aniversário do suicídio de Getúlio Vargas. Antes de cometer o ato que lhe tirou a vida, ele escreveu uma carta-testamento que tem provocado, até hoje, muita polêmica. Ao que se tem conhecimento, existem duas versões do documento histórico: uma manuscrita, mais concisa, e outra com maior conteúdo, datilografada, distribuída à imprensa como a mensagem oficial ao povo brasileiro. Em ambas, ele deixa claro que estava sofrendo pressões de grupos internacionais e nacionais contrários ao trabalhismo, o que teria motivado a decisão de suicidar-se.

Alguns historiadores atribuem o estilo oficial das cartas ao jornalista José Soares Maciel Filho, que era o redator dos discursos de Vargas. Porém, ele confirmou à família que apenas teria datilografado a carta entregue à imprensa. Tanto na carta-testamento quanto na Carta de Despedida, Getúlio se apresentava como defensor do povo e líder martirizado, justamente porque mantinha uma luta contra a espoliação do povo brasileiro.

No dia 13 de agosto, seu ajudante de ordens, o major da Aeronáutica Herman Fittipaldi, encontrou sobre a mesa de trabalho no gabinete presidencial um bilhete escrito à lápis, hoje conhecido como “Carta de Despedida”, contendo a seguinte afirmação: “À sanha dos meus inimigos, deixo o legado da minha morte. Levo a mágoa de não ter podido fazer pelos humildes tudo o que desejava”. Era um prenúncio do que estava decidido a fazer, como forma de enfrentar a ameaça do golpe militar que estava em curso e uma guerra civil no país. Em 24 de agosto, cometeu suicídio com um tiro no coração em seu quarto. Acreditava que sua morte teria impacto significativo na história do Brasil e que seu sacrifício seria lembrado como um ato de resistência.

Trechos de sua carta-testamento demonstram isso. Principalmente a

famosa frase: “Saio da vida para entrar para a história”. “Não me acusam, me insultam; não me combatem, caluniam e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto”. E ainda: “Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco”.

É inquestionável que Getúlio deixou um legado político de grande importância, especialmente na área trabalhista, cujos avanços foram diversos e estruturantes para o futuro do país. Realizou profundas mudanças na economia brasileira, antes dominada pelas oligarquias paulista e mineira, conhecida como “política do café com leite”, submissas às companhias estrangeiras instaladas no Brasil. Denunciou a pressão interna e externa da UDN e dos EUA. Pode ser considerado o fundador do Brasil Moderno, o construtor da identidade, da consciência e da unidade nacionais.

“

Getúlio Vargas apresentava-se como defensor do povo e líder martirizado

Foto Legenda

Carlos Rodrigo



Fé dominical

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Os 80 anos de Crispim

Ontem, Luiz Augusto Crispim fez 80 anos. Digo fez porque, enquanto houver leitor da obra que ele nos legou, o menino que nasceu em Tambiá estará vivo.

Crispim sempre escreveu para o leitor de qualquer geografia da nossa língua. A poesia de sua linguagem anula fronteira; é um dos poucos, de frente para a província, que pode ser lido na Gávea, no Anhangabaú, por pessoas que nunca estiveram em nossa terra nem conheceram nenhum dos seus personagens.

Se o jornal de província entrasse nos hábitos de leitura de São Paulo ou do Rio, levando crônicas como a de Crispim, o preconceito do grande centro, se não fosse anulado, teria sido atenuado. E vou dizer o que todo mundo sabe: a poesia desconhece fronteiras, mesmo a que nos chega traduzida, carente da plenitude de expressão da língua original.

Com essa universalidade, não apenas presumível, mas constatada por uma militância premiada em vários jornais e revistas fora da Paraíba, Crispim poderia seguramente ter desertado, ter feito o que fizeram os mais cortejados cronistas e poetas do Brasil, a maioria saindo de Minas, outros do Rio Grande, e o maior deles de Cachoeiro do Itapemirim.

Mas não. Foi ficando, preso a esse azul que lhe iludiu o espírito, que forrou-lhe a paisagem interior, que pousou com o vento nas suas janelas, “azul almiscarado” de uma de suas crônicas de confissão.

Azul já identificado pela leitura de Ângela Bezerra de Castro, no prefácio de “A Dama da Tarde”. Diz ela: “O cronista em sua fase azul, entre o céu e o mar. Azul de alma de menina, de pássaro, de rapsódia. Azul de manhã flutuando ao vento, de olhos profundos, de palidez. Azul de historietas de porcelana. Azuis na vida desta pobre gente de tão acinzentado viver”.

Só que não houve apenas uma fase. E o que este lugar lhe oferecia? Uma banca famosa de advogado? Uma chance de vida pública mais central, mais próxima da grande corte? Um poeta/prosa-

dor de tiragem nacional?

Daqui, é claro, fica-se muito mais difícil e distante.

Mas foi o que ele preferiu. Nem preferiu. Deixou-se ficar. Amoldou-se, por motivos que só os poetas conhecem e nem sempre explicam. Acostou-se à mansarda que sonhou habitar, toda feita com o “barro azul das manhãs de outono”, como sai não por acaso das suas metáforas.

Dispondo de todas as velas enfunadas para o voo da glória exterior, da glória aos olhos alheios, muitas vezes datada, quase sempre passageira, entregou-se ao encantamento deste “mundo estacionário”. Mundo que muda pouco, muitas vezes mesquinho, apertado, mas, a gosto do poeta, “os espaços arborizados dando a impressão de que é sempre domingo na natureza”. Domingos que ele próprio fazia, obras de sua própria criação.

E como soube fazer! Ou melhor, como soube repartir com a cidade dos seus afetos a luminosidade desse olhar. Como soube nos despertar para certos ensombrados da realidade! Como nos ajudou a ver!

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

DIREITOS HUMANOS

Paraíba consolida políticas públicas interseccionais

Governo do Estado foca na equidade de gênero, raça e diversidade sexual

Lilian Viana
 lilian.vianacananea@gmail.com

Na contramão de um Brasil ainda marcado por retrocessos e resistências no campo dos direitos humanos, a Paraíba constrói, em ritmo acelerado, uma experiência rara: a consolidação de políticas públicas interseccionais, com foco na equidade de gênero, raça e diversidade sexual. À frente dessa transformação, está a Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh), conduzida por Lídia Moura, que transformou uma pasta antes periférica em referência nacional e internacional.

O segredo, como resume a secretária, cabe em quatro palavras: escuta, planejamento, territorialização e compromisso. “Aumentamos nosso orçamento em 30 vezes e conseguimos implementar o orçamento com olhar de gênero em secretarias estratégicas. Esse modelo fortalece as políticas e garante sua efetividade”, afirma.

A diferença em relação a outros estados é evidente. Enquanto Minas Gerais e Paraná rebaixaram secretarias da Mulher a coordenadorias, diminuindo sua autonomia, a Paraíba fez o caminho inverso: ampliou orçamento, criou estruturas técnicas e consolidou equipes intersetoriais. Em São Paulo, políticas de diversidade seguem fragmentadas em subsecretarias; no Rio de Janeiro, conselhos e fóruns convivem com instabilidade política.

Já a Semdh, com quatro gerências executivas – gênero, política LGBTQIAPNb+, igualdade racial e direitos humanos –, opera de forma integrada, mas com recursos próprios, o que lhe garante agilidade e protagonismo. Esse modelo de gestão interseccional e intersetorial, com quatro gerências executivas autônomas que dialogam entre si, tem chamado atenção do Brasil e do exterior. O Ministério da Igualdade Racial e até a empresa Meta já estudaram o formato desenvolvido pela Paraíba.

O reconhecimento internacional também veio por meio da participação da Semdh em delegações brasi-



Foto: Evandro Pereira

A Semdh, conduzida por Lídia Moura, ganhou referência nacional e internacional

leiras na ONU e em convites da Cepal, no México. “A história da secretaria é a história das lutas dos movimentos sociais. Avançamos porque dialogamos e construímos juntos. O nosso compromisso é transformar a vida das pessoas e garantir cidadania plena em todos os territórios”, ressalta Lídia Moura.

Programas concretos

Os resultados aparecem em números e pessoas beneficiadas. O Programa Patrulha Maria da Penha, criado em 2019, acompanha hoje 722 mulheres vítimas de violência doméstica. E nenhuma delas foi vítima de feminicídio após inserção no programa. Poucos estados podem apresentar um dado tão expressivo. “O diferencial paraibano está na integração do monitoramento policial articulado a acompanhamento psicossocial, em parceria direta com o Tribunal de Justiça e a Secretaria de Segurança”, reforça Lídia.

No campo LGBTQIAPNb+, o contraste é ainda mais evidente. A Casa Cris Nagô, primeira do Brasil criada e mantida exclusivamente por um governo estadual, já acolheu mais de 88 pessoas em situação de vulnerabilidade, com equipe multiprofissional e apoio à reinser-

“
O nosso compromisso é transformar a vida das pessoas e garantir cidadania plena”

Lídia Moura

ção social. “Em estados como Rio de Janeiro ou Rio Grande do Sul, espaços semelhantes existem, mas dependem de convênios municipais ou de organizações civis. Em São Paulo, os centros de cidadania LGBTQIAPNb+ funcionam em parceria com organizações sociais. Na Paraíba, é política de Estado, institucionalizada e contínua”, explica Lídia.

O mesmo ocorre com o Centro de Referência LGBT Pedro Alves de Sousa, em João Pessoa, que realizou mais de 3.200 atendimentos em dois anos, inclusive a trabalhadores sexuais, oferecendo desde apoio psicológico e jurídico até cursos de idiomas em parceria com instituições

privadas.

O Mês do Orgulho LGBTQIAPNb+, por exemplo, consolidou o protagonismo da Paraíba na agenda nacional, com a realização da terceira edição do Encontro Paraibano de Pessoas Trans e Travestis. Mais que um espaço de visibilidade, o evento tornou-se referência técnica e política, reunindo pesquisadores, ativistas e gestores públicos para debater direitos e políticas inclusivas. “A Paraíba tem uma produção reconhecida nacionalmente, com tecnologias sociais pioneiras no enfrentamento à LGBTfobia, à bifobia e à transfobia. O encontro mostra que as pessoas trans e travestis contribuem para a democracia e o desenvolvimento em diversas áreas”, destaca Lídia Moura.

Ao longo de todo o mês de junho, uma programação descentralizada também percorreu diferentes regiões do estado, levando desde emissão de documentos até cursos profissionalizantes e formações sobre direitos humanos. No Salão do Artesanato de Campina Grande, um estande da Semdh ofereceu atendimentos e encaminhamentos a quase 270 pessoas – “prova de que a política pública pode e deve ocupar espaços culturais e econômicos”, como frisa a secretária.

Criação de 20 novos Centros da Mulher

A transversalidade é outra marca da Semdh. Povos indígenas, quilombolas, ciganos e comunidades de matriz africana estão contemplados em programas de reflorestamento, segurança alimentar e cultura. Enquanto no Maranhão ou em Alagoas as políticas para esses grupos ainda ficam dispersas em secretarias de agricultura ou cultura, na Paraíba elas se integram a um eixo único, com projetos que vão da preservação da língua tupi-potiguara nas aldeias até linhas de crédito para mulheres ciganas.

No orçamento, o salto impressiona: a Semdh cresceu

30 vezes em poucos anos, enquanto pastas equivalentes em Pernambuco e Rio Grande do Norte, por exemplo, seguem com dotações limitadas. “A inovação está na adoção do orçamento com olhar de gênero, que obriga secretarias estratégicas, como Saúde, Educação, Cultura e Habitação, a incorporar a perspectiva da equidade. Fora da Paraíba, essa experiência ainda engatinha”, detalha Lídia Moura.

Os próximos passos mostram ainda mais ousadia no cenário nacional: criação de 20 novos Centros de Referência da Mulher, inauguração

de novos ambulatórios para travestis e transexuais (ambulatório TT) no interior, instalação do Museu da Diáspora Africana e Memorial das Etnias Paraibanas em João Pessoa, além da expansão do Empreender Mulher, que já investiu quase R\$ 10 milhões em iniciativas femininas. Tudo isso só é possível, como lembra Lídia Moura, pela força dos movimentos sociais, que pressionaram o Poder Público ao longo de décadas. “A história da Semdh é a história dos movimentos feministas, negros e LGBTQIAPNb+. Eles acumulam conhecimento, vivência e propostas. Escutá-los

é o que mantém nossa política viva e conectada às necessidades reais da população”, ressaltou.

■ Povos indígenas, quilombolas, ciganos e comunidades de matriz africana estão contemplados em programas

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A fusão das estantes

Há cerimônias de casamento que não constam em nenhum cartório. Não envolvem juízes, padres ou troca de alianças diante de uma plateia. Acontecem em silêncio, num fim de semana qualquer, com a música de fundo sendo o ruído suave das caixas de papelão rasgadas e o cheiro inconfundível de livro antigo. É o dia de juntar as bibliotecas.

Para os amantes de livros, esse é o verdadeiro ato nupcial, um pacto muito mais íntimo e revelador do que qualquer outro. Antes disso, há duas bibliotecas, dois universos particulares, duas histórias individuais contadas pelas lombadas. Ele tem seus clássicos da filosofia, sublinhados a caneta com rabiscos furiosos nas margens; ela tem seus romances do século 19, imaculados, tratados como reliquias. Ele coleciona ficção científica com capas kitsch; ela, poesia marginal em edições de bolso amassadas pelo tempo. São mundos que se complementam na teoria, mas que, na prática, vivem em territórios separados.

O convite para a fusão não vem com um pedido formal de joelho. Vem com um comentário casual, em um sábado à tarde: “Preciso arrumar a estante, está ficando pequena”. E o outro completa, num tom que tenta disfarçar a grandiosidade da sugestão: “A minha também. A gente poderia... pensar em juntá-las?”. É um momento de profunda

vulnerabilidade. É como dizer: “Eis a minha mente, minha formação, minhas paixões secretas e minhas leituras vergonhosas. Queres misturá-las com as tuas?”.

E então começa o ritual. Os livros saem das prateleiras e se acumulam no chão, pilhas de vidas passadas e futuras. É uma arqueologia do afeto. Cada volume ressurgiu com uma história *attached*. “Este me foi dado pela minha avó”, ela diz, segurando um exemplar gasto de

“O Cortiço”. “Este eu comprei numa viagem, li todo num *hostel* em Lisboa”, ele conta, exibindo um Saramago com o mapa da cidade dobrado como marcador. São mais do que objetos; são testemunhas de quem fomos e, agora, de quem seremos juntos.

A grande negociação não é sobre a cor das paredes ou o modelo do sofá. É sobre a organização do novo sistema solar que estão criando. Ordem alfabética? Uma loucura, separa autores que foram amados na mesma época. Por cor? Estética, mas impraticável. A solução, invariavelmente, é um ecletismo que só faz sentido para os dois. Os russos ficam todos juntos, formando um bloco de drama existencial. A poesia ganha uma prateleira especial, perto da janela, para ser lida com luz natural. Os livros de culinária, manchados de óleo e farinha, se misturam, criando uma nova coleção de receitas que serão testadas a quatro mãos.

O ato físico de colocar cada livro em seu novo lugar é o verdadeiro “sim”. É a aceitação de que aquele espaço agora é nosso. A biografia do Churchill vai morar ao lado dos diários da Clarice Lispector. Um manual de carpintaria divide espaço com uma antologia de sonetos. Essa justaposição aparentemente caótica é a materialização perfeita de um casamento: duas individualidades que se mantêm intactas, mas que, juntas, criam um novo significado, mais rico e complexo.

Ao final, ficam de frente para a nova estante, um monumento à vida que decidiram construir. Há vazios, é claro. Espaços propositais para os livros que ainda serão comprados, lidos e amados juntos. E esse talvez seja o maior ato de fé: acreditar que haverá um futuro de páginas por vir, e que todas elas, sem exceção, pertencerão aos dois.

Juntar bibliotecas é mais do que uma mudança; é uma declaração de amor escrita a quatro mãos, com letras de diferentes tipos e tamanhos, mas que, finalmente, conta a mesma história.

Foto: João Pedrosa

Samira de Castro

Presidente da Federação Nacional dos Jornalistas

“É fundamental que a comunicação pública seja fortalecida”



Em entrevista ao jornal *A União*, jornalista que comanda a Fenaj destacou os principais desafios da categoria no Brasil

Marcelo Lima
marcelo.apenas@gmail.com

O jornalismo é uma atividade essencial para a democracia, a cidadania e a defesa dos direitos humanos. Além de garantir o acesso da sociedade à informação de interesse público, ele exerce papel de mediação, validação e organização de fatos em meio à avalanche de conteúdos que circulam, especialmente nas redes sociais. Nesse contexto, valorizar e proteger o trabalho dos jornalistas é também fortalecer a vida democrática do país, como defendeu a presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Samira de Castro, durante entrevista concedida ao jornal *A União*. Na ocasião, Samira Castro destacou ainda os principais desafios da categoria no Brasil: o aumento da violência contra mulheres jornalistas, as condições de trabalho marcadas pela pejetização, a luta pela volta da exigência do diploma, os impactos da inteligência artificial (IA) sobre o jornalismo, a importância da comunicação pública, a necessidade de recomposição de cargos no serviço público federal e as perspectivas para o futuro da profissão. Confira a entrevista na íntegra:

A entrevista

■ Qual o motivo da sua presença na Paraíba?

Estou aqui a convite do Sindicato dos Jornalistas da Paraíba, que é da base da Fenaj. Fui reeleita e uma diretora do sindicato, Inise Machado, foi eleita vice-presidente regional Nordeste 1 da Fenaj. Ela estava pensando nessa programação há algum tempo para a gente se aproximar da categoria, dos estudantes, da própria Defensoria Pública, que tem sido uma parceira das atividades do sindicato. A oportunidade surgiu logo agora, de vir aqui, de falar de violência contra a mulher, de fazer atividades com estudantes de vários cursos de jornalismo e visitar alguns veículos também, porque, no final das contas, a Fenaj é uma organização sindical. Os sindicatos atuam na base e a federação, nacionalmente.

■ Vivemos um momento em que se tornou comum que os jornalistas fiquem acuados em razão do exercício da sua profissão. Com as mulheres, isso é mais forte?

A gente tem um levantamento, que é o relatório “Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil”. Por incrível que pareça, a gente tem uma subnotificação de casos de mulheres, porque geralmente a violência contra a mulher jornalista envolve aspectos trabalhistas, como assédio moral e assédio sexual. Assédio sexual é crime e o assédio moral está mais relacionado à questão trabalhista. E as mulheres jornalistas têm uma cultura de não denunciar aos seus sindicatos as violências cotidianas. Obviamente, a gente consegue perceber que essa violência cresceu, sobretudo nos últimos quatro anos do governo anterior. O Governo Jair Bolsonaro foi o que mais agrediu jornalistas, porque institucionalizou a violência. Isso fez crescer os ataques físicos e digitais e também contra as mulheres, porque a rede social é um ambiente em que se ataca a mulher jornalista com ameaça de morte, com exposição de dados pessoais, com vazamentos de informações, com falseamento de perfis para serem atacadas, até em sites de prostituição. Não é o questionamento do trabalho da repór-

ter, mas a mulher é xingada pela sua aparência, a sua capacidade intelectual. A gente tem que lembrar que Bolsonaro mandou uma jornalista na Bahia calar a boca. Esse é o ápice da violência vindo de uma figura institucional, que é o presidente da República. Por mais que os nossos relatórios não quantifiquem casos, em sua maioria, de vítimas mulheres, a gente percebe, sim, um crescimento relativo e absoluto da quantidade de casos contra mulheres jornalistas.

■ Como vocês percebem esse crescimento contra mulheres, já que não são registrados oficialmente?

Muitas mulheres não querem que os nomes delas constem no relatório. Às vezes, a gente diz que vai colocar sem identificar o nome, mas elas dizem: “Ah, não, pela circunstância, no meu Estado, vão saber que sou eu”. Geralmente, quando elas procuram o sindicato e se toma uma medida junto ao empregador, elas acabam demitidas. É cada vez mais complicado fazer com que essas mulheres procurem os sindicatos para denunciar. Falta também um acolhimento melhor, um acompanhamento psicológico para homens e mulheres. Mas, quando o caso envolve mulher, envolve a autoestima e vida pessoal. Os sindicatos ainda precisam evoluir no protocolo de acolhimento e acompanhamento dessas vítimas.

■ O Supremo Tribunal Federal (STF) está para tomar uma decisão sobre a “pejetização” nas relações de trabalho (quando se contrata um trabalhador como se fosse uma empresa). A Fenaj admite alguma forma dessa relação de trabalho no jornalismo?

É importante frisar que a Fenaj não é contra a pejetização no sentido de o profissional abrir uma empresa e trabalhar com vários clientes. Isso é lícito. O problema é quando essa prática é imposta pelo empregador para escamotear uma relação trabalhista, o que configura fraude. Na Bahia, por exemplo, em dois dos principais jornais — Correo e A Tarde — cerca de 90% das redações são pejetizadas. Os profissionais abrem MEIs em outras funções, já que não existe MEI de jornalista,

mas cumprem todas as características de um vínculo CLT: têm chefe, salário fixo, habitualidade. No Amazonas, a afiliada da Globo obriga jornalistas a abrir MEI para pagar R\$ 1.500 de salário. Antes, até grandes redes contratavam como PJ [Pessoa Jurídica] pagando altos salários de R\$ 40 a R\$ 100 mil, mas depois a Justiça reconhecia o vínculo e a empresa pagava muito mais. Hoje, as empresas pejetizam para pagar salário mínimo. Isso é fraude e não podemos relativizar. Agora, se o jornalista é realmente *freelancer*, vende textos, fotos, vídeos para diferentes clientes, inclusive concorrentes, sem rotina fixa em um lugar, aí, sim, não há vínculo. O que nos preocupa é o STF julgar essas situações de forma genérica, tirando da Justiça do Trabalho a competência de analisar caso a caso. Isso é temerário, porque cada contrato precisa ser confrontado com a realidade da subordinação e da habitualidade que caracterizam o emprego formal.

■ Ainda dentro do ponto das condições de trabalho, você acredita que existe a viabilidade de regulamentar novamente a profissão de jornalista pela campanha da PEC?

A Fenaj tem buscado reativar essa pauta desde 2022, quando assumi a presidência. Sentimos que é uma luta que unifica a categoria e resgata a identidade de pertencimento profissional. A defesa do diploma já vinha antes de ele ser derubado pelo STF em 2009, quando caiu junto com a Lei de Imprensa. O argumento foi de que a lei não era compatível com a Constituição de 1988. Por isso, a volta só é possível via emenda constitucional. Muitos questionam: “Mas por que só jornalista vai ter essa exigência na Constituição?”. A resposta é simples: se o STF disse que a lei era inconstitucional, a constitucionalidade só pode ser restabelecida por uma emenda. O cenário é difícil, porque a decisão do Supremo foi patrocinada por grandes grupos de mídia, principalmente em São Paulo. A partir de 2014, a Fenaj arrefeceu a pauta, já que o Congresso não tinha ambiente político. Vieram a crise, o *impeachment* de Dilma, depois Temer e Bolsonaro, ambos contrários à imprensa. Só recentemente, retomamos. Curiosamente, deputados de profissões regulamentadas, como médicos e engenheiros, apoiam a PEC porque acreditam que toda profissão precisa de formação. Outros a defendem para “enfrentar o STF”, entendendo que o tribunal legislou indevidamente. Hoje, a PEC já passou em comissão especial, está pronta para ser votada e falta apenas decisão dos líderes e do presidente da Câmara para pautá-la. A luta é dura, mas seguimos insistindo.

■ Você acredita que o sindicato local, junto ao Governo da Paraíba e outros movimentos de comunicação, pode ter uma ação decisiva nessa situação?

Com certeza. Uma coisa sou eu, como presidente da Fenaj, levar ao Congresso a pauta em nome de todos os jornalistas brasileiros. Outra

é quando a pressão vem também das bases, dos sindicatos locais, que têm contato direto com deputados e senadores. É fundamental que os sindicatos se envolvam, cobrem dos parlamentares nos estados, tragam o debate para dentro da categoria e para a sociedade, porque no Congresso nunca existe um momento ideal. A pressão precisa ser constante. Outra via é o STF: provocar uma nova decisão, não para rever a de 2009, mas porque o contexto mudou. Naquele ano, não havia redes sociais como hoje. Agora, qualquer perfil pode se colocar como fonte de informação jornalística, confundindo a sociedade. Por isso, acreditamos que a PEC do Diploma pode vir junto com uma atualização mais ampla da regulamentação profissional, que é de 1979 e não contempla as funções digitais de hoje. Ou seja, a luta do diploma se conecta à luta por modernizar a regulamentação do jornalismo.

■ Ainda sobre atualização, qual a posição da Fenaj em relação ao uso de inteligência artificial, especialmente no treinamento de modelos com conteúdo jornalístico?

Esse é um tema central. Defendemos que qualquer conteúdo jornalístico usado para treinar inteligência artificial generativa seja remunerado com direito autoral, pago diretamente a quem produziu — jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas. Hoje, buscadores já oferecem resumos gerados por IA, tirando tráfego dos sites e reduzindo receita. É uma apropriação do nosso trabalho sem remuneração. A Fenaj tem atuado no Congresso para que o PL das Plataformas Digitais inclua um capítulo específico sobre jornalismo. Também pedimos ao Cade [Conselho Administrativo de Defesa Econômica] que não archive processos contra práticas abusivas de empresas como Google, justamente porque a IA agrava esse cenário. O problema é que, para eles, concorrência ainda é vista apenas em termos de bens físicos, e não de ativos intangíveis como o jornalismo. Temos dialogado com artistas, roteiristas, dubladores e escritores, que enfrentam questões semelhantes com o uso indevido de suas criações, e eles estão mais organizados nesse debate. Queremos estar juntos nessa luta. Regular é fundamental, porque o jornalismo não pode assistir passivamente à apropriação de seu conteúdo sem retorno financeiro ou valorização profissional.

■ Recentemente, a Empresa Brasileira de Comunicação (EBC) instalou comitês de participação social. Como a Fenaj avalia a importância dessa iniciativa?

Primeiro, é preciso compreender que comunicação é uma política pública. Se todos os direitos humanos têm suas políticas públicas, também devemos garantir acesso à população a uma comunicação de qualidade, de interesse público — não apenas governamental. A EBC passa por um processo de reconstrução, mas ainda aquém do esperado. Desde 2016, com o *impeachment* de Dil-

ma, vimos retrocessos: o Conselho Curador foi extinto, a presidência foi destituída e a estrutura foi aparelhada. Com Bolsonaro, isso se aprofundou. Hoje, a empresa tem dificuldade até em recompor quadros por falta de concursos. Os comitês de participação social surgem como alternativa para recuperar um mínimo de controle da sociedade sobre a EBC. Não é o modelo ideal, mas é um passo. A Fenaj participa desses comitês e luta para que eles garantam diversidade e acessibilidade, como transmissão das reuniões com intérprete de Libras e audiodescrição, por exemplo. É fundamental que a comunicação pública seja fortalecida, porque ela é capital social e político do país, com rádios, TVs e agências que devem servir à sociedade, não a governos.

■ E sobre o decreto que extinguiu cargos de jornalistas no serviço público federal? O que precisa para ser revogado?

Esse é um dos desafios que enfrentamos. Assim que assumimos a Fenaj, em 2022, pedimos audiência ao Ministério da Gestão e Inovação para tratar do tema. O decreto começou no Governo Temer e foi aprofundado no Governo Bolsonaro, extinguindo cargos como repórter fotográfico, cinematográfico e jornalista, além de vetar novos concursos. O argumento do governo atual é que não foram só jornalistas, mas várias carreiras. Nossa resposta para essa questão é simples: revogue para todos. As universidades e institutos federais precisam desses profissionais, assim como motoristas, laboratoristas e arquivistas. Mas o diálogo com o governo tem sido difícil em várias frentes, não só nessa. A revogação de medidas trabalhistas e previdenciárias prejudiciais aos trabalhadores também não avançou. Seguiremos pressionando, inclusive em articulação com sindicatos de servidores e entidades da Educação. Terceirizar funções essenciais da comunicação pública é mais caro, mais precário e enfraquece o caráter permanente e qualificado do serviço público.

■ Por fim: você acredita que o jornalismo tem futuro?

Sem dúvida. Se não acreditasse, não estaria no movimento sindical lutando pela sobrevivência da profissão. Vivemos na economia da atenção, em que a informação é poder e cidadania. O jornalismo tem o papel de mediar, de organizar e de validar as informações que circulam, oferecendo à sociedade aquilo que o mercado privado não entrega. Quando um veículo público leva informação de interesse coletivo, ele promove cidadania, assim como a Defensoria Pública promove justiça. Mesmo com a banalização de quem é ou não jornalista, temos a responsabilidade de sermos os curadores da informação que transforma a sociedade. Isso nos dá relevância permanente. A profissão vai continuar existindo, porque a sociedade sempre vai precisar de jornalistas comprometidos com a verdade, com a democracia e com os direitos da população.

MEIO AMBIENTE

Tráfico de aves lidera apreensões

De janeiro a julho deste ano, mais de mil animais silvestres foram encaminhados ao Cetas de Cabedelo

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

As aves são uns dos animais mais cobiçados no tráfico internacional da fauna paraibana. Em 2024, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis na Paraíba (Ibama-PB) recolheu 2.610 aves, frutos de apreensões, fiscalizações, resgates e entregas voluntárias. O número representa uma média de 217 pássaros por mês. Considerando, portanto, todos os tipos de animais confiscados pelo Ibama-PB no ano passado (2.900), 90% foram aves. No primeiro semestre deste ano, o montante contabilizado pelo órgão é de 788 aves, ou seja, cerca de 130 mensalmente.

Não só a Paraíba, mas o Brasil como um todo, possui uma grande variedade de aves. Isso torna o país um foco de tráfico ilegal. Infelizmente, apesar de constituir ato ilícito, é comum encontrar espécies silvestres, isto é, oriundas da fauna brasileira, sendo criadas em gaiolas, como animais domésticos, de maneira irregular.

As espécies apreendidas mais comuns são: papa-capim, coleirinha ou golado,

galo de campina, azulão, caboclinho, papagaio-verdadeiro e papagaio-do-mangue.

De acordo com o Ibama-PB, os animais apreendidos são encaminhados ao Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas) do município de Cabedelo, Região Metropolitana de João Pessoa. Lá, eles são submetidos a avaliação médica veterinária e reabilitação para, posteriormente, retornarem à natureza.

Conforme explicou o médico veterinário do Cetas, Glenison Dias, as aves que chegam ao centro têm origens variadas — geralmente apreensões em feiras e retiradas de residências — e apresentam problemas de saúde específicos conforme a procedência. “As aves vindas de feiras, em sua maioria recém-coletadas e já destinadas à venda, chegam sob intenso estresse provocado pela captura, pela superlotação e pela mudança de alimentação”, explicou.

A redução de peso corporal e as doenças cardíacas decorrentes do estresse estão entre os sintomas mais comuns nas aves que chegam ao centro de triagem. “Já as que vêm de residências, em geral, apresentam enfermidades

de caráter mais crônico, como obesidade e problemas nos pés e no bico. Papagaios apreendidos costumam desenvolver doenças hepáticas em razão de erros de alimentação e manejo, condição que também pode afetar pássaros de gaiola”, destacou.

O superintendente do Ibama, Geandro Guerreiro, relatou que os infratores — pessoas que comercializam ou mantêm aves silvestres de forma irregular — são encaminhados à Delegacia de Polícia Civil. Nesses casos, podem responder pelos crimes de tráfico de animais silvestres e maus-tratos. “Contudo, apenas pelo crime ambiental não há prisão quando o acusado é réu primário”, explicou.

■ A lei define que os animais que constituem a fauna silvestre do Brasil são propriedade do Estado



O pássaro cujo nome científico é *Cyanoloxia brissonii*, conhecido popularmente como azulão, está entre os mais contrabandeados, pela sua beleza e canto

Ilustração: Luiza Fonseca

Comércio ilícito visa espécies ameaçadas

O Brasil possui 1.971 espécies de aves registradas, de acordo com o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. Desse número, 400 delas podem ser encontradas na Paraíba. Os animais do estado foram catalogados pelo Centro Nacional de Pesquisas para Conservação das Aves Silvestres (Cemave), centro do Instituto Chico Mendes (ICMBio). Dentre elas, espécies como o papagaio-verdadeiro, o papa-capim, o golado e o caboclinho estão ameaçadas de extinção. Além das aves que vivem no estado, há também aquelas que passam pelo litoral paraibano em suas rotas de migração.

Como um dos países com maior biodiversidade do mundo, o país enfrenta o desafio do tráfico de animais silvestres em múltiplas frentes: como fonte de fauna ilegal, rota para o comércio internacional e, nos últimos anos, como um crescente mercado consumidor de animais traficados de outros países.

O biólogo e analista ambiental do ICMBio, Getúlio Freitas, explica que as aves estão entre os grupos mais visados no tráfico, principalmente pelo canto e pela beleza estética. Ele ressalta ainda que, à medida que as espécies vão se tornando mais raras na natureza, o valor delas cresce no mercado ilegal. “Em vez de perderem o interesse em adquirir um animal por estar ameaçado de extinção, as pessoas acabam o buscando ainda mais. Quanto mais raro, mais valioso ele se torna. Isso aumenta a procura,

impulsiona o tráfico e gera um efeito em bola de neve”, pontuou.

A proibição de manter animais silvestres em residências é considerada fundamental para a preservação das espécies. O tráfico de fauna está entre os ilícitos mais lucrativos do mundo, sendo apontado como a terceira maior atividade ilegal do planeta, atrás apenas do tráfico de drogas e de armas, segundo a Rede Nacional de Combate ao Tráfico de Animais Silvestres (Renctas). Ainda conforme a entidade, o comércio clandestino retira da natureza cerca de 38 milhões de animais silvestres por ano no Brasil, movimentando aproximadamente R\$ 2 bilhões anuais.

Legislação

De acordo com a Lei Federal nº 5.197, que dispõe sobre a proteção à fauna, os animais, de quaisquer espécies, que constituem a fauna,

na silvestre, bem como seus ninhos e abrigos são propriedades do Estado, sendo proibida, então, a sua utilização, perseguição, destruição, caça ou apanha. Assim, fica evidente que a retirada desses animais da natureza constitui ação proibida.

Já a lei de crimes ambientais evidencia esse fato, postulando que “matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização de autoridades competentes, acarreta pena de detenção de seis meses a um ano e multa”. Ressalta ainda que incorre na mesma pena quem vende, expõe à venda, exporta ou adquire, guarda, tem em cativeiro ou depósito, animais silvestres.

Para aves silvestres — da fauna brasileira — ou exóticas — provenientes de outros países —, a fiscalização é de competência do Ibama.

Apreensões

De janeiro a julho de 2025, aproximadamente, 1.062 animais silvestres foram encaminhados ao Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas) de Cabedelo, apreendidos durante operações voltadas ao combate do desmatamento ilegal, tráfico de fauna e pesca irregular.

As aves foram a classe com maior número de espécimes apreendidos, seguido por mamíferos, com 177 animais do total, e répteis, com 97.

Saiba mais

A conscientização e a fiscalização contínua são fundamentais para preservar as espécies e garantir o equilíbrio ambiental da região. A população, de modo geral, também tem papel fundamental no combate ao tráfico de animais. É possível fazer denúncias anonimamente pela Linha Verde do Ibama, por meio do número 0800 061 8080.



Neste ano, em média, foram recolhidos 130 pássaros por mês

Saiba Mais

As aves frequentemente apreendidas e encaminhadas ao Cetas (essas espécies pertencem, principalmente, às famílias *Thraupidae* e *Psittacidae*):

- *Sicalis flaveola* (canário-da-terra)
- *Sporophila nigricollis* (papa-capim)
- *Sporophila caeruleus* (coleirinha ou golado)
- *Sporophila bouvreuil* (caboclinho)
- *Amazona aestiva* (papagaio-verdadeiro)
- *Amazona amazonica* (papagaio-do-mangue)
- *Paroaria dominicana* (galo-de-campina)
- *Cyanoloxia brissonii* (azulão)



Ibama é a instituição responsável pelas ações de vigilância com objetivo de coibir os crimes

TRADIÇÃO X MODERNIDADE

Ofícios manuais ainda resistem

Trabalho artesanal mantém-se vivo, mas enfrenta o desinteresse das novas gerações e o avanço da cultura descartável

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

O barulho das máquinas de costura e o cheiro característico de couro tratado ainda marcam presença na pequena oficina de Dona Zetha, no Centro de João Pessoa. Atrás de um balcão repleto de bolsas, sapatos e tênis aguardando conserto, ela se move com agilidade aos 65 anos — quase 66 —, ajustando peças com a precisão que o ofício exige. Desde a década de 1990, quando deixou de ser dona de casa para acompanhar a filha nos estudos, no Centro da cidade, e passou a integrar a “CTI dos Consertos”, herdada do sogro, Dona Zetha mantém viva uma atividade cada vez mais rara: o reparo de calçados e bolsas.

“Hoje, atendo entre 50 e 70 clientes por dia, mas a procura caiu. Minha filha fez Direito e seguiu outro caminho. Ela gosta de comércio, mas diz que trabalhar com sapato é estressante; muita pressão e pouco tempo para fazer tudo”, relata. Sua história reflete a de milhares de artesãos que viram os filhos abandonarem o ofício da família — o trabalho manufaturado — para buscar carreiras mais rentáveis, menos desgastantes e alinhadas ao mercado contemporâneo.

Fenômeno semelhante é observado no bairro de Jaguaribe, onde Francisco Cavalcanti de Farias comanda, há 44 anos, o “Hospital de Brinquedos”. Ali, bonecas, carri-

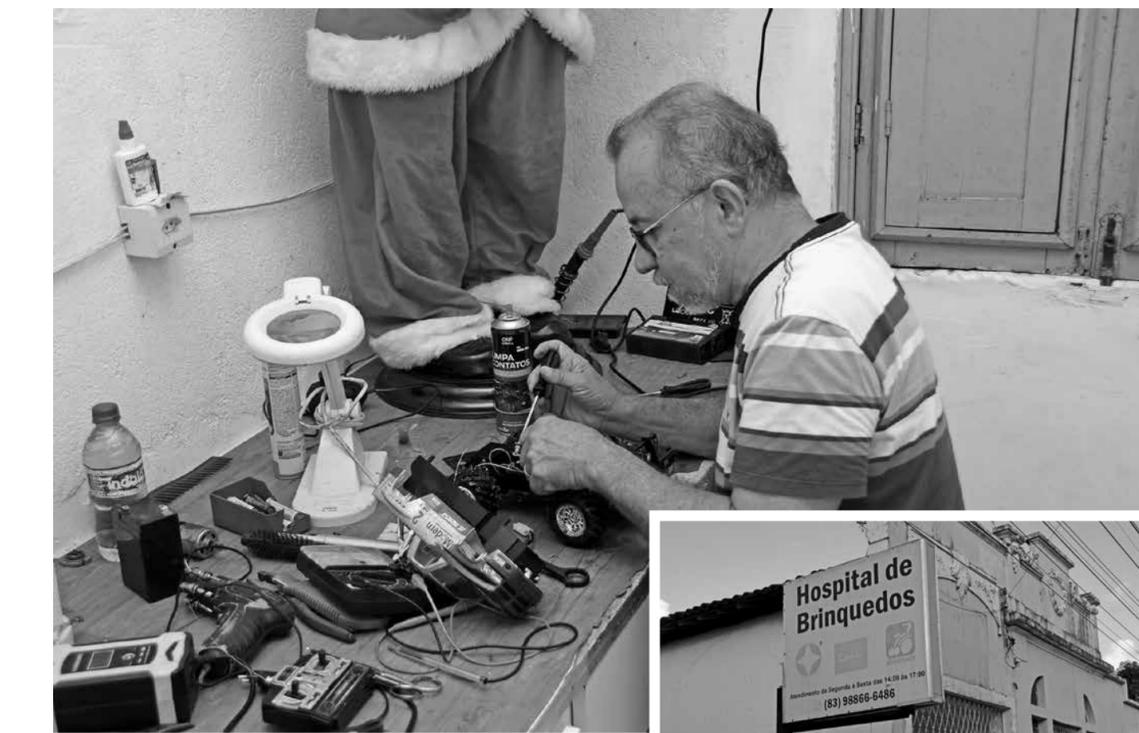
nhos elétricos e enfeites natalinos ganham nova vida graças a um trabalho que ele chama de “sacerdócio”. “Já consertei o brinquedo de um rapaz que hoje tem 38 anos, e também para a filha dele, de três. Isso me emociona. Mas hoje muita coisa é descartável e, sem peças de reposição, fica cada vez mais difícil consertar”.

O apego com a arte do fazer, no entanto, não foi suficiente para atrair os filhos para a sucessão. Francisco lembra que todos já trabalharam com ele, mas seguiram outras carreiras. “Meu filho dizia: ‘Pai, trabalhe só com alguns tipos de brinquedos, você vai se desgastar menos’. Mas, para mim, o valor está na importância daquele brinquedo para a criança e para a família”.

Mesmo diante da falta de sucessão no ofício, Francisco e Dona Zetha não cogitam abandonar o trabalho. “Enquanto Deus me der saúde, vou continuar”, diz ele, aos 65 anos. A mesma determinação se ouve na fala de Dona Zetha: “Até o dia que Deus disser que é hora de parar, eu fico aqui”. Para ambos, a motivação vai além do dinheiro. É sobre preservar memórias, manter vivo um conhecimento acumulado e oferecer soluções que evitam o descarte imediato.

Fim de linha e e-lixo

Para o historiador Everaldo Alves, não se trata apenas de um movimento



Seu Francisco, à frente do Hospital de Brinquedos há 44 anos, relata que, embora seus filhos não tenham dado continuidade ao ofício, permanecerá nele até quando Deus permitir

de “fim de linha” para algumas profissões, mas de uma transformação social. “Historicamente, esses ofícios eram passados de pai para filho, constituindo o alicerce de comunidades inteiras. Hoje, as novas gerações buscam — e encontram — alternativas. Isso é positivo, porque muitas dessas funções eram mal remuneradas e pouco reconhecidas”.

A ausência desses profissionais, entretanto, cria uma

lacuna real. Sem sapateiros, consertadores de brinquedos ou técnicos de pequenos eletrodomésticos, consumidores ficarão reféns do mercado de substituição, comprando novos produtos a cada de feito. Isso não só pesa no orçamento das famílias como contribui para a crise ambiental. “Quando não conseguimos consertar, jogamos fora. Isso significa mais lixo, mais poluição e mais extração de recursos naturais”, reforça o

historiador.

O peso ambiental já é bem expressivo. O Brasil gera 2,4 milhões de toneladas de lixo eletrônico por ano, mas recicla apenas 3,3% formalmente, segundo dados do Monitor Global de Resíduos Eletrônicos, da Organização das Nações Unidas (ONU), divulgados em março deste ano. Além de ser o maior produtor de resíduos eletrônicos da América do Sul, o país figura entre os cinco maiores gera-

dores de lixo do mundo.

Globalmente, em 2022, foram 62 milhões de toneladas, com reciclagem correta de apenas 22,3%, um crescimento de 82% em comparação com 2010. Brinquedos e pequenos dispositivos têm índices ainda piores — cerca de 12%. Se colocados em caminhões, esses resíduos encheriam mais de 1,5 milhão de veículos, o suficiente para formar uma longa fila para dar a volta na linha do Equador.

Inteligência artificial redefine lógica do mercado de trabalho

Enquanto algumas profissões caminham para o desaparecimento, outras crescem em ritmo acelerado, impulsionadas por tecnologia, automação e novas demandas de mercado. Para a psicóloga e mentora de carreira Aline Neves, o ritmo das transformações é o maior já visto. “Saber trabalhar com inteligência artificial hoje é tão importante quanto saber usar um computador nos anos 2000. Profissões como operadores de telemarketing, digitadores e caixas de supermercado já estão em declínio acelerado”, destaca.

Aline explica que, em contrapartida, áreas como desenvolvimento de *software*, cibersegurança, UX/UI design, análise de dados e sustentabilidade vivem um *boom*. “Muitas dessas funções eram pouco conhecidas há alguns anos e hoje pagam muito bem, principalmente pela escassez de profissionais qualificados. É o famoso apagão de talentos”, explica.

A especialista reforça que a inovação não elimina necessariamente profissões, mas transforma seu perfil. “O médico radiologista, por exemplo, passa a usar IA

para análises preliminares, mas ainda é ele quem interpreta e decide. O mesmo vale para professores, *designers* e engenheiros. Quem se adapta, integra tecnologia e mantém a criatividade, tende a se manter relevante”.

Essa transição já influencia, inclusive, a forma como os jovens planejam seu futuro. Pesquisa da Arcos Dorados, operadora do McDonald’s no Brasil, realizada em parceria com a consultoria Trendicity, mostra que 57,3% dos jovens latino-americanos consideram o impacto da inteligência artificial ao es-

colher uma carreira, e 75% reconhecem a importância de desenvolverem habilidades específicas para o mercado.

Segundo Mariana Scalzo, diretora de Comunicação da Arcos Dorados, o objetivo é preparar essa geração para serem protagonistas no mundo do trabalho. “Para além de ensinar sobre ferramentas tecnológicas, nosso compromisso é ajudar os jovens a desenvolverem uma visão crítica

sobre o futuro do trabalho e suas próprias escolhas. Queremos que se sintam preparados e sejam protagonistas de sua trajetória, explorando ao máximo o seu potencial”, afirma.

É também o que ocorre na AeC, empresa referência no setor de experiência do cliente. Em um movimento não apenas tecnológico, mas estratégico, a companhia uniu inteligência artificial e atendimento humano para oferecer soluções mais rápidas e empáticas. “A tecnologia aumenta nossa competitividade, mas o fa-

tor humano é o que garante a conexão real com o cliente. Temos orgulho de liderar a evolução do Brasil e de continuar criando oportunidades que transformam vidas em todo o país”, afirma Raphael Duailibi, CEO da AeC.

Ao mesmo tempo em que investem em automação e inteligência artificial, empresas como AeC e Arcos Dorados reforçam a ideia de que adaptação e qualificação contínua são as chaves para manter a relevância profissional em um cenário de transformações aceleradas.



Como parte de sua estratégia, empresa busca unir as inteligências artificial e humana



Muitas dessas funções eram pouco conhecidas e hoje pagam muito bem, principalmente pela escassez de profissionais qualificados

Aline Neves

PROFISSÕES EM DECLÍNIO

- Operadores de telemarketing
- Digitadores
- Caixas de supermercado
- Agentes de viagens

PROFISSÕES EM CRESCIMENTO

- Desenvolvedores de software e programadores
- Profissionais de cibersegurança
- UX/UI Designers
- Analistas de dados e cientistas de dados

ESTATÍSTICAS DE E-LIXO

2,4 milhões de toneladas de resíduos eletrônicos gerados no Brasil por ano

3,3% é reciclado formalmente

NAUFRÁGIO EM 1975

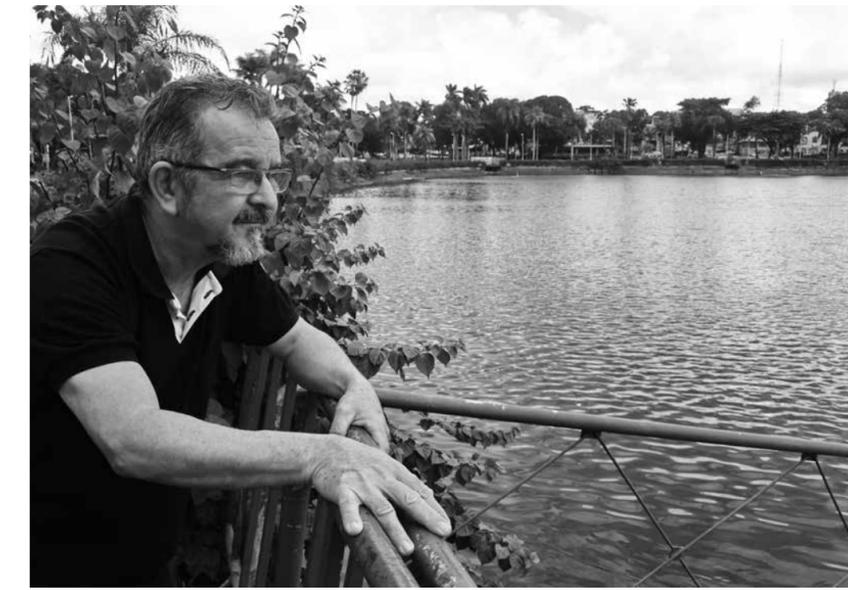
Tragédia da Lagoa completa 50 anos

Testemunhas recordam episódio que resultou na morte de 35 pessoas, incluindo 29 crianças, no Centro de João Pessoa

Camila Monteiro
 milabmonteiro@gmail.com

Em 24 de agosto de 1975, há exatos 50 anos, ocorria uma das maiores tragédias da história de João Pessoa. Era um domingo festivo e o Parque Solon de Lucena sedia uma exposição do Exército, em comemoração ao Dia do Soldado, celebrado em 25 de agosto. Os transeuntes podiam ver itens do universo militar, como canhões e viaturas, mas o que chamou mais a atenção dos que ali estavam foi o passeio de portada tipo M-2, uma espécie de balsa, pela Lagoa. “O clima era de festa, as pessoas ansiavam para andar na balsa. Eu e meu colega tínhamos, em média, 16 anos. Decidimos dar uma volta, mas eu já estava percebendo que a embarcação ficava cada vez mais superlotada”, afirma Luiz Gonzaga, servidor da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), que esteve presente naquele dia.

O historiador Ângelo Emílio da Silva, que também compartilhou da mesma experiência, destaca que, na época, passear de barco era uma



Luiz Gonzaga foi um dos muitos pessoenses que subiram a bordo da portada, antes do acidente

grande novidade para a maioria da população. Como, na década de 1970, a vida na capital concentrava-se mais no Centro, não eram tão comuns as atividades desse tipo. “Eu quis estar presente. A gente estava passando de carro e, vendo aquele barco, a ânsia de ir ali era grande, mas minha mãe proibiu. Disse que não deixaria, que achava inseguro”, relata o historiador.

Após terem feito o passeio na embarcação, Luiz Gonzaga e seu amigo foram dar uma volta por um quarteirão próximo, onde fica o prédio do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), na Avenida Presidente Getúlio Vargas. “Quando voltamos, o clima era totalmente inverso: as pessoas corriam desesperadas, de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Então, fomos para nossas ca-

sas, sem nos darmos conta do que havia acontecido”, recorda Luiz, explicando ter achado que aquilo pudesse ser uma briga generalizada ou outro tipo de confusão.

Mas a situação era outra. Às 17h15 da tarde, quando o sol já estava quase se pondo, na última viagem da portada, aconteceu algo inesperado. Como era hora da volta deradeira do veículo, as pessoas

Repentino

Fato ocorreu em meio a atividades comemorativas pelo Dia do Soldado, no Parque Solon de Lucena, onde estavam sendo oferecidos passeios aquáticos

que estavam na fila não queriam ir para casa sem vivenciar a experiência. A embarcação partiu lotada — quem estava na margem quase não via o barco, quando ele se aproximava do centro da Lagoa. De repente, ouviram-se gritos, principalmente de crianças: a portada começava a afundar.

A mãe de Ângelo tinha razão. “Como iriam encerrar os passeios, e como tinha muita gente para ir ou querendo ir de novo, eles não fizeram um controle para dizer: ‘Olha, não pode mais, está cheio. Está

passando do limite de segurança’. Aceitaram que fosse um contingente maior de pessoas e ocorreu o naufrágio”, pontua o historiador.

Resgate

Das 35 vítimas, 29 eram crianças. Estima-se que cinco mil pessoas observaram tudo da margem. Segundo consta em uma edição da época do jornal *A União*, 50 homens participaram dos resgates, que mobilizaram bombeiros, policiais e quase todas as unidades militares da Paraíba, além de algumas outras da região, bem como autoridades do Exército. O primeiro corpo a ser retirado da água foi o de Maria Elizete de Almeida, de 40 anos. O último foi encontrado apenas na terça-feira seguinte.

Entre as vítimas, também está o sargento Reginaldo Calixto. Ele passava pela localidade, quando percebeu o tumulto e, sem pestanejar, jogou-se na água para tentar ajudar o resgate. Reginaldo nadava até a área do naufrágio, pegava uma criança e voltava à margem. No terceiro trajeto, contudo, dois menores agarraram-se a ele, em desespero, e o sargento não retornou mais.

“Todos conheciam alguém ligado às vítimas”, diz historiador

“O dia mais triste da história da cidade”. Esse foi o título do artigo escrito pelo historiador Ângelo Emílio e publicado em um caderno especial do jornal *A União* daquele ano. “O número de vítimas crianças é uma coisa terrível. Acredito que talvez seja, sim, um dos dias mais tristes, porque foi uma coisa chocante. Marcou muita gente. Todo mundo conhecia alguém relacionado às vítimas — um vizinho, um parente, um conhecido”, diz.

Luiz Gonzaga confessa não lembrar se alguém que estava no passeio com ele trouxe colete salva-vidas, mas ele mesmo não vestiu o equipamento de proteção. Ângelo corrobora a versão dos fatos segundo a qual as pessoas que partiam na portada não estavam utilizando acessórios de segurança. “Naquele tem-



Foto: Arquivo Pessoal

Acredito que seja, sim, um dos dias mais tristes [da história da cidade], porque foi uma coisa chocante

Ângelo Emílio da Silva

po, já era algo posto a superlotação ter sido a causa. Mas acontece que você tem regras de segurança. Não se pode colocar em uma embarcação mais gente do que pode. E mais, sem os coletes salva-vidas, sem os equipamentos necessários para qualquer emergência”, aponta.

Em nota publicada naquele ano e divulgada na edição de 26 de agosto do jornal *A União*, o Comando do 1º Grupamento de Engenharia explicou que aquele mesmo barco tinha capacidade para oito toneladas de carga e já havia sido utilizado nos dias anteriores de programação, transportando, ao todo, cerca de 6.300 pessoas, além de também ter sido usado no ano anterior, sem que tivesse havido qualquer intercorrência. No mesmo texto, a causa atribuí-

da ao acidente foi outra que não a superlotação. “Em um dado momento da travessia, houve um alarme, por motivo desconhecido, de que a embarcação estaria ‘fazendo água’, o que provocou pânico. Um grande número de pessoas, deslocando-se para a frente da portada, fez com que a mesma submergisse”, disse a instituição em nota, prestando solidariedade aos familiares das vítimas e informando a abertura de inquérito para apurar as circunstâncias que provocaram o naufrágio.

Tanto o prefeito Hermano Almeida quanto o governador Ivan Bichara decretaram luto oficial por três dias, na cidade e no estado, a partir da data seguinte à tragédia. A chefia da Casa Civil do Governador do Estado suspendeu todas as audiências

com o mandatário, para que ele pudesse prestar assistência aos parentes das pessoas falecidas. “As palavras não expressam a comoção em que se envolveu a cidade, no luto e no sofrimento, mas testemunham o empenho de todos em amenizar a tragédia que desabou sobre João Pessoa, de forma fulminante e brutal”, dizia a nota emitida pelo Gabinete do Governador.

De acordo com a edição de 27 de agosto de 1975 do jornal *A União*, as famílias dos mortos foram visitadas pela secretária do Trabalho e Serviços Sociais, juntamente com assistentes sociais e oficiais do

1º Grupamento de Engenharia, com a finalidade de oferecer o apoio do governo nas providências iniciais após o acidente.

■ **Tanto o prefeito Hermano Almeida quanto o governador Ivan Bichara decretaram luto oficial por três dias**

Para não esquecer

Seguem os nomes de todas as vítimas, conforme registrado em edição do jornal *A União* daquele ano:

- Ailton de Souza, 11 anos
- Alexandre Pinto de Lemos, três anos
- Bernadete de Lourdes Azevedo Rodrigues, 13 anos
- Carlos Alberto Nóbrega, 19 anos
- Cláudio José Freitas de Almeida, nove anos
- Denize de Azevedo Leite, 10 anos
- Edilio Basseto, 30 anos
- Eredimar Batista Leite Gomes, oito anos
- Ermes Pessoa de Almeida Filho, 11 anos
- Francinete Marinho, 17 anos
- Geane Sandra Arruda e Silva, seis anos
- Genilda da Silva Amorim, 20 anos
- Genival Barros de Araújo, 14 anos
- Gildivam Vieira da Silva, sete anos
- Gilson Viera da Silva, cinco anos
- Irene Lopes Vieira, 43 anos
- Ivânia das Neves Silva, três anos
- Ivanilson Pinto de Lemos, cinco anos
- Jailma Batista Leite Gomes, nove anos
- Jailton Batista Leite Gomes, seis anos
- Jean Sérgio de Arruda e Silva
- João Elder Bandeira de Almeida
- Joelma Solange de Arruda, três anos
- José Soares
- José Wertes Abrantes de França, sete anos
- Maria Célia Silva
- Maria da Conceição, 13 anos
- Maria de Fátima Genésio dos Santos
- Maria Elizete de Almeida, 40 anos
- Maria José Apolinário da Silva, 22 anos
- Marieta de Souza da Silva
- Paulo Sérgio da Silva Mesquita, sete anos
- Paulo Xavier de Mesquita
- Reginaldo Calixto da Silva, 30 anos
- Wilberto Rodrigues da Silva, sete anos

Pessoenses defendem criação de um memorial

Das famílias afetadas pelo episódio, 26 entraram na Justiça e tiveram seu direito de reparação reconhecido, sendo o Estado federal responsabilizado pelo acidente; contudo, meia década depois, ninguém foi culpabilizado nominalmente e a tragédia é muito pouco lembrada.

“Creio ser importante lembrar a tragédia da Lagoa, como memorial aos que se foram, e para que as autoridades possam ter maiores critérios na hora de oferecer algo dessa natureza, sobretudo envolvendo uma grande massa”, ressalta Luiz Gonzaga. Ângelo Emílio é um grande defensor da criação de um monumento em homenagem às vítimas. “Seria extremamente injusto, da nossa parte, deixar, pro-

positalmente ou por descuido, essa memória se apagar. Essa memória é importante para que esses nomes fiquem, para nos lembrar da presença física e social dessas pessoas e da necessidade de sempre se defender o maior cuidado com as atividades públicas”, observa o historiador.

Em um esforço desse tipo, a TV Assembleia da Paraíba chegou a produzir o documentário “Lagoa 1975: o passeio que não terminou”. Na obra de 14 minutos, o jornalista Gilvan de Brito — que também escreveu o livro “Opus Diaboli: A Lagoa e Outras Tragédias” — relata que, inicialmente, o oficial que estava encarregado pelo passeio negou-se a levar aquela quantidade superior de pessoas. No en-

tanto, a insistência teria sido tão grande que ele acabou aceitando incluir todos que aguardavam na fila. Segundo o documentário, a capacidade máxima era de 60 pessoas, mas subiram por volta de 200 a bordo.

Agenda

Para celebrar o Dia do Soldado deste ano, o 1º Grupamento de Engenharia está promovendo uma semana de atividades comemorativas, incluindo eventos internos e abertos à sociedade civil, como palestras, celebrações religiosas e competições esportivas. As ações tiveram início ontem e seguem até a próxima sexta-feira (29).

Hoje, às 19h, o Manaira Shopping será palco de uma apresentação da Retreta da

Banda de Música da Guarnição de João Pessoa. Já a solenidade militar referente à data festiva acontecerá amanhã, às 9h, no 15º Batalhão de Infantaria Motorizada, na capital. Haverá a presença de tropas e de autoridades, além da entrega de condecorações.

■ **Naufrágio foi tema do documentário “Lagoa 1975: o passeio que não terminou”, com o jornalista Gilvan de Brito**

CAMINHOS DO FRIO

Terra natal de Jackson recebe Alceu

Pernambucano está entre as atrações do festival itinerante em Alagoa Grande, berço do ícone da música regional

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

A Rota Cultural Caminhos do Frio chega, amanhã, a Alagoa Grande, a penúltima cidade a receber o festival itinerante em 2025. Com uma população de cerca de 26 mil habitantes, conforme o Censo Demográfico de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município é considerado o maior produtor de fava do Brasil e conhecido como berço do cantor, compositor e multi-instrumentista Jackson do Pandeiro, além da líder sindical Margarida Maria Alves — duas importantes personalidades da Paraíba e de todo o Brasil.

Entre os atrativos de destaque do tradicional circuito do Brejo, nos próximos dias, Alagoa Grande receberá o artista pernambucano Alceu Valença. A agenda especial de atividades, que prosseguirá no município até o próximo domingo (31), também oferecerá ao público visitantes oportunidades de

conhecer a rica cultura e os variados produtos turísticos locais, como o Teatro Santa Ignêz — o terceiro mais antigo do estado —, o Memorial Jackson do Pandeiro, o engenho de fabricação da Cachaça Volúpia e a comunidade Caiana dos Crioulos.

Lançado em Areia, no fim de junho, o 18º Caminhos do Frio encerra, hoje, sua programação em Bananeiras, após ter passado por Pilões, Matinhas, Solânea, Serraria, Borborema e Remígio. Com o tema “Celebrando os Povos Tradicionais”, o evento concluirá sua edição deste ano em Alagoa Nova, que o sediará de 1º a 7 de setembro. O festival é promovido pelo Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (FRITSB-PB), com o apoio do Governo Estadual, do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas na Paraíba (Sebrae-PB), da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo no estado (Fecomércio-PB) e das prefeituras das 10 cidades parti-

cipantes. Seu objetivo é proporcionar uma ampla gama de atrações, incluindo apresentações musicais, espetáculos teatrais, experiências culinárias e atividades de imersão na natureza.

Projeção

Para a secretária de Turismo e Cultura de Alagoa Grande, Tamyres Dysa da Luz, a expectativa é de que 10 mil pessoas passem pela cidade, somente nos dias dos grandes shows do Caminhos do Frio — na próxima sexta-feira (29) e no sábado (30) —, com a perspectiva de que a semana de atividades totalize o dobro desse montante. Segundo a representante da gestão municipal, todos os equipamentos de cultura da cidade estarão funcionando nos três turnos, com condutores à disposição para receber o público.

Tamyres destacou a participação de talentos da terra em meio às atrações da agenda. “Acolhemos todos os projetos inscritos pelos artistas locais. Teremos uma



Fotos: Divulgação/Prefeitura de Alagoa Grande



Exibindo um enorme pandeiro em seu portal de entrada, cidade também se destaca como a maior produtora nacional de fava

semana repleta de cultura e de intervenções artísticas, inclusive durante a sexta-feira e o sábado. Os intervalos entre as bandas contarão com essas apresentações”, adiantou a secretária, acrescentando que a fava também terá espaço garantido na programação: “Trabalharemos esse alimento como elemento de protagonismo gastronômico”.

Tradições e talentos regionais prometem encantar o público

Com a presença de representantes do Conselho Municipal de Turismo e da Associação de Turismo de Alagoa Grande, a cerimônia de abertura do Caminhos do Frio na cidade, amanhã, inclui apresentações musicais, como o Momento Jackson Coco Forrozado, com uma orquestra de pandeiro; uma performance das cirandeiros da comunidade Caiana dos Crioulos; e o espetáculo de coco de roda do grupo folclórico Raízes. Feiras de artesanato e de gastronomia terão início no hall do Teatro Santa Ignêz. Na próxima terça-feira (26), a produção local de artes cênicas ganha espaço, além de um concerto do Programa de Inclusão através da Música e das Artes (Prima).

Entre os destaques da quarta-feira (27), está a mostra de cinema, que começa às 9h. Apresentações circenses e contação de histórias inte-



Foto: Divulgação/Prefeitura de Alagoa Grande

O Teatro Santa Ignêz será palco de algumas das atrações

gram a agenda do dia, que ainda contará, a partir das 19h, com um show da dupla de violeiros Mestra Soledade e Biu Cardoso, sarau poético e um encontro sobre a Marcha das Mulheres Negras. Já na quinta-feira (28), o diferencial será a experiência de acompanhar uma demonstração da torra do café com o Núcleo de Estudos em Cafeicultura (Necaf) da Uni-

versidade Federal da Paraíba (UFPB), que tem realizado projetos de resgate do legado cafeeiro do Brejo.

A sexta-feira (29) inaugura a sequência das apresentações musicais mais aguardadas pelo grande público do festival, com shows de Filipe Mello, Petrucia Valéria e Ranniery Gomes, no período noturno. Teatro, danças ancestrais e um cortejo de ma-

racatu com o grupo Maraca-grande, de Campina Grande, também compõem a programação.

O sábado (30), por sua vez, reserva a tão aguardada apresentação de Alceu Valença, que subirá ao palco do Caminhos do Frio às 23h, entoando canções de sucesso nacional, como “La Belle de Jour”, “Morena Tropicana” e “Anunciação”. Mais cedo, turistas e moradores da cidade poderão vivenciar outra série de atividades diversas, a exemplo de intervenções artísticas, feira de mangaio com coco de roda e oficina de acordeom. Além disso, os fãs do ilustre alagoa-grandense Jackson do Pandeiro poderão participar de uma oficina de pandeiro no memorial dedicado ao cantor e multi-instrumentista. A agenda musical começa por volta das 19h10, com performances de Artur Vinícius e do grupo de percussão fe-

minino As Calungas.

O domingo (31), último dia do festival em Alagoa Grande, começará com o passeio “Vivenciando Caiana”, às 8h, que prevê o percurso de uma trilha ecológica e mais uma apresentação das cirandeiros de Caiana dos Crioulos. Já aqueles que curtem aventura terão a chance de experimentar

o voo livre, tanto de parapente como de asa-delta, na Rampa do Brow — área propícia para decolagem, com um amplo espaço para pouso —, e ainda praticar rapel na ponte da saída para Areia. Para finalizar, a hora do almoço será embalada por muito forró no Engenho Lagoa Verde, onde é produzida a Cachaça Volúpia.



Foto: Teresa Duarte

Programação inclui oficina no Memorial Jackson do Pandeiro

Agenda convida turistas a conhecer as riquezas do município

Como se pode perceber, o Caminhos do Frio integra turismo e cultura, envolvendo, em sua programação, alguns dos principais atrativos de Alagoa Grande. Um desses exemplos é o Teatro Santa Ignêz, símbolo das artes no município, que foi construído em 1905 e mantém preservada sua arquitetura clássica de estilo italiano.

Já as atividades vivenciadas em Caiana dos Crioulos, comunidade quilombola que fica na Zona Rural, a uma distância de 14 km do Centro da cidade, permitem que os visitantes tenham contato direto com os costumes e as tradições dos povos originários locais, além de fomentar o desenvolvimento da região, por meio da geração de renda para a população tradicional — reconhecida, des-

de 2005, pela Fundação Cultural Palmares.

Filho ilustre

O Memorial Jackson do

Pandeiro é mais uma parada obrigatória para quem passa por Alagoa Grande. Logo em seu portal de entrada, a cidade ostenta um

enorme pandeiro, anunciando o orgulho de ser a terra de nascença do artista, batizado José Gomes Filho, que veio ao mundo em 1919. No espaço dedicado à vida e à carreira de Jackson, pode-se apreciar um acervo de roupas, instrumentos, discos e recortes de jornais que testemunham o auge desse grande artista paraibano, que transitou pelos estilos do forró, do samba e de outros ritmos nordestinos.

Iguaria

Há ainda o Engenho Lagoa Verde, polo de fabricação da Cachaça Volúpia — conhecida, entre outros atributos, por ter sido a primeira no Brasil armazenada em garrafas de porcelana. Fundado em 1946, o

engenho propicia que o visitante observe todo o processo de produção da bebida alcoólica, desde a retirada do caldo da cana-de-açúcar até o engarrafamento do produto, além de

obter informações sobre os diversos tipos da iguaria. Toda essa cadeia, aliás, desenrola-se de maneira artesanal, com o engenho realizando a própria plantação orgânica de cana.

Saiba Mais

■ Alagoa Grande foi emancipada em 1864 e elevada à categoria de cidade em 1908. Antes disso, até meados do século 19, fazia parte do município vizinho de Areia. Durante esse período, a localidade registrou um notável desenvolvimento, baseado na agricultura da cana-de-açúcar. De acordo com os historiadores locais, a exploração da mão de obra escravizada foi fundamental para essa fase de crescimento. No centro da região, ainda é possível encontrar casarões construídos por pessoas escravizadas, servindo como testemunho da prosperidade econômica daquela época.

■ As iniciativas em favor da preservação das características originais do período colonial na Paraíba permitiram que Alagoa Grande tivesse seu Centro Histórico tombado e protegido desde 2002, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep).



Foto: Marcos Augusto/Colaboração

Um dos destaques é a imersão em comunidade na Zona Rural

Antônio David registrou o bairro pessoense ao lado de Políbio Alves

LIVRO

Luz e letras

A poesia de Políbio Alves e as fotografias de Antônio David encontram-se e conversam em “*Varadouro – Navegando Imagens*”, que será lançado terça

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

O Varadouro, bairro histórico de João Pessoa, guarda memórias do escritor Políbio Alves. Ali, ao largo do Rio Sanhauá, o poeta acendeu relâmpagos e catou do mangue da vida infante matéria-prima para o ofício literário. Com tudo o que viveu durante parte da infância, construiu as imagens de seu poema longo, *Varadouro*, revisitadas pelas lentes do fotógrafo Antonio David em *Varadouro – Navegando Imagens*, livro que será lançado na próxima terça (26), às 19h, no Sesc Cabo Branco, na capital. Publicado originalmente em 1989, ele retorna em edição revista pela Editora Tamarindo e conta, ainda, com textos do jornalista Gonzaga Rodrigues e do escritor Hildeberto Barbosa Filho.

A escrita do primeiro livro levou uma década – iniciada em 1976 e concluída somente em 1986. O motivo é óbvio para aqueles que conhecem o *modus operandi* de Políbio, marcado por incansáveis revisões e contínuos descartes. “Eu escrevo um texto, guardo, daí já vou pegar ele para rasgar. Eu rasgo mais do que escrevo. Tenho o maior respeito pelo leitor, porque se não tiver leitor, não tem escritor, não tem poeta”, afirma.

Políbio recorda que a criação de *Varadouro* está vinculada à sua vivência pessoal no mangue da região. “Eu fui criado dentro do mangue, garoto pobre. Quase morri afogado na Ponte do Baralho, cantando caranguejo. Se não fossem os pescadores, eu não estaria hoje aqui para contar a história”.

Nascido em 8 de janeiro de 1941, na capital paraibana, Políbio Alves dos Santos foi alfabetizado pela mãe, Luzia Alves dos Santos. Na juventude, morou na Ilha do Bispo e no Varadouro, na Avenida 5 de Agosto, junto com a mãe e mais seis irmãos. Seu pai, Severino Pedro dos Santos, era caixeiro-viajante, mas foi Luzia, que era enfermeira, e o avô de Políbio, Zé da Luz, quem incentivou o gosto do menino pelas letras.

A primeira inclinação para a escrita surgiu por volta dos seis anos. Os livros foram seu divertimento na infância, nem por isso menos eufórica e deslumbrada. O escritor permaneceu no bairro até os 12 anos de idade, período em que começou a trabalhar. “Era uma escravidão. Eu trabalhava 20 horas para ganhar o salário míni-

mo. Eu não ia nem em casa”, recorda.

Foi nesse contexto de dificuldades que o contato com os livros surgiu como alternativa. Em uma escola de fundo de quintal, a criança humilde viajava pelo mundo inteiro e descobria um tesouro inominável. Como ele encontra a palavra certa para tudo, de pronto aponta uma metáfora para pôr no lugar da paixão que devota aos livros: loteria. Não é para menos, pois como se orgulha em dizer, os livros o salvaram.

Sua produção soma 10 títulos publicados, entre poesia, contos e romances. O primeiro foi *O que Resta dos Mortos* (1983), seguido por *Varadouro* (1989). Vieram depois *Exercício Lúdico – Invenções & Armadilhas* (1991), *Passagem Branca* (2005) e *Os Objetos Indomáveis* (2013). Em 2015, lançou *Os Ratos Amestrados Fazem Acrobacias ao Amanhecer* (contos) e *La Habana Vieja – Olhos de Ver* (poesia). Dois anos mais tarde publicou *A Leste dos Homens* (romance). Os títulos seguintes foram *Acendedor de Relâmpagos* (2018), *Outono – Memorial da Escritura* (2024) e *Aquele Homem Decorava Ervas Amargas* (2025).

A obra do escritor alcançou, inclusive, reconhecimento institucional. Em 2001, recebeu a Medalha Poeta Augusto dos Anjos da Assembleia Legislativa da Paraíba. No ano seguinte, a Câmara Municipal de João Pessoa concedeu-lhe a Comenda Cidade de João Pessoa. Em 2022, foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, nesse mesmo ano, sua produção literária foi declarada Patrimônio Cultural Imaterial do Estado da Paraíba, pela Lei nº 12.313, de 31 de maio, também reconhecida como patrimônio imaterial pela Câmara Municipal de João Pessoa.

Imagens épicas

Varadouro – Navegando Imagens chega ao público com fotos de Antônio David, inseridas em diálogo intersemiótico com o grande poema. “As fotos não são aleatórias. Cada parte do poema tem a ver com a foto. Nós fizemos, ultimamente, três viagens dentro do mangue, dentro de uma canoa, e fotografamos tudo ali. Eu digo que David é o poeta da fotografia. Ele tem uma sensibilidade à flor da pele”, observa Políbio.

Indagado sobre a origem da obra, Antônio David teve de relembrar o primeiro contato que teve com o escritor: “Eu já o

conhecia através de encontros, lançamentos de livros e *vernissages*, isso nos anos 1980. E nos anos 1990, Jomard Muniz de Britto conheceu Políbio e se interessou pela obra dele. Foi feito um documentário e eu fui o fotógrafo de cena. A partir daí, ele disse que estava curioso em ver um trabalho meu”.

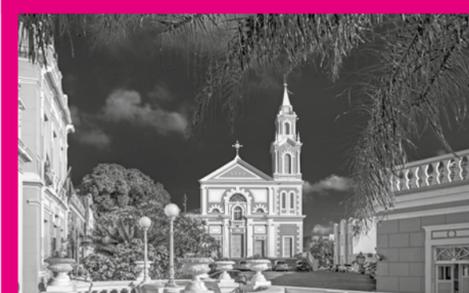
O desafio de navegar pela poética de Políbio e iluminar o pescado de seu manancial linguístico levou tempo para ser aceito. “Esse poema épico é muito polissêmico. Toda vez que eu leio, eu tenho uma interpretação. Por outro lado, ele tem uma inefabilidade, que eu não encontro palavras para descrever. Imagina você jogar isso dentro da estética fotográfica”, comenta David.

O resultado foi um conjunto de fotografias diversificadas que jogam luz na poesia atemporal, verdadeiro documento histórico para Antônio David, que quando olha para os arquivos de imagens do Centro Histórico de João Pessoa enxerga lacuna irremediável pelo tempo – função incontestada deste *Varadouro*.

“A iconografia da cidade ficou com buracos de 20 anos. Quem detinha muitas fotos eram os jornais. *Correio da Paraíba* e *O Norte* acabaram praticamente com os arquivos. Quando foi implantado o sistema *offset*, no corre-corre do fechamento, muita foto se perdeu. A iconografia de João Pessoa tem essa lacuna porque ninguém se interessou e os fotógrafos não tinham dinheiro para publicar livros”, contextualiza. Para superar os obstáculos da atual degradação urbana do bairro, Antônio recorreu a soluções visuais: “Eu pensei: vou tentar abstrair e usar a iluminação do nascer e do pôr do sol para esconder as feiuras e a dureza física dos casarões”.

Como a vida não basta, *Varadouro – Navegando Imagens* vem para recuperar o lugar originário, do mangue, do rio e seus habitantes, parte da narrativa épica de Políbio Alves, protetor das margens da história pessoense. “Eu nunca quis ser Machado de Assis. Eu sempre quis ser Políbio. Eu nunca quis ser Drummond, mas eu consegui ser Políbio. Porque aqui tem uma maioria de poetas que imitam Drummond e se acham melhor do que ele. Eu sempre quis ser Políbio Alves”, conclui o poeta.

Políbio (acima) e David (abaixo) conceberam juntos a narrativa: “As fotos não são aleatórias. Cada parte do poema tem a ver com a foto”, diz o escritor



Cenas atuais do bairro que marcou a vida do poeta

ONDE:

■ SESC CABO BRANCO (Av. Cabo Branco, nº 2788, Cabo Branco, João Pessoa).

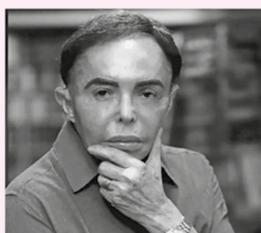


Foto: Divulgação/Fecomércio

Fotos: Antônio David/Divulgação



Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Foucault, sexualidade e verdade

Michel Foucault, como um bom leitor de Nietzsche, afirmava que se o conhecimento possuísse algum valor moral, esse não se conservaria eternamente, pois estaria sujeito a variações históricas. Achava que o ideal de uma ciência neutra seria inalcançável e que deveríamos colocar um ponto final sobre as interrogações essencialistas relativas ao ser e reformular o problema a partir das circunstâncias histórico-sociais.

Em outras palavras, não caberia mais encontrar conceitos ou ideias universais que, supostamente, resistiriam ao tempo e às transformações históricas. Qualquer questão sobre o ser deveria levar em consideração as circunstâncias para as quais foram postas, sob pena de tornarem-se incompreensíveis.

Como não houvesse garantias de objetividade, ficamos impedidos de pensar a existência de um homem universal ou absolutizar outras categorias importantes como o bem, a justiça, o belo e a verdade. É que elas, necessariamente, dependeriam da maneira como as pensamos e as definimos. Desse modo, a realidade social não seria independente das formas

que encontramos para lhe atribuir significado, apesar de que, em determinados casos, experimentarmos instituições sociais como a família e a sexualidade como algo natural, sem que elas possuam realmente qualquer tipo de fixidez.

É a partir de condicionantes culturais que a linguagem construiria imagens e expectativas sobre machos e fêmeas. A ideia de gênero costuma ser pensada em oposição ao conceito de sexo, que estaria ligado às características biológicas — função reprodutiva e atributos físicos secundários como tamanho dos seios, pelos, timbre de voz, massa muscular, órgãos genitais, etc.

O grande problema dessa concepção, evidentemente, reside na naturalização e no esquecimento de que a própria categoria de sexo também é socialmente construída por meio de padrões culturais específicos. As sociedades ocidentais, por exemplo, distinguem-se de outras formas de organização social à medida em que reconhecem basicamente dois sexos, enquanto outras possuem diferentes tipos de classificação. Não haveria, assim, nenhuma objetividade exte-

rior à espera que a nomeemos através da linguagem; a própria forma como pensamos o sexo, a própria realidade, é definida por ideias culturais que determinarão nossa percepção do mundo.

É bastante evidente a preocupação foucaultiana com a linguagem, sobretudo, por ter percebido a ligação íntima entre criação de sentido, estabelecimento de verdade e poder. A ideia de verdade, nesse caso, refere-se ao conjunto de procedimentos operados a partir de regulamentos específicos, capazes de determinar o funcionamento e a separação de enunciados válidos.

Esses regimes de verdade não são, exclusivamente, ideológicos ou de natureza superestrutural, tanto é que também foram decisivos para o desenvolvimento do capitalismo —, podendo ser encontrados em boa parte das sociedades socialistas. Toda e qualquer verdade estaria, por conseguinte, envolvida em sistemas de poder que a produz e a justifica. Em outras palavras, linguagem e conhecimento servem de base para o poder, especialmente, como meios de controle do corpo e das crenças morais.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

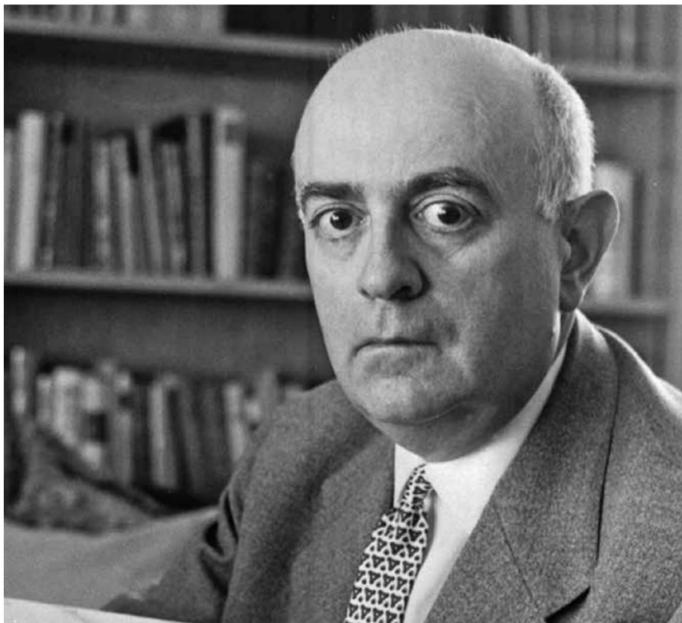
Música erudita: dignidade humana e social

A música transcende os sentimentos e a racionalidade humana. Trata-se de uma linguagem universal, capaz de expressar identidades coletivas e de conectar indivíduos por meio de experiências compartilhadas. Nesse sentido, a música erudita — também chamada de música clássica — contribui para a construção do pertencimento cultural, pois está intrinsecamente ligada à formação histórica, social e estética de diversas sociedades. Ela molda não apenas o gosto artístico, mas também um imaginário coletivo que conecta os indivíduos sua ancestralidade e dignidade.

Ao longo da história, a música erudita e seus compositores desempenharam uma função relevante como instrumentos de expressão religiosa, política e filosófica. Presentes em palácios, igrejas, universidades e teatros, essas obras contribuíram para a formação de identidades nacionais e regionais, funcionando como símbolos de continuidade e estabilidade cultural. Além disso, exercem uma prática pedagógica e formadora, estimulando uma escuta atenta e o contato com estruturas sonoras complexas, que exigem interpretação, reflexão e imaginação. A formação musical clássica, portanto, favorece o desenvolvimento de cidadãos mais críticos e conscientes de sua inserção histórica e de seu papel social.

O filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão Theodor W. Adorno (1903–1969), integrante da Escola de Frankfurt, estudou profundamente o impacto da música na sociedade, especialmente a música erudita. Em sua obra *Introdução à Sociologia da Música* (1964) e em outros ensaios, Adorno argumenta que a música de concerto possui um potencial emancipador, pois desafia o ouvinte a romper com a passividade imposta pela cultura de massa. Para ele, uma sinfonia ou concerto ou música de câmara é uma forma de resistência ao pensamento simplificado e ao consumo acrítico promovido pela indústria cultural. Defendia, assim, a democratização do acesso à música erudita, por considerar que ela contribui para a formação de sujeitos autônomos e crítico.

Sob essa perspectiva, a música erudita atua como um processo



Adorno: a música de concerto desafia a romper a passividade da cultura de massa

ativo na formação do pertencimento cultural. Ela transmite valores, tensões históricas, concepções de mundo e modos de vida, permitindo ao indivíduo situar-se com mais referências culturais. Além disso, reconhece-se a música como patrimônio cultural da humanidade, passível de apropriação, interpretação e ressignificação. Importa destacar que esse pertencimento cultural gerado pela música clássica é universal — pertence a todos. O ensino de música, por meio de projetos sociais, tem o poder de promover a inclusão social ao legitimar a diversidade, interagir com outras culturas e revelar sua vitalidade e capacidade de reinvenção. Nesse processo, compositores contemporâneos têm incorporado ritmos africanos, latino-americanos, indígenas e orientais à linguagem da música de concerto, criando fusões que expandem o sentido de pertencimento cultural e promovem uma unidade na diversidade. Assim, a música erudita torna-se espaço simbólico de encontro entre diferentes identidades culturais.

A escuta e o estudo da música clássica também promovem uma educação estética essencial para a formação humana integral. Em tempos marcados pelo imediatismo, superficialidade e consumo excessivo

de conteúdos culturais descartáveis, a experiência da audição em concertos convida à pausa, à contemplação e à valorização da complexidade. Nesse sentido, ela contribui para o desenvolvimento de uma cultura do respeito e da alteridade — enraizada na tradição, mas aberta à inovação e à diversidade. Como demonstrou Adorno, a música erudita tem o poder de promover a emancipação e a crítica social, desde que seu acesso seja ampliado e seu valor reconhecido como parte do patrimônio coletivo. Ao formar cidadãos mais conscientes, sensíveis e conectados à história e à arte, a música erudita contribui para a construção de sociedades mais justas e para o fortalecimento dos valores socioafetivos e dos vínculos sociais.

Sinta-se convidado à audição do 533º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 24, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei algumas danças, marchas, balés e temas sinfônicos de filmes que abordam a ancestralidade e a dignidade humana e social.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Perfume de mulher

De noite, a casa em silêncio, na travessia do quarto para a cozinha, as portas ainda estão abertas (fechadas apenas as grades), sinto o cheiro de jasmim como uma brisa, uma coisa do outro mundo, quase a insustentável leveza de Milan Kundera.

Penso na poesia de Drummond: “Tem gente que tem cheiro / de colo de Deus / de banho de mar / quando a água é quente e o céu é azul” e o poema fica mais bonito quando exalado, declamado, depois de um banho com antiga lavanda inglesa, que eu adoro.

No Sertão, a seca, o xique-xique, a dor, a saudade; pedras e mato, o açude sangrando, nunca senti cheiro igual ao jasmim da varanda da nossa casa, uma varanda com sua história bonita, outras vezes repetida, e que existem mais.

Imagine o que um cão não sabe através dos olores/odores, a maneira de chegar perto da gente, beijar as pernas, o fardo, sua comida, ele balança o rabo e faz uma cena para mostrar que está feliz, satisfeito, coisa que os gatos não fazem.

Penso das poucas vezes que li Jung não tenha sido a primeira notícia que tive acerca do cheiro, do poder do cheiro. Com o autor de *Memórias, Sonhos e Reflexões* (autobiografia escrita com Aniela Jaffé) aprendi ser o olfato o sentido que mais remete à memória. É demais, viu?

Desde então, eu me acostumei a simular um assalto a geladeira, um copo d’água, sei lá, que comecei a ler o mundo também pelo aroma que vem do pé de jasmim — são três cercando nossa varanda.

Ligado desde cedo ao universo literário, senti ratificado em vários autores essa força poderosa dos olores. O cheiro do sexo é marcante, seja das secreções que jorram, seja do corpo de quem está conosco. Acho mesmo que o homem se apaixona não porque a mulher é feia ou bonita, ou por qualquer outra característica, o homem se apaixona pelo cheiro da mulher.

Pablo Neruda, no belo *Confesso que Vivi*, logo no início, fala do cheiro da chuva. Tem várias canções do Caetano que falam dos cheiros, cor de laranja, azul rosa chá, a menina e a seda azul que cobre a maçã no vagão do trem das cores — uma menina preta de biquíni amarelo, na frente da onda.

Essa coisa de cheiro é tão forte.

Lembrei do cheiro da fruta jatobá (a cidade que nasci), a fruta estranha, e hoje mando um abraço para ti, para o jardim de dona Zita, que tinha um pé de laranja, de tão intenso cheiro, que era irresistível não roubar o fruto; as groselhas de dona Celina, a rosa Amélia de d. Maria Eulália (mãe de Vandinha) e todas as mulheres que gostam de rosas, da canção de Ana Carolina.

A literatura é cheia de cheiros. Talvez seja Proust o padroeiro do olfato. Ele ensina que a nossa memória está fora de nós: no cheiro do quarto abafado, no olor exalado ao cair da chuva, na fruta descascada, e por aí vai.

Outro dia declamei Gonçalves Dias, a imensidão “Canção do exílio”, da sua casa, da minha casa que tem palmeiras, onde canta o sabiá.

Não posso esquecer da *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, com o “cheiro avinagrado”. Cheiro que lembra os olores de fumo e alho exalados pelo corpo de um personagem, o belo romance inglês de Ian McEwan. Tem mais cheiro a seguir, mas vamos ficar por aqui.

Então, rebobinando *Perfume de Mulher*, de Martin Brest, 1993, é definitivamente um filme interessante para mim. Até domingo.

Kapetadas

1 – O ser humano não teme a morte; ele teme estar sem celular quando alguém famoso morre.

2 – Provedor de pinga virou *cachacier*. Mas o francês na língua não elimina o bafo na boca.



Cena de “Perfume de Mulher”, filme de 1993, com Al Pacino

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

53º Festival de Cinema de Gramado

Iniciado no domingo passado, a grande festa do cinema terminou ontem. Considerado um dos mais importantes certames cinematográficos do país, o Festival de Cinema de Gramado sempre buscou se renovar, mas sem perder suas raízes. Criado em janeiro de 1973, na serra gaúcha, o festival já está na sua 53ª edição. Não sem razão, tenho acompanhado sua evolução através dos tempos.

No Festival de Gramado de 2013 fiquei inclinado a participar com um trabalho que estava realizando. Naquele ano, concluía as gravações do média-metragem *Antomarchi*, que realizamos com participação do prof. Mirabeau Dias. Mas não deu certo porque as gravações atrasaram. Independente do projeto, e não havendo tempo hábil para inscrevê-lo, mesmo assim resolvi subir a serra gaúcha e conhecer de perto o famoso festival.

Igualmente ligado à produção de *Antomarchi*, meu filho Alexandre me fez companhia até Gramado, também minha esposa Lili e nossa filha Alexa. E lá ficamos durante uma semana visitando os pontos turísticos da cidade, inclusive o Palácio dos Festivais, onde se realizava o festival de cinema. Se não me engano, naquele mesmo ano a atriz global Glória Pires foi homenageada no Festival de Cinema de Gra-



Foto: Arquivo pessoal

O colunista na serra gaúcha em 2013, quando foi conferir de perto o Festival de Gramado

mado com o Troféu Oscarito. Quanto ao certame, apenas me recorde de duas categorias: melhor filme foi *Tatuagem*, do pernambucano Hilton Lacerda, e melhor direção, *A Bruta Flor do Querer*, da dupla Andradina Azevedo e Dida Andrade.

Um dado muito importante viria se somar ao festival em 2013, que seria o ganho de sua transmissão ao vivo, pela primeira vez, por meio do Canal Brasil. E como sabemos, o Canal Brasil é um meio de televisão por assinatura brasileiro com uma programação destinada

para as produções audiovisuais nacionais, movido pela associação da divisão de TV a cabo do Grupo Globo, com parceria de outras empresas.

Pois bem, o Festival de Cinema de Gramado sempre foi um dos mais ricos de que tenho conhecimento. E um dos mais emblemáticos para mim, até pelo lugar em que é realizado, proporcionando-lhe um "glamour" especial. Coisa que vivenciamos, eu e minha família, naquele agosto de 2013. – Para mais "Coisas de Cinema", acesse: www.alexantos.com.br.



APC: acadêmica é premiada em Gramado

A Academia Paraibana de Cinema, através de sua presidência, diretoria e conselho, congratula-se com a atriz paraibana Marcélia Cartaxo pelo Troféu Oscarito recebido esta semana, durante a realização do Festival de Cinema de Gramado, no Rio Grande do Sul.

Marcélia Cartaxo, que é ocupante da cadeira 33 da APC, tendo como patrona Nautília Mendonça, atriz do filme *Menino de Engenho*, foi agora homenageada pelos seus 40 anos de destaque no cinema brasileiro, dentro da 53ª edição do evento.

ANIMAÇÃO

Turma da Mônica ganha nova temporada

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Confusões e coelhadas estão de volta em *Turma da Mônica*, a série animada, cuja quarta temporada entrou no ar, no canal pago Discovery Kids e no streaming HBO Max. Os primeiros 13 episódios estão no ar e mais 13 estreiam até o fim do ano, com produção do Split Studio – os primeiros episódios novos desde 2021.

“Essa temporada especificamente de *Turma da Mônica* demorou 25 meses na sua construção”, conta Livia Ghelli, diretora sênior de Estratégia de Kids & Animation da WBD Brasil, em conversa com **A União**, justificando o hiato. “A gente tomou a decisão de quebrar essa temporada em duas para a gente poder exatamente manter essa propriedade relevante”.

Nascida nas tiras de quadrinhos nos jornais, a *Turma da Mônica* começou a virar desenho animado ainda nos anos 1960, graças aos comerciais de televisão. A partir dos anos 1980 vieram curtas comercializados em super-8 e os longos animados para o cinema. Nos anos 1990, a produção passou a ser para fitas em VHS. Em 1999, curtas de 1 a 2 minutos estrearam na Rede Globo – a primeira série animada regular da turma na TV.

O Cartoon Network começou a coproduzir as animações da turma em 2012, o que viria a ser a primeira temporada da série atual, que agora é Discovery Kids/ HBO Max.



Mônica na nova leva de desenhos animados que estrearam no canal Discovery Kids e na HBO Max

Em todas essas fases, uma constante foi a adaptação direta de histórias dos gibis, muitas vezes indicadas pelo próprio Mauricio de Sousa. “A equipe de roteiro, quando começa a trabalhar, tem todo o acervo editorial à sua disposição como referência”, explica ao jornal Marina Filipe, head de Audiovisual da MSP Estúdios. “Isso não significa que seja necessariamente adaptação, ou seja, que seja a mesma história ‘traduzida’ para animação. Normalmente, as narrativas editoriais têm um outro viés, o volume de diálogos é outro. Então, não é uma transposição imediata que a gente faz”.

A Warner Bros. Discovery, que tem uma longa estrada na animação, desde os primeiros curtas dos *Looney Tunes*, nos anos 1930, não minimiza a força da Mônica no Brasil.

“Para a gente é um privilégio poder participar dessa co-produção. A gente sabe da importância da *Turma da Mônica* dentro da memória afetiva do brasileiro”, afirma Livia. “Já são 60 anos de *Turma da Mônica*, então são algumas gerações que passaram por essa propriedade tão importante e ela conecta diferentes gerações. É também muito importante conseguir criar momentos em que a família possa sentar junta e assistir esse conteúdo junto. A gente sabe que *Turma da Mônica* chega a ser hereditária, né? Ela vem de pai para filho”.

Em um cenário editorial no qual o número de bancas tem sido reduzido nas cidades e também o espaço para as tiras nos jornais, a animação começa a ser tornar uma protagonista para a permanência dos personagens de Mauricio de

Sousa no imaginário infantil.

“Eu não diria nem só animação, eu acho que é o conteúdo infantil. O conteúdo infantil é muito relevante na construção de identidade dessas infâncias”, conta Marina. “A gente tem um contexto muito desafiador, uma concorrência muito grande com conteúdos estrangeiros. A gente tem limitação de investimento, limitação de *players*. O conteúdo infantil precisa muito ser levado em consideração. E eu acho que a gente continua conseguindo fazer isso aqui dentro da MSP Estúdios. Essa nova temporada de *Turma da Mônica* é uma prova disso. Eu acho que as crianças brasileiras merecem ter conteúdo brasileiro para se identificar e para assistir e para ter orgulho e não ficar só preso a conteúdos estrangeiros.”

Letra Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

A União de domingo

Leio as colunas dos colaboradores. O jornalismo que forma é mais jornalismo do que aquele que informa. A propósito, informação por informação ainda não é conhecimento. É a idiotice da objetividade, como vergastava Nelson Rodrigues.

Começo por Gonzaga Rodrigues, velho cronista que faz de sua palavra escrita aquela novidade sempre novidade, como pensava Ezra Pound sobre a palavra literária. Sua crônica, não raro de viés realista, incorpora, no entanto, o que há de mais cristalino na substância do lirismo. Paisagens, seres e coisas se vestem, na sua escrita tersa e ritmada, de uma espessura mágica que os fazem únicos e poéticos.

Ao seu lado pontifica Rui Leitão, com seu articulismo cotidiano no qual, sobretudo, o fenômeno político passa por uma análise lúcida e sólida. Rui perscruta a conjuntura com olhar crítico e exegético, esmiuçando e esclarecendo as múltiplas contradições da vida social e política, ao mesmo tempo em que transforma o jornalismo numa tribuna em prol do civismo e da democracia.

Ainda no mesmo caderno, comparece William Costa, com seus textos de ascendência subjetiva e telúrica, esmerilhando imagens

criativas de baladas rurais e da infância memorável de um menino sensível e ensimesmado. William, que se inscreve na galeria dos bons cronistas da terra, possui o gosto da palavra precisa e do estilo burilado. Sem preciosismos nem afetações.

Do caderno de cultura, menina dos meus olhos, usufruo da companhia de Estêvão Dédalus, Klebber Maux, Kubitschek Pinheiro e Alex Santos. Cada

um, a seu modo, esgrimindo os vocábulos e fertilizando o pensamento.

Estêvão me dá lições de Sociologia, trocando em miúdos certas categorias complexas da ciência de Augusto Comte, a testar seu rendimento cognitivo, quando aplicadas ao tecido concreto e fluido da realidade social. Kleber ensaia aproximações operacionais entre a Filosofia e a Estética, em reflexões a que não faltam densidade e discernimento crítico. Kubi me deleita nas águas de um estilo serpentário, cheio de coreografias verbais e de ideias bailarinas pelas quais ecoam as inquietações semânticas dos calígrafos originais. Alex me devolve a magia das imagens em movimento e se revela, sempre, um apaixonado da sétima arte. Apaixonado que ama, cuida e conhece.

Esse é o meu jornal de domingo. A velha e consagrada **A União**, com o qual colaborei desde os anos 70 do século passado. Fonte inesgotável de aprendizagem e celeiro de temas e ideias.



Foto: Evandro Pereira

Gonzaga Rodrigues: o que há de mais cristalino no lirismo

Colunista colaborador

EVENTO

Despedida com Vanessa da Mata

Festival de Inverno de CG termina hoje com atrações gratuitas, no Açude Novo e no Teatro Severino Cabral

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O Festival de Inverno de Campina Grande (FICG) celebrou, em 2025, uma marca histórica, a sua 50ª edição. A programação trouxe nomes que marcaram a trajetória do evento, como a atriz Denise Stoklos e o bailarino Carlinhos de Jesus. Mas o FICG despede-se, hoje, com a apresentação de uma artista que estréia no evento: Vanessa da Mata, que encontra o público hoje, às 21h, no Parque Evaldo Cruz (Açude Novo), no Centro da cidade. Mais cedo, a campinense Calliandra Andrade sobre no mesmo palco, às 19h.

Calliandra Andrade traz, às 19h, canções de seu repertório autoral como “Dois rios”, que estreou nas plataformas de música em 2021. Já Vanessa, às 21h, passeia por faixas de seu conhecido cancionário, extraídas de álbuns como *Essa Boneca Tem Manual* (2004) e *Vem Doce* (o mais recente, de 2023). Mas a grade do dia começa às 16h, também no Evaldo Cruz, com a apresentação dos números de dança de Ziraldo, o Mineiro Maluquinho, da companhia carioca Tá-

pias. O projeto explora a vida e a obra do artista visual responsável pela criação de personagens como o Menino Maluquinho e o Bichinho da Maça. Em seguida, às 16h30, o Ballet Jovem da Paraíba, formado por crianças e adolescentes dos cursos de dança do Teatro Santa Roza compõe o espetáculo *Marias*, livremente inspirado no livro *As Três Marias*, de Rachel de Queiroz.

Às 20h, o Festival desloca-se para o Teatro Severino Cabral, também no Centro. A companhia cearense Inquieta promove a peça *Tchau, Amor*: nela quatro personagens conversam sobre suas vidas numa mesa de bar.

ONDE:

■ PARQUE EVALDO CRUZ (Açude Novo, Av. Mal. Floriano Peixoto, Centro, Campina Grande).

■ TEATRO MUNICIPAL SEVERINO CABRAL (Av. Mal. Floriano Peixoto, s/n, Centro, Campina Grande).

Em Cartaz

Cinema

Programação de 21 a 27 de agosto, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

AMORES À PARTE (*Splitsville*). EUA, 2025. Dir.: Michael Angelo Covino. Elenco: Dakota Johnson, Adria Arjona, Kyle Marvin, Michael Angelo Corvino. Comédia. A separação de um casal e a revelação do relacionamento aberto de outro precipitam o caos entre eles. 1h40. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 15h15, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h, 17h45. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 20h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 17h10. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 17h10.

ANÔNIMO 2 (*Nobody 2*). EUA, 2025. Dir.: Timo Tjahjanto. Elenco: Bob Odenkirk, Connie Nielsen, Sharon Stone, Christopher Lloyd. Policial/ comédia. De férias com a família, ex-assassino profissional acaba se envolvendo em uma escalada de violência. 1h29. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 15h15, 17h20; leg.: 19h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 17h, 20h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 17h, 20h50. Patos: PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 19h.

DEMON SLAYER – MUGEN TRAIN – O FILME (*Gekijō-Ban Kimetsu no Yaiba – Mugen Ressha-hen*). Japão, 2020. Dir.: Haruo Sotozaki. Aventura/ animação. Jovem luta para vingar a família assassinada por um demônio. 1h57. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 15h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: dom.: 20h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 20h40. Patos: CINE GUEDES 1: dom.: dub.: 15h, 17h50; leg.: 20h45; seg. a qua.: dub.: 15h, 17h50, 20h45. PATOS MULTIPLEX 1: dom.: dub.: 14h30, 20h30; leg.: 17h30; seg. a qua.: dub.: 15h50, 20h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dom.: dub.: 17h40; leg.: 20h45; seg. a qua.: dub.: 20h45.

FAÇA ELA VOLTAR (*Bring Her Back*). Austrália, 2025. Dir.: Danny Philippou e Michael Philippou. Elenco: Billy Barratt, Sally Hawkins, Mischa Heywood. Terror/ mistério. Irmãos descobrem um ritual aterrizante na casa da nova mãe adotiva. 1h44. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 16h20; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h50, 20h; leg.: 17h30, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 17h15, 19h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 21h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h, 18h50. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h, 18h50. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 21h. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: 19h15, 21h15. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 16h50, 21h.

LUIZ GONZAGA – LÉGUA TIRANA. Brasil, 2025. Dir.: Marcos Carvalho e Diogo Fontes. Elenco: Chaminho do Acordeon, Cláudia Ohana, Luiz Carlos Vasconcelos. Drama. Referência cultural do sertão nordestino influenciam um jovem que vai se tornar uma lenda da música. 1h54. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 14h40, 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: 14h30, 17h, 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dom.: 14h, 16h45, 19h30, 22h; seg. a qua.: 14h, 16h45, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 1: 18h20. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 15h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 15h. Patos: CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 14h50, 17h, 19h05; seg. a qua.: 15h50, 18h05, 20h20. PATOS MULTIPLEX 1: 18h20. Remígio: CINE RT: dub.: dom.: 15h50; ter.: 18h30.

UMA MULHER SEM FILTRO. Brasil, 2025. Dir.: Arthur Fontes. Elenco: Fabiula Nascimento, Camila Queiroz, Emilio Dantas. Comédia. Após ritual, mulher estressada começa a falar tudo o que pensa. 1h32. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 17h, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 15h, 17h15, 19h20, 21h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 14h45, 17h, 19h15, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 1: 16h30. CINESERCLA TAMBIA 3: 19h10. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 19h10.

RELANÇAMENTO

INVOCAÇÃO DO MAL (*The Conjuring*). EUA, 2013. Dir.: James Wan. Elenco: Vera Farmiga, Patrick Wilson, Lili Taylor. Terror. Casal investigador de atividades paranormais ajuda família em casa assombrada. 1h52. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: dom. e qua.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: dom. e qua.: 21h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: seg.: 20h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: seg.: 20h40. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: seg.: 21h10; ter. e qua.: 16h30. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: dom. e qua.: 20h10. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: seg.: 21h15. Remígio: CINE RT: dub.: sáb.: 20h30; seg.: 15h50; qua.: 16h.

INVOCAÇÃO DO MAL 2 (*The Conjuring 2*). Canadá/ EUA/ Reino Unido, 2016. Dir.: James Wan. Elenco: Vera Farmiga, Patrick Wilson, Frances O'Connor. Terror. Casal investigador de atividades paranormais ajuda mãe e filha na Inglaterra. 2h14. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: seg.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: seg.: 21h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: ter.: 20h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: ter.: 20h40. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: dom. e ter.: 21h10; seg.: 16h20; qua.: 18h45. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: seg.: 20h10. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom. e ter.: 21h15. Remígio: CINE RT: dub.: dom., seg. e qua.: 18h15.

INVOCAÇÃO DO MAL 3 – A ORDEM DO DEMÔNIO (*The Conjuring 2 – The Devil Made Me Do It*). EUA, 2021. Dir.: Michael Chaves. Elenco: Vera Farmiga, Patrick Wilson, Ruairi O'Connor. Terror. Casal investigador de atividades paranormais analisa acusado de assassinato que alega ter sido possuído por um demônio. 1h52. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8:

A idealizadora do evento, Eneida Agra Maracajá, irá afastar-se de algumas das atividades mais intensas do FICG, mas permanecerá como consultora. Testemunha da história recente da cultura do estado, ela se diz grata por fazer parte dessa caminhada. “Não

é só celebrar, é resistir 50 anos pela arte, como fonte de sustentação, de convivência com a nossa cultura. Você tem que saber que a arte é o caminho da humildade”, assevera Eneida.

PROGRAMAÇÃO/ HOJE

Parque Evaldo Cruz

16h – Dança: Ziraldo, o Mineiro Maluquinho, Grupo Tápias (RJ)

16h30 – Dança: Marias, Ballet Jovem da Paraíba (PB)

19h – Música: Calliandra Andrade

21h – Música: Vanessa da Mata

Teatro Municipal Severino Cabral

20h – Teatro: *Tchau, Amor*, Inquieta Cia (CE)

Foto: Fernanda Vallois/Divulgação



Atrações no Açude Novo: no espetáculo de dança “Ziraldo, o Mineiro Maluquinho” (acima), às 16h, Vanessa da Mata canta seus sucessos, às 21h



Foto: Priscila Prade/Divulgação

palestino enganado por contrabandista em Atenas busca vingança. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 31/08: 17h.

UMA FAMÍLIA NORMAL (*Botong-ui Gajok*). Coreia do Sul, 2023. Dir.: Hur Jin-Ho. Elenco: Sul Kyung-Gu, Jang Dong-Gun. Policial/ drama. Casais se encontram para o jantar e discutem como lidar com um crime cometido por seus filhos. 1h56. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: ter., 26/08: 20h30.

A HORA DO MAL (*Weapons*). EUA, 2025. Dir.: Zach Cregger. Elenco: Julia Garner, Josh Brolin, Amy Madigan. Terror. Crianças de uma mesma classe desaparecem em pequena cidade, após todas fugirem de casa na mesma noite. 2h08. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h10, 19h40; leg.: 16h50, 22h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h15. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 20h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 20h30. Patos: CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 21h10. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 20h40. Remígio: CINE RT: dub.: seg. e ter.: 20h30.

JUNTOS (*Together*). Austrália/ Estados Unidos, 2025. Dir.: Michael Shanks. Elenco: Dave Franco, Alison Brie. Terror. Casal é afetado por uma força sobrenatural que faz seus corpos se unirem. 1h42. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 20h15. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 19h05.

UM LOBO ENTRE OS CISNES. Brasil, 2025. Dir.: Marcos Schechtman e Helena Varvaki. Elenco: Matheus Abreu, Dario Grandinetti. Drama. Jovem carioca tenta vencer no mundo do balé clássico. 1h55. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 24/08: 17h; ter., 26/08: 18h30; sáb., 30/08: 19h.

MEU BOLO FAVORITO (*Keyke Mah-boobe Man*). Irã/ França/ Suécia/ Alemanha, 2024. Dir.: Maryam Moghadam e Behtash Sanaeae. Elenco: Lili Farhadpour, Esmaeel Mehrabi. Romance. Mulher solitária decide reacender sua vida amorosa. 1h37. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: seg., 25/08: 20h30; sáb., 30/08: 17h.

QUARTETO FANTÁSTICO – PRIMEIROS PASSOS. (*The Fantastic Four – First Steps*). EUA, 2025. Dir.: Matt Shakman. Elenco: Pedro Pascal, Vanessa Kirby, Joseph Quinn, Ebon Moss-Bachrach. Aventura. Família de super-heróis precisa defender a Terra de um deus espacial. 1h55. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 18h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dom.: dub.: 13h30, 19h; leg.: 16h15, 21h45; seg. a qua.: leg.: 16h15, 21h45; dub.: 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h15, 15h45, 18h30, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 16h20, 20h15. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 16h20, 20h15. Patos: PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 15h50. Remígio: CINE RT: dub.: qua.: 14h.

UMA SEXTA-FEIRA MAIS LOUCA AINDA (*Freakier Friday*). EUA, 2025. Dir.: Nisha

Ganatra. Elenco: Jamie Lee Curtis, Lindsay Lohan. Comédia. Mãe e filha voltam a trocar de corpos anos. 1h51. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 14h20, 18h50. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h30. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h30. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 17h.

SMURFS (*Smurfs*). EUA/ Bélgica/ Itália, 2025. Dir.: Chris Miller. Animação/ comédia/ aventura. Os smurfs precisam se aventurar no mundo real quando seu líder é sequestrado. 1h32. Livre.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: dom.: 14h10. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: dom.: 14h10.

SUPERMAN (*Superman*). EUA, 2025. Dir.: James Gunn. Elenco: David Corenswet, Rachel Brosnahan, Nicholas Hoult. Aventura. Superman tenta conciliar suas heranças de seu planeta natal e da Terra enquanto enfrenta terríveis perigos. 2h09. 12 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h.

TELEFÉRICO DO AMOR (*Gondola*). Alemanha/ Geórgia, 2023. Dir.: Veit Helmer. Elenco: Nini Soselia, Mathilde Irrmann. Romance/ comédia/ drama. Duas operadoras de teleférico se apaixonam ao passar uma pela outra em suas gondolas. 1h22. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 24/08: 19h; qui., 28/08: 18h30.

THIAGO E ÍSIS E OS BIOMAS DO BRASIL. Brasil, 2024. Dir.: João G. Amorim. Vozes: Neusa de Souza, Falcon Mantovani, Henrique Paulo. Animação/ comédia. Pai e filhos percorrem três biomas brasileiros, aprendendo e ajudando animais em perigo. 1h31. Livre.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 31/08: 15h.

Dança

HOJE

FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPINA GRANDE. Espetáculos: Ziraldo, o Mineiro Maluquinho, do Grupo Tápias (RJ) (16h); Marias, do Ballet Jovem da Paraíba (16h30).

Campina Grande: PARQUE EVALDO CRUZ (Açude Novo, Av. Mal. Floriano Peixoto, Centro). Domingo, 24/8, 16h. Entrada franca.

Música

HOJE

FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPINA GRANDE. Shows de Calliandra Andrade (19h); Vanessa da Mata (21h).

Campina Grande: PARQUE EVALDO CRUZ (Açude Novo, Av. Mal. Floriano Peixoto, Centro). Domingo, 24/8, 19h. Entrada franca.

SAÚDE PÚBLICA

Iniciativa estadual disputa título

Projeto REAP Quali/PB é finalista do Prêmio Excelência em Competitividade, que acontece nesta semana, em Brasília

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A Paraíba está no centro do debate nacional sobre gestão pública. O estado é finalista do Prêmio Excelência em Competitividade 2025 — um dos mais importantes do segmento —, com o programa REAP Quali/PB. A premiação acontece nesta semana, em Brasília, dentro da programação do 14º Congresso do Conselho Nacional de Secretários de Estado da Administração (Consad), que tem o governador João Azevêdo entre os seus painelistas. O evento articulará uma rede de gestores para debater a inovação e a modernização na gestão pública. Neste ano, o Consad tem como foco a inovação, excelência e futuro do setor público.

Criado em 2015, o Prêmio Excelência em Competitividade, realizado pelo Centro de Liderança Pública (CLP), reconhece os Estados que investem em políticas públicas. Em 2025, o CLP recebeu um número recorde de 333 inscrições. A Paraíba concorre com outros cinco projetos: o GEsSeg — Gestão Estatística na Segurança Pública, do Rio Grande do Sul; o PiauíSaúde Digital, do Piauí; o GERAR ES — Programa de Geração de Energias Renováveis, do Espírito Santo; e o MS Ativo Municipalismo, do Mato Grosso do Sul.

O finalista paraibano é uma iniciativa da Escola Pública de Saúde da Paraíba (ESP-PB), vinculada à Secretaria de Estado da Saúde (SES). O REAP Quali/PB tem o objetivo principal de fortalecer a Rede de Atenção à Saúde (RAS) do estado, por meio da qualificação e do matriciamento geren-



Gerido pela Escola de Saúde Pública da Paraíba (ESP-PB), o projeto possui financiamento de US\$ 770 mil do BID, com contrapartida de R\$ 1,3 milhão

cial de trabalhadores e gestores do Sistema Único de Saúde (SUS). O programa tem foco na regionalização da rede de atenção no estado, a partir do desenvolvimento de diagnósticos sobre as demandas da área e da oferta de formação permanente aos diversos profissionais que atuam na saúde pública.

Com execução de 2024 a 2025, o REAP Quali/PB conta com um financiamento de US\$ 770 mil do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e uma contrapartida estadual de, aproximadamente, R\$ 1,3 milhão.

A ação articula 131 profissionais da Saúde e da Tecnologia da Informação, entre mestres e doutores, trabalhando de forma interdisciplinar. A iniciativa promove a colaboração entre os Municípios e o Estado, com a participação do Conselho de Secretarias Municipais de Saúde da Paraíba (Cosems-PB) e da Comis-

são Intergestores Bipartite (CIB), além de instituições de ensino.

O projeto é estruturado em oito eixos temáticos, que formam uma estratégia abrangente para melhorar a qualidade e o acesso aos serviços de saúde pública na Paraíba. O Eixo I concentra-se no apoio gerencial e no fortalecimento da Atenção Primária, buscando capacitar equipes e gestores para um trabalho mais eficiente na saúde básica. Em seguida, o Eixo II foca na Vigilância em Saúde, com destaque à ação Vacina Mais Paraíba, que visa otimizar as campanhas de vacinação.

Para garantir a qualidade dos serviços, o Eixo III trabalha na qualificação e na padronização dos processos de regulação, controle, avaliação e auditoria do SUS. Outro pilar importante é o fortalecimento da regionalização do SUS na Paraíba, foco do Eixo IV, que busca uma melhor organização dos serviços.

A modernização tecnológica é prioridade no Eixo V, que gerencia as ações de saúde digital e a integração dos municípios à Rede Nacional de Dados em Saúde. Já a Educação em Saúde tem espaço próprio no Eixo VI, com ações voltadas para a capacitação contínua dos profissionais.

A Vigilância em Saúde, por sua vez, recebe um reforço adicional no Eixo VII, que busca uma abordagem mais estratégica e coordenada. Por fim, o Eixo VIII dedica-se à organização da assistência farmacêutica na Atenção Primária, garantindo o acesso a medicamentos essenciais para a população.

O diretor-geral da ESP-PB, Mathus Spricídio, aponta que o REAP Quali/PB é o carro-chefe da instituição atualmente, pois atua com “quem está na base” da saúde pública. “A gente entende que é no território que se faz saúde e, para isso, é necessária uma rede de apoio institucional e matricial”, afirma.

O gestor explica que o projeto nasceu organicamente, para atender às demandas locais de educação permanente, e ressalta a capacidade do povo paraibano de dar resposta às necessidades de sua localidade. “Essa carência gera um espírito de luta, de ciência, de renovação, de [falar] ‘vou te ajudar’, vem cá que eu te ensino”, analisa.

Ações

Entre as atividades realizadas pelo programa, está o desenvolvimento do Dialoga APS — instrumento utilizado para discussão da Cogestão em Saúde — a partir do diagnóstico situacional da saúde materna e infantil no estado. “São reuniões, dentro dos municípios, entre usuários, gestores e profissionais”, diz Mathus Spricídio.

Além disso, foram realizadas oficinas e cursos em diversas áreas — como Cogestão, Prontuário Eletrônico, Pré-natal, Imunização e Saúde Digital —, modelagem das Redes de Atenção à Saú-

de, além da produção de materiais técnicos e científicos, a exemplo de artigos, manuais, cartilhas e e-books.



A gente entende que é no território que se faz saúde e, para isso, é necessária uma rede de apoio matricial

Mathus Spricídio

Comunicação entre profissionais é um dos desafios do programa

O apoio matricial, ou matriciamento, é uma metodologia de atuação que visa integrar os diversos profissionais da Saúde, entendendo a atenção ao setor de maneira compartilhada, transversal e interdisciplinar.

Um dos principais desafios para a implantação do programa, apontados pelo diretor da ESP-PB, diz respeito à comunicação entre esses profissionais da Saúde, o que tende a restringir a compreensão da realidade de cada área e o diálogo para solucionar tais necessidades.

“Chega uma enfermeira com toda uma bagagem para conversar comigo e eu não tenho uma linguagem [adequada]; eu tenho os meus protocolos, o meu status — você sabe que médico, às vezes, tem o seu status, a sua cultura — e, aí, eu não consigo conversar, nem com o meu próximo, nem com a minha

rede toda. E como “rede” lê-se Atenção Primária, UPA, hospital, sistema de regulação... isso é a rede de saúde. E se a rede não estiver conversando, ela não é rede, é caixa. O maior desafio do REAP Quali/PB foi abrir essas caixinhas e botar as pessoas para conversarem uma língua só”, pontua Mathus Spricídio.

A relação com as Secretarias Municipais de Saúde de também é outro desafio apontado pelo gestor da Escola Pública de Saúde da Paraíba, que defende que o programa revolucionou a relação com as pastas, indo de um modelo passivo, no qual as demandas apenas chegavam à equipe, para uma abordagem proativa, em que a equipe busca entender as necessidades dos municípios.

“Antigamente, a gente vivia um processo passivo, no seguinte sentido: a gente esperava as demandas virem até nós. Hoje, a gen-

te inverteu essa dinâmica, indo até o município para entender os seus processos e as suas demandas. Isso inverteu totalmente a lógica, e a gente conseguiu trazer equidade para esse sistema. Antes, a gente acabava dando mais para quem pedia mais e, hoje, a gente dá mais para quem precisa mais, porque a gente tem o diagnóstico situacional, tem um dimensionamento desses processos”, aponta.

A presidente do Conselho de Secretarias Municipais de Saúde da Paraíba (Cosems-PB), Soraya Galdino, reforça a atuação do REAP Quali/PB no suporte às Prefeituras em diversas áreas, como por exemplo, na imunização, com “um apoiador para dar assistência, para ver os números e [apontar] como o município pode melhorar”.

“A gente já começou a ver resultados maravilhosos, de gestores discutindo mais. Agora mesmo, a



A gente já começou a ver resultados maravilhosos, de gestores discutindo mais

Soraya Galdino

gente está trabalhando no Plano Municipal de Saúde; toda a equipe do REAP Quali/PB está nas regiões fazendo entender a importância desse plano para o seu município. Então, eles

estão juntos com todos fazendo esse plano municipal”, ressaltou.

A secretária de Saúde de Bernardino Batista, Ruth Rany, salientou que o trabalho desenvolvido *in loco* é um diferencial do programa e que isso tem fortalecido o trabalho das gestões municipais. “Os problemas estão sendo resolvidos, porque alguém que está ali, elencando as dificuldades que a gente tem nos territórios, trazendo capacitação voltada a diversas áreas, como cuidado farmacêutico, atenção primária e SUS digital”, diz.

“Eles também estão sempre conosco nas reuniões das comissões regionais, que se reúnem mensalmente, trazendo um aparato de como se encontram os municípios daquela região. Com isso, nos dão condições de fazer um trabalho mais amplo voltado às problemáticas que são encontradas dentro dos mu-

nicipios e, com isso, quem ganha é a nossa população”, enfatizou a gestora.



Os problemas estão sendo resolvidos, porque alguém está ali, elencando as dificuldades que a gente tem

Ruth Rany

ECA DIGITAL

PL que regula redes sociais amplia proteção a crianças

Texto obriga plataformas a adotar medidas contra abusos na internet

Lucas Pordeus León
Agência Brasil

O Projeto de Lei (PL) nº 2.628/22 entrou na pauta da Câmara dos Deputados na última semana, após a repercussão do vídeo do influenciador Felipe Bressanim Pereira, o Felca, que denunciou o uso de perfis nas redes sociais com crianças e adolescentes em situações consideradas inapropriadas para a idade, a fim de conseguir engajamento e monetização dos seus canais.

De autoria do senador Alesandro Vieira (MDB-SE), o projeto foi relatado na Câmara pelo deputado Jadyel Alencar (Republicanos-PI) e tem o apoio de centenas de organizações da sociedade civil que atuam com a proteção das crianças e adolescentes no Brasil.

Entre as medidas, o texto obriga as plataformas digitais a tomar medidas “razoáveis” para prevenir riscos de crianças e adolescentes acessarem conteúdos ilegais ou considerados impróprios para essas faixas etárias.

Além disso, o PL prevê regras para supervisão dos pais e responsáveis e exige mecanismos mais confiáveis para verificação da idade dos usuários de redes sociais, o que atualmente é feito basicamente por auto-declaração.

A matéria ainda disciplina o uso de publicidade, a coleta e o tratamento de dados pessoais de crianças e adolescentes; estabelece regras para jogos eletrônicos; veda à exposição a jogos de azar; e prevê a atuação do Poder Público para cumprir a legislação.

A advogada de direitos digitais do Instituto de Defesa de Consumidores (Idec) Marina Fernandes explicou que o PL adapta direitos que já estão previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mas que não costumam ser aplicados nas redes sociais. A organização integra a Coalizão de Direitos na Rede.

“O PL cria um ecossistema de regulação para as plataformas digitais em relação a crianças e adolescentes. O projeto determina que as plataformas tenham mais deveres e obrigações. Inicialmente, no artigo 5º,



Foto: Freepik

Medidas visam mitigar os riscos de acesso a conteúdos impróprios por crianças e adolescentes

por exemplo, traz que as plataformas devem prevenir danos à infância”.

Prevenir riscos

Com 40 artigos e conhecido como ECA Digital, o projeto de lei determina no seu artigo 6º que as plataformas digitais devem adotar medidas para “prevenir e mitigar riscos” de crianças e adolescentes acessarem conteúdos que envolvam, entre outros pontos, exploração e abuso sexual; violência física; assédio; *bullying* virtual; incentivo a comportamentos de vícios; ou promoção e comercialização de jogos de azar, bebidas alcoólicas e tabagismo.

O PL afirma ainda que o projeto não exime a responsabilidade dos pais, tutores ou quem se beneficia financeiramente da produção e distribuição pública de conteúdos com crianças e adolescentes.

Em casos de descumprimento da legislação, o projeto prevê advertências com prazo de medidas corretivas em até 30 dias. Persistindo a infração, poderá ser aplicada multa de até 10% do faturamento do grupo econômico no Brasil ou, na ausência de faturamento, de até R\$ 50 milhões. Será possível ainda suspender temporariamente ou proibir o exercício das atividades de plataformas digitais em caso de as infrações não serem corrigidas.

Faixa etária

O projeto de lei exige ainda que as plataformas avaliem o conteúdo que é distribuído para crianças e adolescentes

de acordo com a faixa etária e indiquem “extensivamente” a todos os usuários sobre a classificação indicativa para o conteúdo divulgado.

Para impedir o acesso de crianças a conteúdos inapropriados, o projeto determina que as plataformas digitais deverão adotar “mecanismos confiáveis de verificação da idade a cada acesso do usuário, vedada a autodeclaração”.

A advogada do Idec, Marina Fernandes, disse que, mesmo as plataformas informando que as redes não são para menores de 13 anos, não há medidas para mitigar esse acesso atualmente.

“Elas não têm nenhuma fiscalização sobre a verdadeira idade daqueles usuários. E elas sabem que tem crianças menores de 13 anos acessando. Existem conteúdos voltados a crianças menores de 13 anos. O que o PL traz no capítulo de verificação etária é de que elas seriam obrigadas a fazer uma verificação confiável”, comentou.

Supervisão parental

Outro capítulo importante do projeto regula a supervisão dos pais ou responsáveis no uso das redes sociais por adolescentes. Segundo o texto, as plataformas devem “disponibilizar configurações e ferramentas acessíveis e fáceis de usar que apoiem a supervisão parental”.

Organizações como a Meta informam que possuem esse serviço. Porém, a especialista do Idec, Marina Fernandes, destaca que esse tipo de ferramen-

ta ainda não é eficiente. “Muitas vezes, os pais não sabem utilizar porque é difícil encontrar essas ferramentas. Muitas delas estão aquém do que o necessário porque estão ligadas ao *design* da plataforma, que é construído para viciar ou não permite que os pais desabilitem conteúdos nocivos”, explicou.

Segundo Fernandes, o PL apresenta um rol de exigências para tornar a supervisão mais efetiva. “É muito fácil falar que a família é responsável, mas às vezes a família não tem condições de atuar porque não tem informações suficientes para agir”, completou.

Entre as medidas previstas no projeto, está a oferta de “funcionalidades que permitam limitar e monitorar o tempo de uso do produto ou serviço” por parte dos pais ou responsáveis.

O documento diz ainda que os provedores de serviços digitais “devem garantir que usuários ou contas de crianças e adolescentes de até 16 anos de idade estejam vinculados ao usuário ou à conta de um de seus responsáveis legais”.

■ Em caso de violações da legislação, o PL prevê advertências e multas que variam de 10% do faturamento a R\$ 50 milhões

Nível das proibições incomoda as big techs

O projeto de lei traz ainda uma série de regras para o direcionamento de propaganda para crianças e adolescentes:

“É vedada a utilização de técnicas de perfilamento para direcionamento de publicidade comercial a crianças e adolescentes, bem como o emprego de análise emocional, realidade aumentada, realidade estendida e realidade virtual para esse fim”, orienta o artigo 22.

No artigo 25, proíbe-se a criação de perfis de usuários crianças e adolescentes para fins de propaganda, usando coleta e tratamento de dados pessoais obtidos dos perfis de menores de 18 anos.

“O PL veta especificamente que se use dados de crianças e adolescentes para perfili-

zação comercial, ou seja, para enviar publicidade para essas crianças e adolescentes”, explicou Marina Fernandes.

O PL estabelece também que o Poder Público poderá atuar para regular os mecanismos previstos na legislação.

“Ato do Poder Executivo regulamentará os requisitos mínimos de transparência, segurança e interoperabilidade para os mecanismos de aferição de idade e supervisão parental adotados pelos sistemas operacionais e lojas de aplicativos”, afirma o parecer do relator.

Oposição

O PL nº 2.628/22 encontra resistência da oposição liderada pelo Novo e pelo PL na Câmara dos Deputados. A líder

do PL, a deputada Caroline de Toni (PL-SC), classificou o texto como tentativa de censurar as redes sociais e disse que foi procurada por representantes de plataformas digitais que alegaram “excesso de regulamentação”.

“As leis já existem para punir. O que a gente precisa é melhorar o ordenamento jurídico e melhorar essa integração [das polícias com as plataformas]. São medidas pontuais para facilitar e dar segurança jurídica, sem querer usar isso como pretexto para censurar a liberdade de expressão das redes sociais”, afirmou

Procurada pela reportagem, a Meta (dona do Facebook, Instagram e WhatsApp) não se manifestou sobre o PL nº 2.628 até o fechamento des-

ta edição.

O Conselho Digital, organização que reúne as gigantes da tecnologia Meta, Google, TikTok, Amazon, entre outras, tem se manifestado pedindo alterações no texto.

Quando o tema estava em tramitação no Senado, o Conselho Digital criticou o que chamou de obrigações excessivas. “O equilíbrio entre a remoção de conteúdos nocivos e a preservação da liberdade de expressão torna-se um ponto delicado. A imposição de obrigações excessivamente rigorosas às plataformas pode incentivar a remoção indiscriminada de conteúdos legítimos”, disse a organização que representa, no Brasil, a maior parte das principais *big techs* em atividade.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (6)

Em 1928, Walter Benjamim advertia: “A máquina de escrever afastará da caneta a mão dos literatos”. Deu-se que o computador sepultou a máquina de escrever.

Quero escrever algumas cartas datilografadas e enviar pelo correio para algumas pessoas com estatura e significado na minha vida, suficientes para ser honradas com essa desvelada prenda.

Uma carta datilografada é prova de muita consideração e afeto. Corresponde aos antigos manuscritos. É a palavra fraterna embalada em papel benquerança.

“Quando falam em resgate do cordel, sempre pergunto: quem o sequestrou?” — Marco Haurélio, editor de folheto.

Cálculo do autor Sérgio Ricardo: “O dinheiro que uma puta de rico ganha em uma hora eu só ganho se vender 500 livros”.

Sérgio está se preparando para lançar sua biografia. Eu fiz o roteiro da vida desse herói dos prostíbulos em versos de cordel.

Evanio Teixeira está organizando um livro sobre o futebol de Pilar, terra do craque Vivaldo do Nascimento Coelho, Val Pilar, que faleceu aos 50 anos, vítima de AVC.

Ele atuava como volante e foi ídolo em clubes paraibanos como Treze, Campinense e Botafogo-PB. Val Pilar também jogou no Sport Recife.

No meu Treze, o Galo Moral da Borborema, Val Pilar foi campeão paraibano e fez parte do elenco que chegou às quartas de final da Copa do Brasil em 2005, eliminando times como o Fluminense.

O livro de Evanio sairá com o selo da Editora Zé da Luz, com diagramação e capa de Sérgio Ricardo, “o homem da comunicação integrada”.

“Quando uma pessoa sofre de um delírio, isso se chama insanidade. Quando muitas pessoas sofrem de um delírio, isso se chama religião” — Robert M. Pirsig.

“Num país onde o futuro a Deus pertence, os agnósticos perguntam: E o passado? Quem vai se responsabilizar por ele?” — (Ivan Lessa).

Em 1985, eu e Marcos Veloso abrimos um teatro de bolso na Rua Meira de Vasconcelos, em Itabaiana. Essa rua se chamava popularmente Rua da Merda. Nunca pensei que um dia sentiria falta da Rua da Merda.

A antes bucólica Rua da Merda hoje não é mais a mesma. Falta-lhe a merda substancial da poesia do passado que cheira a jasmim.

A minha antiga escola primária João Fagundes de Oliveira me homenageou. Eu posso com uma cortesia desproporcional dessas? Fiquei ancho.

No dia em que eu terminar o Ensino Fundamental, vou dar uma lição em certa gente atrasada.

“Nunca julgue um livro pela capa. Nos livros de matemática sempre tem um menino se divertindo com cálculos e isso é uma grande mentira” — não sei a autoria.

Cátia de França tem um disco chamado “Itabaiana” onde ela interpreta canção de sua autoria falando da minha cidade adotiva. Um primor de poema sobre a terra de Sivuca.

“Cátia, antes da mediocridade da indústria cultural me alcançar, dei fé do seu canto na Rádio Tabajara. Procurei e achei o disco de vinil em um sebo, gravei, botei no CD e tá lá no cantinho das preciosidades” — Adriana Felizardo, atriz, em carta para Cátia de França.

“Solidão masculina é falta de louça pra lavar. E dar um grau na casa” — Gabi Bianco.

Doideiras do capitalismo: “Supersafra da laranja causa prejuízo”.

FEBRE OROPOUCHE

Estudo investiga surto da doença

Alta de casos, no último ano, configurou a maior epidemia do país e está ligada a fatores climáticos e socioambientais

Gabriela Nangino
Jornal da USP

A febre oropouche (ORO) é uma doença emergente, cuja incidência no Brasil aumentou drasticamente nos últimos anos: em 2020 e 2021, foram 108 casos confirmados sorologicamente, a maioria na região amazônica; em 2024, esse número chegou a 10.940 — espalhados por vários estados do país e incluindo duas mortes. O arbovírus é transmitido principalmente pelo inseto *Culicoides paraensis*, também conhecido como maruim.

Um estudo conduzido por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) e do Instituto Butantan investigou os fatores que impulsionaram a expansão dessa doença zoonótica (que pode ser transmitida entre animais e humanos). Os resultados revelaram que maiores temperaturas e quantidade de chuvas, associados a mudanças na cobertura e uso da terra e alterações no genoma do vírus, foram elementos-chave



Peculiaridade do inseto *Culicoides paraensis*, conhecido como maruim, é se alimentar de sangue, mas se reproduzir em matéria orgânica, como folhas acumuladas

Foto: Reprodução/Wikimedia Commons

Registros

A Região Norte permanece com a maior concentração de clusters (agrupamentos de casos), seguida do Espírito Santo, Bahia e Rio de Janeiro

para a sua distribuição.

Camila Lorenz, primeira autora do artigo, é bióloga e pesquisadora pelo Instituto Butantan. Em parceria com Maria Anice Sallum e Francisco Chiaravalloti, professores no Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP, o grupo conduziu técnicas de modelagem e análise espacial para identificar áreas de alto ou baixo risco de infecção. A Região Norte permanece com

a maior concentração de clusters (agrupamentos de casos), seguida do Espírito Santo, Bahia e Rio de Janeiro.

Diferentemente de mosquitos como o *Aedes aegypti*, que se desenvolve em pontos de acúmulo de água em áreas urbanas, o *Culicoides paraensis* também é um inseto que se alimenta de sangue, mas se reproduz na matéria orgânica. Devido a essa peculiaridade, ele circula preferencialmente em áreas de plantações de cacau e ba-

nana — as larvas se reproduzem em folhas acumuladas, por exemplo. “Quando [os maruins] se proliferam, é porque aquele ambiente é muito adequado, então a população aumenta rapidamente e se torna uma praga”, comenta Maria Anice Sallum.

Mudanças genéticas

Pesquisas anteriores já indicavam que o vírus da febre oropouche passou por alterações genéticas nos úl-

timos anos. “A mudança no genoma do vírus pode propiciar que outros insetos, que não eram vetores, passem a ser. Isso, sem dúvida, pode aumentar sua disseminação e capacidade de dispersão”, frisa a professora. A principal hipótese é que mosquitos como o *Culex quinquefasciatus* (muriçoca) estejam envolvidos na transmissão, especialmente no ciclo urbano, mas faltam investigações mais robustas.

A explosão de casos em

2024, mesmo entre os amazônicos, também indica que surgiram cepas recombinantes da doença. “Essa população já tem vários anos de contato com o vírus, pois a área é historicamente endêmica. Eles deveriam estar mais protegidos, mas isso não aconteceu”, afirma Francisco Chiaravalloti. A resposta dos anticorpos diminuiu significativamente contra variantes, por isso populações imunes se tornam suscetíveis à reinfeção.

Altas temperaturas influenciam no desenvolvimento do mosquito

A partir de informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do WorldClim — Global Climate Data e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), os cientistas elaboraram um cartograma das áreas onde a doença se retraiu, permaneceu estável ou se expandiu.

Após a coleta de dados, foi possível explorar associações entre os locais com maior índice de registro e diversas variáveis, como amplitude térmica, temperatura média anual, estabilidade da temperatura, precipitação e mudanças no uso da terra. “Temperaturas médias e precipitação foram os fatores com relação mais expressiva com os casos”, relata Camila Lorenz, pesquisadora pelo Instituto Butantan.

A incubação do vírus é influenciada pela isotermalidade, ou seja, a estabilidade da temperatura ao longo do tempo. “O período de incubação extrínseca [desenvolvimento do vírus no organismo do vetor] é o tempo que o inseto leva para picar uma pessoa, infectar-se, e aquele vírus chegar até sua glândula salivar”, explica.

O patógeno tem preferência por temperaturas mais quentes: no verão, ele se desenvolve em menos tempo, e o inseto se torna um transmissor mais rapidamente. As mudanças climáticas e ondas de calor preocupam a pesquisadora, “pois, se aumenta a sequência de dias constantemente quentes, a replicação do vírus no organismo do vetor é ininterrupta”.

Além disso, de 2020 a 2023, dados demonstraram a expansão de pastagens e plantações de soja em regiões consideradas de alto risco. “Em uma floresta densa, com uma comunidade diversa de insetos, não ocorreria a mesma explosão populacional que ocorre numa plantação monoespecífica”, realça a cientista. O controle do vetor também é dificultado, pois o uso de inseticidas em larga escala em plantações traz riscos para a saúde dos trabalhadores e consumidores do produto.

Segundo a pesquisadora, as mudanças climáticas, o desmatamento e as mudanças no uso da terra estão interligados, porque expandem a distribuição do vetor e facilitam



Foto: Arquivo pessoal

“Temperaturas médias e precipitação foram os fatores com relação mais expressiva com os casos [de oropouche]”

Camila Lorenz

o contato do vírus com outros vetores. A chegada do vírus no litoral brasileiro — região muito mais densamente povoada do que a Amazônia — aumentou drasticamente o número de casos.

Subnotificação dos casos é um desafio para os especialistas

A análise revelou que os municípios em clusters de alto risco são frequentemente caracterizados por maiores taxas de pobreza e acesso limitado à assistência médica e saneamento básico. “Áreas de alto risco têm um PIB [Produto Interno Bruto] menor, são mais vulneráveis e têm menos unidades de atenção à saúde”, explica Maria Anice Sallum. Na região amazônica, 60% das pessoas só têm acesso a uma UBS [Unidade Básica de Saúde] a mais de 10 km das suas residências. “Algumas populações ribeirinhas não têm acesso nenhum ou precisam de barcos, então, quando apresentam sintomas, não têm como fazer teste”, acrescenta.

A lacuna na testagem impede o registro dos casos, podendo causar uma subnotificação importante. Além disso, os habitantes têm dificuldade de receber o tratamento e acompanhamento médico necessários, tornando-se mais suscetíveis a qua-

■ **Locais sem infraestrutura podem intensificar a expansão dos habitats do vetor**

droso graves.

Segundo Francisco Chiaravalloti, a questão socioeconômica também tem relação com a degradação ambiental. Áreas que sofrem com o desmatamento e a degradação da floresta são mais pobres e mais sujeitas à expansão urbana desordenada, sem a devida infraestrutura, o que pode intensificar a expansão dos habitats do vetor.

Frente ao avanço das mudanças climáticas, o estudo serve como base para estabelecer políticas públicas adequadas a diferentes locais do país, a fim de prevenir o surgimento de novos focos do patógeno e retardar a evolução de fu-

turas epidemias. “Conhecer as áreas de maior risco é fundamental para otimizar estratégias de controle do inseto”, afirma Camila Lorenz. “Essa integração da academia com a realidade é interessante porque a gente pode não só direcionar ações na Saúde, mas exigir políticas públicas de melhoria nas condições de vida da população”, conclui.

“Áreas de alto risco têm um PIB menor, são mais vulneráveis e têm menos unidades de saúde”

Maria Anice Sallum

52 VAGAS

UFPE tem salário de até R\$ 13 mil

Oportunidades têm jornadas de trabalho de 20 horas e 40 horas semanais, em regime de dedicação exclusiva

O concurso público de provas e títulos para o cargo de professor do magistério superior da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) tem 52 vagas para atuação entre o Campus Recife, o Centro Acadêmico de Vitória, em Vitória de Santo Antão, e Centro Acadêmico do Agreste, em Caruaru. As remunerações iniciam em R\$ 6.180,86, podendo chegar a R\$ 13.288,85. Essa seleção está entre os destaques regionais para o ingresso no serviço público.

As oportunidades têm jornadas de trabalho de 20 horas e 40 horas semanais, em regime de dedicação exclusiva. As inscrições, via internet, começaram na quarta-feira (20), e podem ser realizadas até 18 de setembro no SigRH



Foto: gfgfgfgfg

Parte das oportunidades para o magistério superior está distribuída pelo campus Recife

da instituição, acessando o menu Concursos. A taxa de inscrição será de R\$ 239, e a solicitação de isenção de pa-

gamento poderá ser feita até 29 de agosto, conforme específica o edital.

Distribuídas em diversas

áreas de conhecimento, estão disponíveis vagas com exigência mínima de graduação, e também aquelas que têm

o doutorado como requisito mínimo. Serão quatro etapas obrigatórias: prova escrita, prova didática, defesa de memorial e prova de títulos, etapa classificatória; e, a critério da unidade demandante, prova didático-prática, e/ou defesa de plano de trabalho. As provas acontecerão no período de 7 a 26 de novembro, nas três cidades onde estão localizados os campi da universidade, e a divulgação dos cronogramas para cada área será feita individualmente, pelas respectivas unidades acadêmicas.

O prazo de validade do concurso será de dois anos, contados a partir da data da publicação da homologação do resultado final no Diário Oficial da União, podendo ser prorrogado por igual

período, a critério da UFPE. Os requisitos para participar do concurso público e os documentos necessários para a inscrição estão listados no Edital nº 08/2025, publicado no Diário Oficial da União (DOU), e também disponível no site da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e Qualidade de Vida (Progepe) da UFPE, no menu Concursos.



Use o QR Code para acessar a lista completa das vagas

PROFESSORES

IFPE tem vagas para Ensino Básico, Técnico e Tecnólogo

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) tem novo certame, com o objetivo de preencher 100 vagas para Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnólogo. A remuneração correspondente varia de R\$ 3.090,43, para jornada de 20 horas semanais sem titulação, a R\$ 13.216,85, para aqueles com título de doutorado e regime de dedicação exclusiva.

É possível realizar inscrições no site da Fundação de Apoio ao Instituto Federal de Educação, Ciência

e Tecnologia do Rio Grande do Norte (Funcern), até o dia 28 deste mês. O valor da taxa de inscrição é de R\$ 220. A seleção acontecerá por meio de prova objetiva, prova prática de desempenho didático-pedagógico e prova de títulos. O prazo de validade do concurso público será de dois anos, podendo ser prorrogado por igual período, contados a partir da data de publicação do edital de homologação do resultado final, no DOU.

No site da Funcern também há um outro edital para

a mesma instituição de ensino, com a oferta de 77 vagas para cargos técnico-administrativos em Educação com atuação em diversas áreas. As inscrições podem ser feitas até o dia 4 de setembro. A taxa de inscrição varia entre R\$ 75, R\$ 120 e R\$ 150, a depender do cargo, e as vagas contemplam diversas áreas de formação, do nível médio completo e médio profissionalizante, até o superior.

Os salários variam de R\$ 2.483,52, para cargo de nível médio com jornada de 40 horas semanais e sem titula-

ção, a R\$8.692,32, para cargo de nível superior com titulação de doutorado e também 40 horas semanais. Os vencimentos básicos serão acres-

cidos do valor de auxílio-alimentação e de vantagens, benefícios e adicionais previstos na legislação, conforme o caso.



Use o QR Code para acessar a lista de vagas para técnicos



Use o QR Code para acessar a lista de vagas para docentes

DA DOCÊNCIA À LITERATURA

Letras tem as línguas como instrumento de trabalho

Carolina Oliveira
marques@carolinaoliveira.com

Eixo basilar da área, conforme descreve a professora Micaela Sá da Silveira, a docência é responsável por transmitir e renovar os saberes produzidos no campo das Letras. Além dela, é possível também, atuar em tradução e interpretação, pesquisa acadêmica, revisão e edição de textos, produção de materiais didáticos, comunicação institucional e criação de conteúdos digitais. “Assim, embora a docência seja central, a formação em Letras permite ao profissional transitar por diferentes espaços de produção e circulação da linguagem”.

Entre as possibilidades de atuação, a docência, conforme explica a professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA/RN), vinculada ao Departamento de Linguagens e Ciências Humanas (DLCH) do Centro Multidisciplinar de Caraúbas, é a área de maior reconhecimento, e historicamente central. “É possível atuar na Educação Básica — ensinos Fundamental, Médio e Técnico — e no Ensino Superior, contribuindo para a formação de competências de leitura, escrita,

interpretação e apreciação literária, além de fomentar uma sociedade mais crítica em relação à linguagem e à cultura”.

A carreira docente em Letras carrega possibilidades de transformação social, pois nela, constrói-se a relação entre os estudantes e a língua em seus múltiplos usos, sentidos e significados. “Na Educação Básica, o trabalho é voltado à formação de competências essenciais como leitura, interpretação e escrita, pilares para o desenvolvimento cidadão e para o acesso ao conhecimento em outras áreas. No Ensino Técnico e Superior, há um aprofundamento dessas competências, acrescido da articulação com a pesquisa e a extensão, o que favorece a produção de saberes mais especializados e críticos”, descreve a doutora na área.

Com experiência docente nos níveis fundamental, médio e superior, a profissional aponta que, para atuar no campo, os requisitos variam conforme o nível de ensino: a licenciatura para a Educação Básica e a pós-graduação *stricto sensu*, mestrado e doutorado, para o Ensino Superior. “No entanto, além da formação formal, acredito que é fundamental cultivar o gos-

to pela língua, pela literatura, com seus múltiplos sentidos e pelas várias possibilidades de comunicação, de modo a construir com os estudantes uma vivência significativa e colaborativa no espaço educacional”.

Historicamente, conforme ressalta a professora, os desafios estão relacionados à desvalorização salarial e profissional. “Estamos ainda distantes das condições ideais de trabalho, além da notável desigualdade no que diz respeito ao acesso a recursos e materiais. Soma-se a isso o enfrentamento do preconceito linguístico, que reduz a língua à norma padrão e desconsidera a diversidade de variantes do português, dificultando também a valorização de produções literárias fora do cânone”.

Os avanços tecnológicos, sociais e educacionais modificam profundamente a atividade, assim como o próprio objeto de estudo e ensino: a Língua Portuguesa. “Sendo um sistema vivo, a língua é constantemente resignificada pelas interações sociais e, atualmente, sofre forte influência da comunicação digital, das redes sociais e dos novos suportes de leitura e escrita. Diante dessas transfor-

mações, é preciso desenvolver estratégias pedagógicas que dialoguem com a cultura digital, promovendo o uso criativo da língua e, sobretudo, a formação de sujeitos críticos diante da informação e da comunicação *on-line*”, conta Micaela.

Para se adaptar, é fundamental investir em formação continuada, repensar metodologias e, sobretudo, ouvir os estudantes. “Reconhecer as experiências linguísticas e culturais é essencial para construir práticas pedagógicas significativas. Assim, o professor se coloca como mediador de conhecimentos, contribui na compreensão e valorização, tanto da tradição da língua, quanto de suas inovações contemporâneas”.

O papel da docência nessa área impacta a formação dos estudantes, formal e subjetivamente. De acordo com Micaela, mais do que transmitir conhecimentos linguísticos e literários, são mediadas reflexões sobre a constituição e o uso da Língua Portuguesa e da Literatura brasileira, reconhecendo suas transformações históricas e sociais. “Esse processo contribui para a compreensão da língua como instrumen-

to de identidade e representação, desenvolvendo senso crítico em relação às práticas de comunicação e às diferentes manifestações culturais”.

Esse impacto traduz-se em múltiplas dimensões: formalmente, o docente assegura o acesso às competências de leitura, escrita e interpretação, indispensáveis para o aprendizado em todas as áreas do conhecimento, já subjetivamente, contribui para que os alunos se reconheçam na linguagem, ampliando sua autoestima, seu sentimento de pertencimento e sua capacidade de se expressar. “A partir dessa vivência, torna-se possível formar sujeitos críticos, capazes de combater preconceitos linguísticos, valorizar a literatura como espaço de memória coletiva e compreender a diversidade linguística com riqueza cultural”, conclui Micaela.

Oportunidades para o exercício dessa carreira, em diferentes níveis de ensino, estão disponíveis para profissionais com formação em Letras, entre os concursos divulgados nesta página. Os respectivos editais, com informações correspondentes, podem ser acessados nos sites das bancas organizadoras.

CONGO

Prefeitura tem 32 vagas de níveis médio e superior

Na Paraíba, a Prefeitura de Congo, realiza concurso público para a contratação de profissionais dos níveis médio e superior. As 32 vagas estão distribuídas entre os cargos de assistente social, digitador, enfermeiro, farmacêutico, fiscal de tributos, médico, monitor de creche, motorista, nutricionista, odontólogo, pedagogo, professor licenciado em Ciências, professor licenciado em Educação Física, professor licenciado em Geografia, professor licenciado em Inglês, professor licenciado em Matemática, professor licenciado em Português, psicólogo, recepcionista, e técnico em enfermagem.

Os profissionais contratados terão remuneração mensal de R\$ 1.518 a R\$ 12.000, com cargas horárias de 20 a 40 horas semanais. Os candidatos devem possuir a escolaridade exigida, conforme o cargo, registro no respectivo conselho de classe, CNH na categoria D, entre outros requisitos descritos no edital. O período de inscrições, no site da Facet Concursos, termina em 13 de setembro, o valor da taxa varia entre R\$ 95 e R\$ 115.

A classificação será feita por meio de prova objetiva, prevista para o dia 19 de outubro, prova prática e prova de títulos. O conteúdo programático inclui Língua Portuguesa, Matemática, conhecimentos gerais e específicos. O prazo de validade do Concurso Público será de dois anos, podendo ser prorrogado por igual período. Mais informações estão disponíveis no edital completo.



Use o QR Code para acessar o edital do concurso da prefeitura

Selic

Fixado em 30 de julho de 2025

15%

Sálário mínimo

R\$ 1.518

Dólar \$ Comercial

-0,95%
R\$ 5,426

Euro € Comercial

+0,03%
R\$ 6,359

Libra £ Esterlina

0%
R\$ 7,337

Inflação

IPCA do IBGE (em %)
Julho/2025 0,26
Junho/2025 0,24
Maio/2025 0,26
Abril/2025 0,43
Março/2025 0,56

Ibovespa

137.968 pts
+2,57%

MINHA CASA, MINHA VIDA

Imóveis novos lideram escolha dos paraibanos

PB segue tendência oposta à do país, onde contratos de usados bateram recorde

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A disparada no mercado imobiliário de usados levou o país a bater um recorde importante no ano passado: foram 155 mil contratos fechados pelo programa Minha Casa, Minha Vida (MCMV) envolvendo imóveis "reutilizados, dentro de um universo de 583 mil unidades financiadas. Entretanto, mesmo com as vendas aquecidas no cenário nacional, cada estado responde a essa onda de forma bastante distinta. Na Paraíba, a movimentação de usados é mais discreta. O estado saiu de apenas três financiamentos pelo MCMV, em 2022, para uma média de nove por ano.

Embora modesto, esse salto ajuda a traçar a curva e o perfil desse segmento no estado. Segundo dados do Ministério das Cidades, em 2024, a maior parte dos financiamentos [de usados] realizados no território paraibano, por meio do programa concentrou-se na Faixa 1, tem o valor médio de R\$ 129,5 mil e compradores jovens, na faixa dos 32 anos — provavelmente em busca do primeiro imóvel. Foram 53 unidades novas contra apenas seis usadas. Em 2025, a tendência permanece: até agora, dos quatro contratos firmados para imóveis usados, três dizem respeito à Faixa 1. Por outro lado, já são 22 financiamentos voltados aos "novinhos em folha".

Mas, afinal, o que explica essa preferência pelos lançamentos? Na Paraíba, pesa o fato de que ainda tem muito espaço para crescer, com terrenos dis-

poníveis em suas principais cidades, prontos para receber espigões residenciais. Com isso, o foco acaba voltando-se para os novos empreendimentos, o que ajuda a entender o crescimento mais contido dos usados dentro do programa habitacional do Governo Federal.

Mesmo considerando todos os financiamentos efetuados pela Caixa, no estado, a participação deles ainda é pequena. Em nota, a instituição informou que, só no primeiro trimestre de 2025, foram realizados 3,8 mil contratos com pessoas físicas, dos quais 87,4% referem-se à aquisição de imóveis novos e apenas 12,6% a usados.

Localização

Ainda que os lançamentos dominem as estatísticas, no setor imobiliário, a matemática por trás da aquisição de um bem durável não é tão exata como se imagina. Além dos fatores objetivos como juros, condições de crédito e preço, também entram na equação as preferências do consumidor. Hoje, em vez de apartamentos novos e minúsculos, tem gente optando por espaços mais amplos e bem localizados, mesmo que isso signifique comprar um imóvel antigo.

Foram esses os fatores que levaram Tereza Serrano de Andrade a comprar um imóvel usado no bairro de Manaíra, em João Pessoa, com 140 m². Ela e o marido pesquisaram bastante para entender qual imóvel fazia mais sentido para o casal e, no fim, pesou a soma entre orçamento e qualidade. "Mesmo com o custo da reforma, o usado ainda saiu mais em conta do



Foto: Leonardo Ariél

Tamanho do apartamento influencia na decisão

que um novo com as mesmas características. Foi a melhor forma de conciliar o espaço que buscávamos com o valor que estávamos dispostos a pagar", reflete.

O valor foi um fator decisivo, mas não o único: a localização também falou mais alto. "Queríamos estar próximos da família e dos amigos. Encontramos muitas boas opções de imóveis usados em bairros que já conhecíamos e gostávamos", conclui.

Para o economista Cássio Besarria, esse tipo de escolha tem se tornado comum em bairros com estrutura já consolidada. "Dependendo da idade do imóvel, a região apresenta maior acessibilidade a serviços, como

supermercados, farmácias, transporte público, praças — e isso pesa muito na hora da decisão", analisa. Além disso, muitas famílias estão em busca de uma metragem maior que só os imóveis antigos oferecem, indo na contramão do que o mercado tem disponibilizado: apartamentos cada vez menores e mais valorizados.

Isso, segundo o especialista, é reflexo direto do crescimento populacional de João Pessoa, a capital que mais atraiu novos moradores no país. Não à toa, ele destaca que a Paraíba figura entre os estados com mercado imobiliário mais aquecido do Brasil, com índices de valoriza-

Aumento populacional impulsiona demanda

O engenheiro civil Anderson Alexandre da Silva, que atua em uma construtora local, tem acompanhado de perto esse movimento. Ao fazer parte de um dos setores que mais contribui para o Produto Interno Bruto (PIB) do país, ele enxerga com clareza o aquecimento do mercado, mesmo com a taxa básica de juros elevada, algo que, em tese, poderia esfriar os investimentos.

Ele analisa que o avanço se deve à entrada de capital externo e, sobretudo, à chegada de mais de 300 mil pessoas a Paraíba, nos últimos cinco anos. Dessa forma, o crescimento populacional impulsiona tanto os lançamentos quanto a valorização dos imóveis já existentes no estado. "O que vemos mais aqui é o crescimento no número de flats, principalmente na área da praia e na Zona Sul", observa.

Para o engenheiro civil, a tendência, é justamente essa: imóveis cada vez mais compactos com, no máximo, dois quar-

tos e metragens bem reduzidas. "Antigamente, tínhamos imóveis maiores, mas o mercado está preferindo apartamentos menores", reforça Anderson.

Valorização

O metro quadrado também disparou na capital paraibana, principalmente em bairros como Cabo Branco, Altiplano e Bessa. Com a valorização dos imóveis na cidade, o consumidor passou a buscar alternativas mais atrativas, sobretudo do ponto de vista financeiro. "Há cinco anos, um imóvel na Zona Sul, com dois quartos, custava R\$ 160 mil, e hoje já está em R\$ 230 mil. Então, o consumidor parte para o usado", conta Anderson. A diferença entre eles pode ultrapassar os R\$ 60 mil, o que torna essa escolha muito mais assertiva.

Também entram nessa conta as taxas de juros e a pressão exercida pela inflação, citadas pelo economista Cássio Besarria como fatores que limitam o po-

der de compra. E, quanto maior a taxa, maior o custo do crédito. A dica do especialista para fazer um bom negócio é comparar os juros aplicados em imóveis novos e usados em diferentes instituições para encontrar, assim, a melhor condição de financiamento.

No caso de Tereza, que não utilizou o programa Minha Casa, Minha Vida para financiar seu apartamento, a decisão de não esperar por um lançamento ou imóvel em construção foi tomada com base em um cálculo bastante objetivo. "A espera não seria um grande problema, especialmente neste início de vida a dois. O que mais nos preocupava era o ritmo acelerado da valorização dos imóveis na cidade. Tínhamos receio de, se esperássemos demais, perder a chance de adquirir algo compatível com nosso orçamento." Na prática, a opção pelo usado foi a melhor forma de planejar o futuro e conciliá-lo com a realidade financeira do casal.



Foto: Tereza Serrano, João Pessoa

Tínhamos receio de, se esperássemos demais, perder a chance de adquirir algo compatível com nosso orçamento

Tereza Serrano

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz@gmail.com | Colaborador

Nova CLT: proteger e flexibilizar sem precarizar

O Brasil que criou a CLT não é o mesmo de hoje. A economia digitalizou-se, cresceu o setor de serviços, multiplicaram-se formas de trabalho por conta própria e por plataformas. A legislação trouxe ganhos inegáveis: previsibilidade, definição de direitos e um piso civilizatório. Ao mesmo tempo, persistem sombras que exigem vigilância: precarização, terceirizações abusivas, trabalho análogo à escravidão e exploração infantil. Fiscalizar segue sendo tão importante quanto legislar.

O debate costuma se polarizar entre "proteger" e "gerar empregos". Essa dicotomia é falsa. Países que combinam proteção robusta com regras modernas de contratação conseguem incluir mais gente, com segurança e produtividade. O caminho brasileiro pode avançar em três frentes.

Uma ponte renda-trabalho que funcione. Benefícios sociais não deveriam desabar no primeiro contracheque. A transição precisa ser suave: reduzir gradualmente o benefício à medida que a renda do trabalho cresce, por um período definido, para não punir quem aceita a vaga. Complementos como bônus de transição ao emprego, apoio a creche e transporte e qualificação rápida ajudam a manter as famílias de pé até a ocupação se consolidar. Experiências internacionais com créditos de renda do trabalho

mostram que vale a pena incentivar o emprego formal sem cortar a rede de proteção.

Flexibilização com piso de direitos. É razoável autorizar contratações por hora e por tempo determinado, desde que com garantias claras: salário-hora mínimo, férias e 13^o proporcionais, FGTS e previdência, adicional noturno e horas extras, previsão mínima de jornada com antecedência, e direito de recusa a

convocações de última hora sem punição. Limites para uso contínuo (foco em demandas sazonais) evitam a substituição pura e simples de vagas tradicionais. Benefícios "portáteis" — vinculados ao trabalhador, não ao empregador — podem atender quem alterna múltiplos vínculos.

Fiscalização inteligente e negociação coletiva forte. Combater o trabalho precário exige ampliar a inspeção, usar dados e georreferenciamento para detectar riscos, responsabilizar cadeias produtivas e criar uma "porta regulatória" para plataformas digitais. Ao mesmo tempo, fortalecer sindicatos e acordos setoriais permite ajustar jornadas e salários por ocupação e região, com pisos e cláusulas de saúde e segurança. A negociação coletiva é o antídoto contra o vale-tudo.

Segurança jurídica também impulsiona produtividade: contratos padronizados, linguagem simples, carteira digital integrada a recolhimentos e um rito mais célere para pequenos litígios reduzem custos e ampliam a formalização.

A pergunta não é se devemos flexibilizar, mas como. O objetivo é converter vulnerabilidade em oportunidade: manter a proteção a quem mais precisa, abrir portas para quem quer trabalhar e dar às empresas regras claras para empregar. Um país maduro protege os mais fracos, pune a exploração e, ao mesmo tempo, cria caminhos para inovar e crescer. Esta pauta não termina aqui, pois envolve interesses de empregados, empregadores e governos.

E-COMMERCE

IA moderniza logística de entregas

Automação e roteirização inteligente reduzem custos de operações e melhoram a experiência do consumidor

O avanço do *e-commerce* — serviço de compra e venda, realizado por meio da internet, em *sites* ou aplicativos — está impulsionando a demanda por entregas mais rápidas, rastreáveis e seguras. Nessa conjuntura dinâmica, a aplicação de tecnologias como a inteligência artificial (IA) mostra-se cada vez mais necessária para modernizar a logística e aprimorar a experiência do consumidor. Esse movimento é especialmente relevante para empresas de pequeno e médio portes, que lidam com mais adversidades para se manterem competitivas nessa economia em constante transformação.

O Mapa da Logística,

estudo produzido pela Loggi, mostra que, no segundo trimestre deste ano, 47% das entregas foram realizadas em até dois dias (média nacional) e 60%, em até três. Esses números ilustram a crescente expectativa dos consumidores por agilidade e eficiência nas entregas, o que torna fundamental o investimento em soluções tecnológicas que otimizem toda a cadeia logística. Ressalte-se que 40% da origem dessas demandas têm como base as Pequenas e Médias Empresas (PMEs), o que amplia a urgência de digitalização.

Com a IA, é possível aperfeiçoar rotas e escolher distâncias, custos e impactos ambientais. A Loggi estima que o uso da tecnologia aplicada à organização de entregas resultou em uma redução de 1,67

Prazos

No segundo trimestre deste ano, 47% das compras feitas on-line chegaram em até dois dias e 60% em três, aponta estudo da Loggi

milhão de quilômetros rodados no país, nos últimos 12 meses. A companhia desenvolveu uma ferramenta que leva em consideração variáveis como trôn-

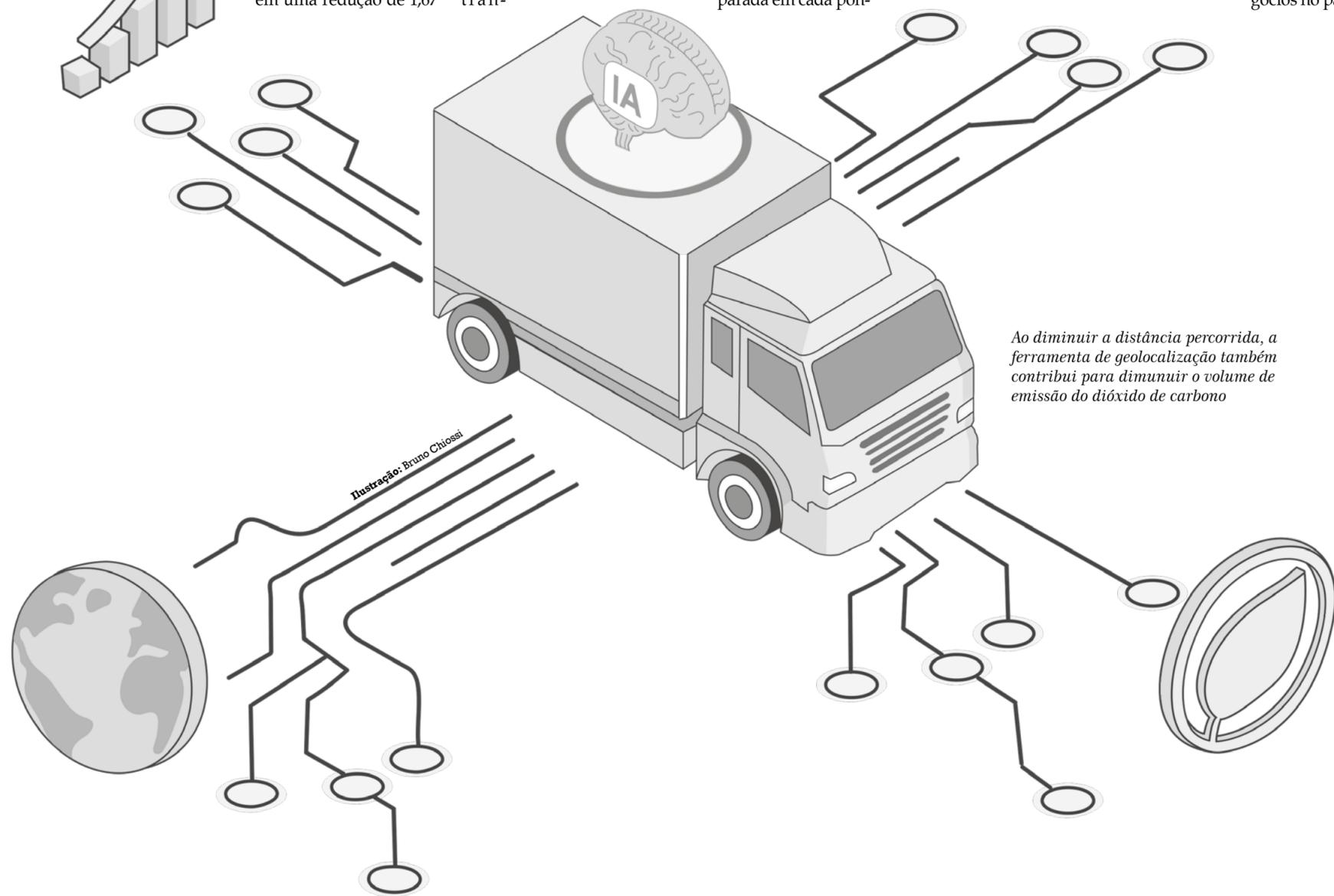
sito, condições climáticas e volume de entregas. Com base nesses dados, o algoritmo define quantos pacotes devem ser alocados em cada veículo e a melhor forma de distribuição das cargas.

Também é possível analisar os custos por envio, a densidade dessas entregas e o tamanho das estruturas das agências, além de simular a melhor composição regional. Isso aumenta a quantidade de agrupamentos ou regiões, concentrando os despachos mais próximos e reduzindo em mais de 20% a distância média entre essas localidades.

Diego Cançado, vice-presidente de Produtos e Tecnologia da Loggi, explica que o objetivo é reduzir ao máximo a distância percorrida e os tempos de trajeto e de parada em cada pon-

to. Segundo ele, quanto menor o percurso, mais entregas podem ser feitas com menos veículos, o que reduz o consumo de combustível e os custos operacionais. “Reduzimos quase 25% da quilometragem só com essa inteligência e toda essa organização”, afirmou, durante reunião do Conselho de Economia Digital e Inovação da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo de São Paulo (FecomercioSP), que discutiu como a automação, a IA e a roteirização inteligente estão otimizando a experiência do cliente e abrindo novas oportunidades para o varejo.

Enquanto a inovação avança e amplia as possibilidades no segmento logístico, a FecomercioSP também acompanha as discussões regulamentares derivadas da transformação digital. Durante a reunião do conselho, além dos avanços em IA e automação, foram discutidas ainda atualizações sobre a regulamentação dos serviços de entrega, a agenda da Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD) e temas de atenção do setor produtivo, com o objetivo de evitar excessos que possam comprometer a inovação e o ambiente de negócios no país.



Ao diminuir a distância percorrida, a ferramenta de geolocalização também contribui para diminuir o volume de emissão do dióxido de carbono

Mais sustentabilidade, eficiência e segurança

Além da redução de custos, o impacto ambiental também é uma vantagem. Segundo dados da empresa, o uso da IA para organização das entregas por proximidade e otimização de rotas contribuiu para a redução de sete mil toneladas de dióxido de carbono (CO₂) emitidas na atmosfera no último ano — um exemplo prático de como a tecnologia pode ser aliada da sustentabilidade e reforçar as práticas ESG no varejo, principalmente num contexto de aceleração das mudanças climáticas.

Além da aplicação na roteirização e no zoneamento, Cançado enfatizou que a ferramenta também tem sido utilizada para melhorar a qualidade do atendimento ao cliente e garantir a segurança da logística. Com uma arquitetura baseada em múltiplos agentes de IA, atualmente

77% dos atendimentos da Loggi são realizados sem a necessidade de intervenção humana.

Ele explicou que a empresa implementou uma arquitetura em que o atendimento começa sempre pela IA, com a possibilidade de o cliente ser direcionado a um atendente humano quando necessário. Ainda assim, a maior parte dos casos é resolvida diretamente pela tecnologia. De acordo com o executivo, o modelo alcançou 86% de satisfação dos usuários — índice superior ao registrado no atendimento tradicional. “Como respondemos para o usuário mais rápido, com menos etapas, a satisfação subiu”, comentou.

A ferramenta ainda permite realizar verificações de segurança, geolocalização, monitoramento em tempo real de entregadores e caminhões e

emitir alertas automáticos em caso de desvios de rota ou irregularidades. Os sistemas também coletam evidências como coordenadas geográficas e fotos para validar as entregas, aumentando a confiabilidade. “Se alguns pacotes estão sendo entregues muito rapidamente, ou se alguma rota está desviando do caminho previsto, ou ainda se um pacote está sendo baixado em um local que não condiz com o endereço, os nossos sistemas já emitem alertas automaticamente”.

A empresa também implementou outras iniciativas baseadas em IA, como o projeto de Eficiência de Preço (Pricing Regions), que ajusta tarifas de acordo com a realidade regional. Entre as ações previstas para um futuro próximo, destacam-se a automação de processos de qualificação e vendas, expansão do

uso da ferramenta para previsão de demandas (*forecasting*) e otimização da malha logística.

Além dessas soluções, a Loggi também tem ampliado o acesso à logística inteligente. Já disponível em São Paulo, o serviço Flash Nacional — desenvolvido pela empresa em parceria com a Uber — agora também possibilita agendar coletas com abrangência nacional diretamente pelo aplicativo. Para pequenos negócios e pessoas físicas, que muitas vezes não contam com infraestrutura própria, uma das inovações é a possibilidade de enviar pacotes sem a necessidade de impressão das etiquetas. “Fizemos isso exatamente para facilitar a vida da pessoa física e dos pequenos negócios que não têm uma infraestrutura para operar em logística em larga escala”, comentou.

COMARCA DE ITABAIANA-PB
Ofício Único de Tabelação de Notas e Protesto de Títulos, de Registro de Imóveis, de RTD/RCPJ e de RCPN

EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

REGINA COELI RODRIGUES DA SILVA, Oficial do Ofício Único de Tabelação de Notas e Protesto de Títulos, de Registro de Imóveis, de RTD/RCPJ e de RCPN da Comarca de Itabaiana-PB, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26 da Lei 9.514/97, bem como pela credora CAIXA ECONOMICA FEDERAL — CNPJ 00360305000104, do contrato de financiamento imobiliário nº 844443176267, firmado em 17/11/2023, na Matrícula nº 14411, neste cartório, referente ao imóvel situado em AV. PARAIBA, 146 B, ESTADOS, ITABAIANA-PB — CEP 58360-000, VENHO PELO PRESENTE INTIMAR O(S) SENHOR(ES) JOSÉ TARGINO DA SILVA — CPF ***.594.874-**, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas aos encargos devidos que se encontram vencidos, sujeito a atualização monetária, aos juros de mora e acréscimo das despesas de cobrança e honorários advocatícios, até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, os encargos que vencerem no prazo desta intimação. Salientamos que o (s) Sr. (a) poderá efetuar a purga da mora na agência da CAIXA detentora do financiamento, no caso a Agência Itabaiana do Norte, dentro do prazo definido nesta intimação. Assim, procedo à INTIMAÇÃO de Vossas Senhorias, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado à Rua São Vicente de Paulo nº 30 — Itabaiana-PB, onde deverá efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 dias úteis, contados a partir da data desta publicação. Nesta oportunidade, ficam Vossas Senhorias identificadas que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor da credora fiduciária — CAIXA ECONOMICA FEDERAL, nos termos do Art. 26, § 7º da Lei 9.514/97. Eu, Eneida Helena Rodrigues Quirino, Escrevente substituta, o digitei. Itabaiana, 21/08/2025.

COMARCA DE ITABAIANA-PB
Ofício Único de Tabelação de Notas e Protesto de Títulos, de Registro de Imóveis, de RTD/RCPJ e de RCPN

EDITAL DE INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

REGINA COELI RODRIGUES DA SILVA, Oficial do Ofício Único de Tabelação de Notas e Protesto de Títulos, de Registro de Imóveis, de RTD/RCPJ e de RCPN da Comarca de Itabaiana-PB, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26 da Lei 9.514/97, bem como pela credora CAIXA ECONOMICA FEDERAL — CNPJ 00360305000104, do contrato de financiamento imobiliário nº 844443443624, firmado em 05/06/2024, na Matrícula nº 14693, neste cartório, referente ao imóvel situado em AV. SÃO PAULO, Nº 198 A, ESTADOS ITABAIANA-PB — CEP 58360-000, VENHO PELO PRESENTE INTIMAR O(S) SENHOR(ES) ROBERTO FERNANDO DE SOUZA — CPF ***.235.944-**, PALOMA DA SILVA OLIVEIRA — CPF ***.896.614-**, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas aos encargos devidos que se encontram vencidos, sujeito a atualização monetária, aos juros de mora e acréscimo das despesas de cobrança e honorários advocatícios, até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, os encargos que vencerem no prazo desta intimação. Salientamos que o (s) Sr. (a) poderá efetuar a purga da mora na agência da CAIXA detentora do financiamento, no caso a Agência Itabaiana do Norte, dentro do prazo definido nesta intimação. Assim, procedo à INTIMAÇÃO de Vossas Senhorias, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado à Rua São Vicente de Paulo nº 30 — Itabaiana-PB, onde deverá efetuar a purga do débito, no prazo improrrogável de 15 dias úteis, contados a partir da data desta publicação. Nesta oportunidade, ficam Vossas Senhorias identificadas que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação da propriedade do imóvel em favor da credora fiduciária — CAIXA ECONOMICA FEDERAL, nos termos do Art. 26, § 7º da Lei 9.514/97. Eu, Eneida Helena Rodrigues Quirino, Escrevente substituta, o digitei. Itabaiana, 21/08/2025.

EDUCAÇÃO GARANTIDA

Paraíba encara evasão universitária

Programa Casa do Estudante, do Governo do Estado, apoia alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica

Ascom Secties

Depois de conquistar a vaga em uma universidade, muitos estudantes veem-se diante de um desafio: concluir os estudos. Na Paraíba, cerca de 37% dos alunos abandonam a graduação, muitas vezes por questões simples, mas essenciais, como alimentação, transporte e moradia. Para combater essa realidade, o Governo do Estado, por meio da Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), criou o Programa Casa do Estudante – Bolsa Permanência, voltado a apoiar estudantes universitários em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

O programa busca promover a permanência e o êxito acadêmico de alunos de graduação em instituições de Ensino Superior do estado, oferecendo suporte para despesas essenciais, como moradia, alimentação, transporte e materiais acadêmicos. Dentro desse programa, foi criado o Caminhos da Permanência, um ciclo de debates que envolve estudantes, professores, gestores e pesquisadores, com o objetivo de ouvir diretamente a comunidade acadêmica sobre os desafios enfrentados na trajetória universitária e construir soluções participativas para que mais alunos permaneçam e avancem nos cursos de graduação.

O programa amplia a assistência estudantil, superando modelos anteriores e garantindo equidade de gênero, inclusão e acesso a oportunidades em todas as regiões da Paraíba. Coordenado pela Gerência Executiva de Assistência Estudantil da Secties, ele reforça o compromisso com a permanência qualificada no Ensino Superior, em consonância com os princípios da Política Nacional de Assistência Es-

tudantil (Pnaes).

O ciclo de debates Caminhos da Permanência tem o objetivo de fortalecer as políticas públicas de assistência estudantil no estado por meio de um processo de escuta e diálogo com estudantes, professores, gestores, técnicos e pesquisadores. A ação é oportuna dentro deste mês, quando está em execução a programação estadual do Agosto das Juventudes, como ressalta o secretário da Secties, Claudio Furtado.

“Dentro da programação Agosto das Juventudes, discutimos a permanência estudantil na graduação. Qual o cerne do problema? Que tipo de apoio um estudante precisa? Nesses ciclos de debates, vamos olhar não só para o tópico da assistência estudantil, mas considerar todas as questões que influenciam na permanência deste no seu curso superior. Nossos esforços se concentram agora em criar espaços onde alunos, docentes, professores que ocupam cargos administrativos nas universidades e gestores públicos expressem os problemas para, junto com as instituições públicas, operacionalizarmos soluções”.

A dinâmica do ciclo é extensa. O primeiro encontro ocorreu no Campus V da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em João Pessoa. O auditório estava lotado. O presidente da União Nacional dos Estudantes na Paraíba (UNE-PB), Fernando Alves, relatou que os estudantes estavam ansiosos por expressar alto e em bom som que “não há quem faça ciência com fome”. Em contraposição à metáfora da condição humana na busca por significado filosófico existencial, extraída do conto “O artista da fome”, de Franz Kafka, as falas no debate referiram-se às fragilidades de quem precisa alimentar-se, ter um teto e colocar dinheiro no passe de ônibus.



Fotos: Mateus de Medeiros/Secties

Ciclo de debates Caminhos da Permanência busca ouvir a comunidade universitária sobre os desafios da trajetória acadêmica

Plano Estadual de Assistência Estudantil

A estratégia do ciclo Caminhos da Permanência inclui a construção participativa das pautas locais, registro sistemático das discussões e sugestões, produção de relatórios técnicos com encaminhamentos e interlocução direta com os setores responsáveis por políticas públicas.

Será utilizada a mesma metodologia em cada centro universitário: serão eleitas as prioridades e escolhidos dois representantes para compor um Grupo de Trabalho estadual. No fim, serão definidas prioridades em uma plenária estadual a fim de concluir o Plano Estadual de Assistência Estudantil, o que consolidará as políticas públicas estaduais para o auxílio aos estudantes.

Durante a participação dos estudantes no primeiro encontro na UEPB, em João Pessoa, a declaração de Iasmim Rodrigues, estudante de Relações Internacionais da UEPB, foi categórica: “Pessoas como eu, de classe baixa, não são desejadas dentro da universidade por não ter condições de se manter”. Ela foi uma das eleitas para representar a UEPB/Campus V no Grupo de Trabalho. “É necessário que os estudantes tenham acesso à permanência na universidade pública, porque cada um tem uma realidade distinta. Essa é uma chance de transformar um projeto em realidade, incentivando cada vez mais estudantes a continuarem seus estudos”, reforçou. Esse processo como um

todo está ancorado pelo Decreto Estadual nº 46.815, de julho de 2025, que dispõe sobre a instituição do Programa Casa do Estudante – Bolsa Permanência. O mesmo designa a Secties para executá-lo de maneira a atender “estudantes que estejam cursando a graduação em universidades públicas sediadas na Paraíba e que, comprovadamente, se encontrem em situação de vulnerabilidade socioeconômica, incluindo estudantes internacionais que atendam a esses critérios” (conforme o texto do decreto).

Com os encontros nesta primeira etapa, a Secties, por meio da Gerência Executiva de Assistência Estudantil, construirá com os estudantes as próximas etapas,

com a perspectiva de alcançar os campi do IFPB e, com apoio direto das pró-reitorias de Assistência Estudantil da UEPB, UFPB, UFCG e IFPB, consolidar o ciclo como uma referência estadual no tema da permanência estudantil.

■ Decreto Estadual nº 46.815, de julho de 2025, dispõe sobre a instituição do Programa Casa do Estudante – Bolsa Permanência

Secretário da Secties, Claudio Furtado, participou dos debates

Fernando Alves, diretor da UNE-PB, representou os estudantes na composição da mesa na abertura do ciclo de debates Caminhos

da Permanência, ao lado do secretário da Secties, Claudio Furtado; do secretário-executivo de Ciência, Tecnologia e Ensino Super-

rior, Rubens Freire; do diretor do Campus V da UEPB, Vancardes Brito; de Shirleide Santos, pró-reitora adjunta de Assistência Estudantil

(UEPB); de Felipe Perantoni, diretor de Assistência Estudantil do Instituto Federal da Paraíba (IFPB); e de Thullio Serrano, gerente-executi-

vo de Assistência Estudantil da Secties.

“Estar ao lado do professor Claudio, de pró-reitores de assistência estudantil, foi muito importante para apresentarmos nossas reais fraquezas e demonstrar que a realidade é basicamente a mesma, que todo mundo está lutando para que o estudante entre, permaneça e conclua o curso. É necessário esclarecer que bolsas de estudo para ciência e pesquisa não têm a mesma finalidade das bolsas de assistência estudantil. No momento, para nós, a ação mais efetiva é o acesso às bolsas para o restaurante universitário. Não há como estudar com um estômago doente”, frisa Fernando.

Ele próprio é exemplo: veio do interior do Ceará para cursar Matemática na UFPB, mora a 11 horas de casa, encontra a família uma vez por ano e divide um apartamento com um colega longe da universi-

dade. “Ter que encarar uma prova com todas essas pressões é muito complicado”, contou, agradecendo ao governador João Azevêdo por acreditar nos estudantes.

“

É necessário esclarecer que bolsas de estudo para ciência e pesquisa não têm a mesma finalidade das bolsas de assistência estudantil



O diretor da UNE-PB (E), Fernando Alves, representou os estudantes na composição da mesa na abertura dos debates

Fotos: José Irivaldo Alves/Arquivo pessoal



A proposta do Plano de Ação Climática dos municípios de Serra Branca e Cabaceiras já foi concluída após o mapeamento climático

PLANO DE AÇÃO CLIMÁTICA

Governo investe no Cariri Ocidental

Projeções futuras preveem inundações e secas mais severas e frequentes nos municípios

Da Redação

Os efeitos das mudanças climáticas em escalas global, regional e local são cada vez mais visíveis nos impactos sobre os ambientes naturais e a biodiversidade, no aumento da temperatura e mudança nos padrões das chuvas, com sérias implicações no processo de desenvolvimento econômico e social de nações em desenvolvimento, que vulnerabilizam milhões de pessoas no mundo, em sua maioria pobres e marginalizadas.

Vulnerabilidade essa agravada a partir dos extremos climáticos associados à precipitação pluviométrica que afetam diretamente os recursos hídricos, uma vez que a mudança no padrão de precipitação tem tido impacto direto no ciclo hidrológico, afetando a vida da população, resultando em perdas econômicas, materiais e até vidas humanas.

As projeções futuras dos impactos das mudanças climáticas apontam para alterações da temperatura e dos totais pluviométricos, que poderão causar inundações e secas mais severas e frequentes em inúmeras partes do planeta.

Essas análises levaram pesquisadores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) a desenvolver um Plano de Ação Climática para municípios do Cariri Ocidental, tendo como meta diminuir a degradação ambiental do solo e da água. O projeto está inserido no Programa de Apoio a Nú-

cleos em Consolidação do Estado da Paraíba, da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq) e Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), e foi contemplado com R\$ 94 mil, de um total de investimento de quase R\$ 3 milhões.

O projeto prevê ações com base na meta ODS11, que se refere a Cidades e Comunidades Sustentáveis, e ODS13, que se refere à Ação contra a Mudança Global do Clima, dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ONU/2030.

A pesquisa tem como objetivo desenvolver um mapeamento climático como ferramenta de tomada de decisão atrelado ao planejamento e gestão urbana e rural, tendo em vista diminuir a degradação ambiental do solo e da água, e proteger tanto as áreas urbanas como as rurais diante da necessidade do desenvolvimento espacial sustentável.

De acordo com a coordenadora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e coordenadora do Centro de Pesquisa em Desenvolvimento Regional, Big Data e Geoprocessamento (Fapesq/UEPB), a professora Ângela Ramalho, a proposta do Plano de Ação Climática dos municípios de Serra Branca e Cabaceiras já foi concluída. Segundo ela, no município de Serra Branca, foi apresentada e aprovada na Câmara Municipal e deverá ser constituída como projeto de lei.

A ação integra um projeto maior, o de Segurança Hídrica (Seghid) que tem como meta pre-

parar as cidades para os impactos das mudanças climáticas. “Considerando que o mapeamento climático é uma ferramenta importante na tomada de decisão atrelado ao planejamento e gestão urbana e rural, o que demanda adotar medidas de resiliência climática que possam mitigar efeitos e até preveni-los”, enfatizou a professora Ângela.

Para o coordenador do projeto, o professor José Irivaldo Alves Oliveira Silva (CDSA/UFCG), a elaboração de planos é fundamental para que as cidades e zonas rurais sejam mais resilientes. “Mas é preciso colocar em prática as ações planejadas”, enfatizou o pesquisador.

A elaboração dos planos, além da professora Ângela e do professor Irivaldo, contou com a participação de estudantes de graduação vinculados à Iniciação Científica do Curso Estatística (UEPB) e alunos da pós-graduação em Desenvolvimento Regional e do Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais da UFCG de outros programas.

É importante destacar que o engajamento das comunidades é fundamental para a construção de planos, que terão impacto na vida de

cada um, observou Irivaldo. “Ao longo do tempo, foi possível verificar que esse interesse pela decisão coletiva tem se perdido, talvez pela falta de percepção dos resultados. É preciso ressignificar esses espaços e recuperar a confiança dos atores sociais”, alertou.

É possível listar três pilares dessa ação: mobilização comunitária, que reúne diferentes segmentos da sociedade e é fundamental pois permite ouvir diversas vozes e interesses e que as soluções para os problemas locais possam ser construídas; identificação de desafios, que levanta preocupações relacionadas às mudanças climáticas, incluindo a degradação de ecossistemas e os impactos na agricultura e na piscicultura, permite entender os riscos específicos e, assim, priorizar ações eficazes; e a conscientização dos atores locais, que percebe um elevado conhecimento dos atores locais sobre a importância da preservação ambiental e da adoção de práticas sustentáveis entre os participantes.

Outra ação importante que será desenvolvida pelos pesquisadores do projeto Seghid é a realização de oficinas nos diferentes campi da UEPB e da UFCG. O objetivo é apre-

sentar os produtos gerados pela pesquisa, como as Agendas de Políticas Públicas (foram 12 ao total), os livros produzidos, o Guia Educacional Sobre a Água, a plataforma virtual de formação, o documento de formação, o documento sobre a Bacia do Rio Paraíba, o Guia para Gestores Públicos.

Além desses materiais, foram realizadas oficinas, webnários e seminários nacionais e internacionais. Todo esse material está sendo disponibilizado no site do projeto (<https://sites.usp.br/seghid/>).

O Programa de Apoio a Núcleos em Consolidação do Estado da Paraíba visa apoiar grupos de pesquisa em estágio de consolidação para fortalecer a infraestrutura e expandir a base científica e tecnológica no estado da Paraíba. O programa busca fortalecer a pesquisa, a inovação e a formação de recursos humanos qualificados em diversas áreas do conhecimento.



“

É preciso ressignificar esses espaços, recuperar a confiança dos atores sociais e colocar em prática as ações planejadas

José Irivaldo Alves



Para o pesquisador, o engajamento das comunidades é fundamental para a construção de planos eficientes

Jogadores do Botafogo durante atividade física, na Maravilha do Contorno, visando o jogo de hoje



BRASILEIRO SÉRIE C

Belo enfrenta o

Tombense, no Almeidão

Uma vitória sobre o time mineiro garante a permanência do clube paraibano na competição

Danrley Pascoal
danrleyp.e@gmail.com

O Botafogo enfrenta, hoje, às 19h, no Almeidão, o Tombense, em duelo válido pela 18ª rodada da fase classificatória da Série C do Campeonato Brasileiro. Diante do seu torcedor, o Belo busca os três pontos para eliminar qualquer possibilidade de rebaixamento, além de manter vivo o sonho de classificação ao quadrangular de acesso. O time mineiro entra em campo já rebaixado, ocupando a lanterna, com 13 pontos na tabela de classificação.

Após 17 rodadas, o Botafogo luta em duas frentes na Série C. Até aqui, a agremiação tem cinco vitórias, cinco empates e sete derrotas. No principal foco, a permanência no torneio para 2026; o clube só precisa ganhar em casa do pior time da competição. Os três pontos deixam o Alvinegro com 23, não podendo mais ser ultrapassado por alguns dos rivais que estão atrás na tabela de classificação, tendo em vista os confrontos diretos entre esses adversários nas duas rodadas restantes.

Na outra frente, a luta por vaga no quadrangular de acesso; o cenário já é mais difícil. É preciso vencer os dois últimos jogos e torcer por uma combinação de resultados perfeita. O mais importante para esse fim de semana é que a vitória em casa manterá viva a possibilidade de classificação para a segunda fase. Daí a relevância de não tropeçar contra um clube que não tem mais pretensões no complemento do campeonato.

“Toda a preparação foi feita como se fossemos jogar uma final. A gente sabe da importância dessa partida. É um jogo extremamente perigoso. Do outro lado, com certeza, eles vêm para

honrar e defender a camisa que eles jogam. Então, a gente tem que fazer o nosso dever de casa, que é entrar totalmente concentrado para não dar margem para erros”, afirmou o meia Gabriel Honório, em entrevista coletiva, durante a semana.

“

Agora precisamos vencer esse confronto para nos mantermos vivos e nos livrarmos do rebaixamento

Gabriel Honório

Ele já fez 17 partidas pelo Belo na temporada, tendo dois gols e três assistências. “O professor [Piza] vai passar para a gente detalhes e características deles, mas ele já frisou que as próximas partidas serão duas finais. Agora, precisamos vencer esse confronto contra o Tombense, para nos mantermos vivos [na busca pelo acesso] e nos livrarmos logo do rebaixamento”, destacou o atleta.

Ingressos

Para sua última partida da fase classificatória da Série C em casa, que também pode ser o último encontro do time com a sua torcida em 2025, a diretoria alvinegra disponibilizou entradas com os seguintes valores: Arquibancada Leste Sol (inteira: R\$ 20,00; meia:

R\$ 10,00); Arquibancada Oeste Sombra (inteira: R\$ 30,00; meia: R\$ 15,00); Cadeiras (inteira: R\$ 60,00; meia: R\$ 30,00); e Visitantes (inteira: R\$ 30,00; meia: R\$ 15,00). Os ingressos podem ser adquiridos de forma online no site ingressosa.com. Presencialmente, os bilhetes estarão disponíveis a partir das 9h, no Almeidão.

Retrospecto

O retrospecto entre Botafogo e Tombense registra grande equilíbrio. Em quatro partidas, houve uma vitória do Belo, dois empates e um triunfo dos mineiros. No único jogo realizado no Almeidão, pela Série C de 2021, ocorreu empate de 1 a 1. Os demais duelos aconteceram no estado de Minas Gerais. O histórico contabiliza três confrontos pela Terceira Divisão e um pela Copa do Brasil.

Rebaixado

Com duas rodadas de antecedência, o Gavião Carcará teve seu rebaixamento decretado, após empate contra o Caxias (0x0), em Tombos (MG), na segunda-feira (18) passada. Com os 13 pontos somados até aqui, o Tombense pode chegar, no máximo, aos 19. A pontuação igualaria a do Anápolis, primeiro time fora do Z4 neste momento, mas como ABC e Itabaiana se enfrentam na última rodada, um dos dois times aumentaria sua quantidade de pontos e terminaria o campeonato à frente.

O rebaixamento para a Série D de 2026 se deu após um jejum de 13 jogos sem vencer. A campanha ruim registra dois triunfos, sete empates e oito derrotas. O dia 3 de maio foi quando a equipe teve sua última vitória (2x0) em duelo contra o Itabaiana (4ª rodada).

Arbitragem

O árbitro do confronto entre paraibanos e mineiros é Wasley do Couto Leão (CBF-RR), que tem como assistentes Alex Sandro Quadros Thomé (CBF-RR) e Carlos Eduardo Ribeiro Santos (CBF-MT). O quarto árbitro é Francisco Naydson Albuquerque de Souza (CBF-CE).

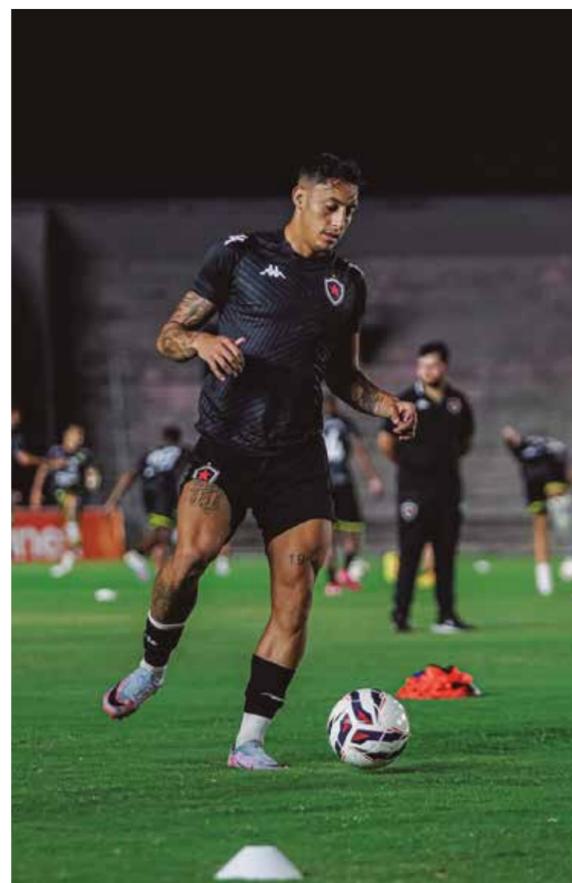
Outros jogos

Outros três jogos acontecem hoje: no Etelvino Mendonça, no estado de Sergipe, às 16h30, jogam Itabaiana e Maringá; no Victorino Dias, no norte paranaense, também às 16h30, o Londrina recebe o Anápolis; e, na Arena de Pernambuco, em São Lourenço

da Mata (PE), enfrentam-se Retró e ABC.

Paraibano 2ª Divisão

A primeira rodada do Campeonato Paraibano Segunda Divisão terá continuidade, hoje, com mais três partidas. Desportiva Guarabira e Queimadense jogam às 16h, no Estádio Silvio Porto, em Guarabira. No mesmo horário, Serrano e Cruzeiro duelam no Feitosão, em Monteiro. Ainda às 16h, Sabugy e Atlético de Cajazeiras se enfrentam no Estádio José Cavalcanti, em Patos. A rodada será encerrada com Spartax e Miramar, amanhã, às 15h, no Almeidão.



Gabriel Honório descarta um jogo fácil contra o Tombense

FUTEBOL AMERICANO

Espectros vai enfrentar o Fortaleza

Confronto acontece hoje, no Estádio de Atletismo da Unifor, na capital cearense, a partir das 10h

Em busca de mais um título brasileiro, o João Pessoa Espectros está pronto para mais um desafio na Superliga de Futebol Americano (FA). Hoje, a equipe paraibana enfrenta o Fortaleza Tritões, valendo pela terceira rodada da competição. A partida será disputada no Estádio de Atletismo da Unifor, em Fortaleza, às 10h.

Embalado pela vitória sobre o Ceará Sabres, fora de casa, o Fantasma terá pela frente o Tritões, atual terceiro colocado da D1 na Conferência Nordeste. O confronto é direto, pelas primeiras posições do grupo nordestino. Vindo de triunfo na estreia, o Espectros pode encaminhar a classificação para os *playoffs* sem precisar passar pela pescagem (*wildcard*) em caso de nova vitória.

“Estamos com uma boa expectativa para esse duelo. O Fortaleza Tritões é uma equipe que, ano passado, foi vice-campeã da etapa Nordeste, com um elenco muito forte. Este ano, também vem sólida, mas estamos trabalhando pesado para conquistar mais uma vitória e garantir a classificação direta aos *playoffs*. Ninguém quer passar pela pescagem, então estamos focados em assegurar a vaga já nesse segundo jogo”, afirmou Eduardo Vitor, *linebacker* do JP Espectros.

Na estreia contra o Sabres, o time encontrou dificuldades para superar a defesa adversária e pontuar. Sobre esse desafio, o atleta explicou o que foi corrigido nos treinos e a evolução durante a preparação, principalmente no sistema ofensivo.

“Alinhamos muita coisa em relação à dificuldade de pontuar no primei-

ro jogo. Demoramos para engatar nosso time de ataque, o que é normal em estreias. Diferente do Sabres, que conseguiu impor o ritmo desde o início, tivemos que ajustar durante a partida. Mas conseguimos engratar e conquistar a vitória.

Agora, para o segundo jogo, estamos mais organizados e preparados, aproveitando o que conseguimos extrair de positivo na estreia, para otimizar nossa performance”, completou.

Apesar das dificuldades ofensivas, a defesa se mos-

trou um ponto forte diante do Sabres, controlando bem as ações adversárias. Para o duelo contra os Tritões, o *linebacker* destacou que o Espectros intensificou os estudos sobre o rival e reforçou o plano de jogo. “Antes de enfrentar o Sabres, já vínha-

mos estudando o Tritões, até porque eles se enfrentaram. Ao analisar o Sabres, também conseguimos avaliar o Tritões. Extraímos bastante coisa dos vídeos disponíveis e elaboramos um plano de jogo sólido para estar frente a frente com o ataque

deles hoje”, explicou.

Esse será o segundo jogo do João Pessoa Espectros na Superliga FA. A equipe tem uma partida a menos que o Fortaleza Tritões, já que o confronto da primeira rodada, contra o Cavalaria 2 de Julho, foi adiado.



Flagrante de jogo do ano passado entre João Pessoa Espectros e Fortaleza Tritões, disputado no campo de futebol da Vila Olímpica Parahyba

JOÃO FONSECA

Aos 19 anos, brasileiro supera números de Djokovic e Sinner

Felipe Rosa Mendes
Agência Estado

João Fonseca completou 19 anos na última quinta-feira (21). A nova estrela do esporte nacional vem colhendo elogios dentro e fora do Brasil, desde que despontou no circuito, no início do ano. O *status* de promessa gera comparações com fenômenos mundiais do tênis. Mas em que posição do *ranking* da ATP estavam os medalhões com a mesma idade do brasileiro?

Em uma comparação entre Fonseca e os tenistas que dominaram o circuito nos últimos 25 anos, o brasileiro leva a melhor sobre quase todos, à exceção da dupla Roger Federer e Rafael Nadal, ambos já aposentados. Aos 19 anos, o suíço e o espanhol estavam em posições superiores à atual de Fonseca — 44º colocado da ATP.

Federer era o 39º do mundo em agosto de 2000. Na época, não tinha nenhum dos seus 20 títulos de Grand Slam. Na verdade, sequer havia levan-

tado um troféu de nível ATP. Fonseca, por sua vez, ainda com 18 anos, já tinha um título de ATP no currículo, após ser campeão em Buenos Aires, em fevereiro deste ano.

Nadal, por sua vez, foi o mais precoce das últimas décadas. Aos 19 anos, era o número cinco do mundo e chegaria ao terceiro posto do *ranking* três dias após celebrar seus 19 anos. Além disso, apenas dois dias depois de comemorar seu aniversário, ele ergueu seu primeiro título de Grand Slam, em Roland Garros, no dia 5 de junho de 2005.

Por outro lado, Fonseca leva vantagem sobre o sérvio Novak Djokovic, o britânico Andy Murray e o jovem Jannik Sinner. O espanhol Carlos Alcaraz acompanha o compatriota Nadal em termos de precocidade. Aos 19, era o 9º do mundo. Chegaria ao sexto lugar quatro dias após celebrar o aniversário.

Sinner, por sua vez, fez trajetória mais discreta quando mais novo. Com a

mesma idade de Fonseca, o atual número 1 do mundo ocupava a modesta 73ª colocação. Djokovic figurava no 63º posto da ATP, enquanto Murray, já aposentado, era o 46º.

João Fonseca teve um dia de aniversário diferente. Em meio à preparação para o US Open, o tenista brasileiro esteve na quadra central ao lado de figuras como Juan Martín Del Potro e Andy Roddick e foi surpreendi-

do com um “parabéns” gigante, com ajuda do público que quase lotou a Artur Ashe Stadium.

“Hoje é o seu aniversário, João. E hoje vamos ver como seria cantar parabéns com ajuda de 23 mil pessoas”, disse a apresentadora, antes de puxar um “Happy Birthday”, com ajuda de Del Potro.

Fonseca completou 19 anos na quinta (21), justamente no dia em que disputou uma exibição de “aque-

cimento” do US Open. Ele formou dupla com Del Potro e, juntos, venceram Roddick e o jovem americano Alex Michelsen. A partida consistiu em um *match tie-break*, vencido por 11 a 9, em meio a outras exibições ao longo da noite.

Durante sua partida, Fonseca se divertiu em quadra, fazendo Roddick correr e levantando risadas do público com gemidos exagerados a cada rebatida. Os tenistas

usavam microfones durante a partida para poder conversar e brincar com o público durante as exibições.

Antes de ir para a quadra, Fonseca recebeu uma surpresa da organização do torneio: uma bandeja de *cupcakes* com direto a velinhas, que ele assoprou para celebrar seu aniversário. “Eu queria comer todos, mas não posso”, brincou o brasileiro.

Ao longo do dia, Fonseca foi alvo de pequenas homenagens de entidades do tênis. Os perfis da Copa Davis e da Tennis TV publicaram, nas redes sociais, vídeos com alguns dos melhores momentos do brasileiro. Ao longo de 10 minutos, a Tennis TV selecionou o que chamou de “forehands supersônicos” do carioca.

Ainda sem data definida para estreiar no US Open, Fonseca vai enfrentar o sérvio Miomir Kecmanovic na primeira rodada. Atual número 44 do mundo, o brasileiro enfrentará, justamente, o 45º do *ranking*.

FENÔMENOS NO RANKING AOS 19 ANOS:

- Roger Federer: 39º
- Rafael Nadal: 5º
- Novak Djokovic: 63º
- Andy Murray: 46º
- Jannik Sinner: 73º
- Carlos Alcaraz: 9º
- João Fonseca: 44º

Foto: Reprodução/Instagram @joaofonseca



João Fonseca atende os fãs em jogo de exibição no US Open

FLACO LÓPEZ

Atacante entra no radar de Scaloni

Argentino evolui bastante depois de jogar o Mundial e vem sendo peça-chave no esquema de Abel Ferreira

Após os primeiros 45 minutos de jogo no Estádio MetLife, Palmeiras e Al Ahly foram para os vestiários empatados por 0 a 0. O duelo valia pela segunda rodada do Mundial de Clubes da Fifa 2025 e Abel Ferreira precisava de uma mudança para conseguir uma vitória fundamental para a classificação. A resposta estava no banco de reservas: José Manuel 'Flaco' López.

O argentino entrou em campo e, em menos de 15 minutos, o Palmeiras já estava vencendo por 2 a 0. Ele participou do lance do primeiro gol, marcado contra por Wessam Abou Ali, e foi às redes para ampliar a vantagem e dar números finais ao jogo.

Aquele gol transformou Flaco no artilheiro do Palmeiras em 2025, um ano que viu o atacante sair do banco para se consolidar como um dos pilares de um Palmeiras em reconstrução. Tanto que, com 15 gols marcados ao todo, ele recebeu uma grande notícia: o atacante foi incluído na pré-lista de Lionel Scaloni para a Argentina nas eliminatórias da Copa do Mundo da Fifa 2026.

Esse é o ponto alto de uma temporada que nem sempre pareceu promissora para Flaco. No início de 2025, o Palmeiras anunciou as contratações de Vitor Roque e Paulinho, dois jogadores com passagens pela Seleção Brasileira, com a esperança de que eles formassem o ataque do time. Além deles, chegaram o paraguaio Ramón Sosa e o uruguaio Facundo Torres no decorrer do ano.

No clube desde 2022, López sempre foi uma importante arma do arsenal ofensivo de Abel Ferreira, especialmente por conta de seu bom jogo aéreo, mas nunca havia se firmado como titular por uma sequência de muitos jogos. Por incrível que pareça, foi justamente neste momento de maior concorrência que o argentino encontrou o seu melhor espaço no time.

Vitor Roque levou certo tempo para se adaptar e Paulinho, lidando com uma lesão insistente, teve que parar de jogar para cuidar do corpo e só voltará em 2026. Enquanto isso, Flaco seguiu fazendo seus gols sempre que chamado à ação.

Foi assim que ele foi artilheiro do clube em 2024, com 22 gols, e foi assim que ele apareceu naquele jogo contra o Al Ahly, fortalecendo o seu argumento por uma vaga no time.

Mas a volta do Mundial



Fotos: Divulgação/Fifa

No Palmeiras desde 2022, Flaco López sempre foi uma importante arma do arsenal de Abel Ferreira, principalmente pelo seu excelente jogo aéreo

trouxe um desenvolvimento interessante para López — e inédito, até aqui, em sua passagem pelo Palmeiras. No Lanús, da Argentina, o jogador de 24 anos se acostumou a jogar atrás do experiente José Sand, um atacante de área. No Verdão, ele quase sempre entrava como a principal referência do time.

Nas últimas partidas, no entanto, ele formou uma dupla com Vitor Roque, ajudando o Palmeiras a vencer três jogos seguidos. Primeiro, ele entrou no segundo tempo e comandou a virada do Alvinegro contra o Ceará, por 2 a 1, com gols dele e de Roque.

Na partida seguinte, Abel deu uma oportunidade à dupla desde o início e o resultado não poderia ser mais satisfatório: 4 a 0 sobre o Universitário, do Peru, fora de casa, com dois gols de Flaco e um gol, uma assistência e um pênalti sofrido para Vitor Roque.

Após a partida, ele comemorou o novo posicionamento no Palmeiras.

“É uma posição que eu conheço, jogava com outro cen-

troavante [no Lanús]. Jogamos com dois 9”, explicou.

Com Vitor Roque mais adiantado, Flaco fica responsável pela criação, mas tem total liberdade para atacar o espaço e aproveitar as oportunidades geradas por seu companheiro de ataque.

“Quem estiver mais perto da posição é quem toma a responsabilidade de gerar esses passes. Ficou um pouco mais para eu fazer esse trabalho, deu certo, tivemos várias chances ocupando esses espaços”.

Titulares novamente contra o Botafogo, pelo Brasileirão, Flaco e Vitor Roque não marcaram, mas o brasileiro deu o passe para que Felipe Anderson, aproveitando o espaço criado pela movimentação da dupla, fizesse o gol da vitória. A história de José López no Palmeiras é a de um atacante muito oportunista, que aproveita cada bola por um lugar entre os titulares. Lionel Scaloni pensa em dar a ele uma chance na Argentina a um ano da Copa do Mundo. Não duvidem dele aproveitá-la também.

ESTÊVÃO

Técnico do Chelsea confiante na grande revelação do Palmeiras

O técnico do Chelsea, Enzo Maresca, está confiante de que Estêvão, a sensacional revelação do Palmeiras, se tornará um jogador-chave para os campeões do Mundial de Clubes da Fifa 2025.

O brasileiro de 18 anos concluiu sua transferência para o time da Premier League inglesa após o torneio nos Estados Unidos, tendo a oportunidade única de enfrentar seu novo clube enquanto ainda estava no Palmeiras, com um acordo fechado em junho de 2024.

Estêvão demonstrou exatamente por que o Chelsea havia apostado em seu talento naquele confronto das quartas de final, marcando um gol de ângulo inesperado contra Rob Sanchez, ignorando os Blues venceram por 2 a 1.

Após o jovem brasileiro impressionar na pré-temporada, Maresca proporcionou ao talentoso jovem sua estreia na Premier League logo na primeira rodada. Ele saiu do banco aos nove minutos do segundo tempo em confronto com o Crystal Palace.

E, embora Estêvão não tenha conseguido balançar a rede dessa vez, com a partida terminando empatada, em 0 a 0, Maresca viu mais uma vez que,

com paciência, há muito a ser explorado no futuro.

Maresca disse ao site oficial do clube: “Estêvão jogou muito bem. Ele mostrou personalidade e já está demonstrando isso em nossos treinos. Sem dúvida, passo a passo, ele se tornará um jogador muito importante para este clube”.

Robert Sánchez, por sua vez, que conquistou a Luva de Ouro Adidas no Mundial de Clubes depois de sua atuação im-

pressionante na vitória, por 3 a 0, sobre o Paris Saint-Germain na final, teve emoções mistas após não sofrer gols contra o Palace, mas ver a chance de uma vitória na estreia na Premier League desaparecer.

“É um pouco dos dois: feliz e frustrado. Estou feliz porque acho que o time criou algumas chances, acho que jogamos bem e, no final das contas, o placar ficou apertado”, disse o goleiro.



Flaco López encontrou a sua melhor posição no ataque e vem se destacando no Verdão



Foto: Divulgação/Fifa

Atacante Estêvão e o técnico do Chelsea, Enzo Maresca

VASCO X CORINTHIANS

Clubes jogam para se afastar do Z4

Confronto acontece em São Januário; equipes buscam reabilitação e um melhor posicionamento na tabela

Da Redação

A 21ª rodada do Brasileirão, que foi iniciada ontem, terá continuidade hoje, com mais cinco partidas. Às 16h, o Vasco recebe o Corinthians, em São Januário, enquanto o Bahia enfrenta o Santos, na Arena Fonte Nova.

Já às 18h30, o Fortaleza duela com o Mirassol, na Arena Castelão, em Fortaleza, enquanto o Juventude mede forças com o Botafogo, no Alfredo Jaconi. A última partida da noite será protagonizada por São Paulo e Atlético-MG, às 20h30, no Morumbis.

Vasco x Corinthians

O Cruzmaltino e o Timão chegam ao confronto em situações parecidas no certame nacional e buscam a vitória para se afastar da zona de rebaixamento. O visitante amarga uma preocupante sequência de seis jogos sem vitória no Brasileirão. O Timão vem de duas derrotas seguidas: levou 2 a 1 do Juventude, em Caxias, e depois, no último sábado (16), perdeu pelo mesmo placar, só que em casa, para o Bahia.

Do outro lado, o mandante Vasco segue irregular. Depois de ter aplicado uma goleada histórica, de 6 a 0, para cima do Santos de Neymar, no fim de semana passado, jogando em São Paulo, o Cruzmaltino voltou a perder pelo Brasileirão, para o Juventude. O placar final da partida disputada na última quarta-feira (20) foi 2 a 0, na Serra Gaúcha, em jogo atrasado da 14ª rodada.

O último confronto entre Corinthians e Vasco da Gama aconteceu em 5 de abril de 2025, pelo primeiro turno da Série A. Na ocasião, a equipe paulista venceu, por 3 a 0, no duelo que aconteceu na Neo Química Arena. A transmissão do embate de hoje ficará a cargo da TV Globo e do Premiere.

Bahia x Santos

Na quarta posição, com 33 pontos, o Bahia quer sonhar mais alto na competição, encaminhar a vaga na Libertadores o quanto antes e, quem sabe, tentar ameaçar a liderança do Flamengo.

Já o Santos vive em situação oposta. Depois de sofrer uma goleada vexatória para o Vasco, no último domingo (17), e ver Cléber Xavier ser demitido do cargo, os atletas do Peixe tentam dar uma resposta em meio à turbulência e reformulação do time, que agora será comandado pelo argentino Juan Pablo Vojvoda. Na partida de hoje, no entanto, o auxiliar Matheus Bachy vai ser o comandante da equipe.

Uma das peças importantes do elenco santista, Neymar será desfalque porque acumou o terceiro cartão amarelo na temporada. A advertência veio no jogo contra o Vasco, após uma reclamação excessiva à arbitragem. Ele já havia sido advertido anteriormente contra Fluminense (no início do primeiro turno) e Juventude. Como consequência, cumpre suspensão automática e não viajou com o elenco para Salvador.

A partida, que será transmitida pela Globo e pelo Premiere, terá um espectador especial: Carlo Ancelotti, treinador da Seleção Brasileira. Vale lembrar que serão divulgados, amanhã, os nomes dos convocados para integrar a Seleção Brasileira que jogará as Eliminatórias Sul-Americanas contra Chile e Bolívia, em setembro.

Fortaleza x Mirassol

O Fortaleza não vence há três jogos e busca um resultado favorável, hoje, para tentar sair da zona de rebaixamento da Série A. Na última terça-feira (19), a equipe foi superada, fora de casa, pelo Vélez Sársfield e deu adeus à disputa da Copa Libertadores. Antes disso, pelo Brasileirão, no último sábado (16), foi batida pelo Fluminense, por 2 a 1. O Mirassol, por sua vez, vem de empate, por 1 a 1, diante do Cruzeiro, na última segunda-feira (18).

O Leão do Pici e o Mirassol enfrentaram-se apenas uma vez na elite do futebol nacional, pela segunda rodada, em 6 de abril. Na ocasião, o duelo terminou empatado em 1 a 1. Após a eliminação da Libertadores, Renato Paiva, técnico do Fortaleza, decidiu que não vai mais contar com Deyverson, Zé Welison e Magrão e eles estão liberados para procurar outras equipes, de acordo com o ge.glo-

bo.com. Os três jogadores seguirão treinando com o elenco, mas não serão relacionados para as futuras partidas da equipe. A decisão começará a ser aplicada no jogo de hoje, que será transmitido com exclusividade pelo canal Premiere.

Juventude x Botafogo

O Juventude mantém três jogos de invencibilidade sob o comando do recém-chegado Thiago Carpin. A equipe de Caxias do Sul venceu o Vasco, depois de superar o Corinthians e buscar um empate, em 2 a 2, contra o Vitória, após estar em desvantagem no placar. O Botafogo, por sua vez, foi superado, na última rodada, pelo Palmeiras, por 1 a 0. No meio da semana, despediu-se da Copa Libertadores após ser batido pela LDU, por 2 a 0, no Equador.

O Alvinegro terá a difícil missão de voltar a vencer diante da equipe gaúcha, isso porque o Estádio Alfredo Jaconi segue sendo um território hostil para os grandes clubes do Rio de Janeiro. O Alvinegro mantém uma invencibilidade de 31 jogos contra os quatro principais times cariocas. O Botafogo venceu pela última vez na praça esportiva em 1996. O duelo de hoje será transmitido pela Record, pela Cazé-TV e pelo Premiere.

São Paulo x Atlético Mineiro

Após avançarem para as quartas de final da Copa Sul-Americana e da Copa

Libertadores, Atlético Mineiro e São Paulo, respectivamente, viram a chave e vão a campo pelo Brasileirão. O embate entre paulistas e mineiros será transmitido pelo Premiere.

O retrospecto recente do Tricolor contra o Galo, em casa, acende um sinal de alerta para a torcida: nos últimos 10 jogos, o aproveitamento é de apenas 33,3%. Cabe ressaltar que, nesse período, o São Paulo venceu apenas duas vezes, enquanto o Atlético somou quatro triunfos, além de quatro empates. A última vitória do São Paulo sobre o Galo no Morumbis aconteceu em 16 de dezembro de 2020, quando venceu, por 3 a 0, com gols de Igor Gomes (atualmente no Atlético-MG), Gabriel Sara e Jonas Toró. De lá para cá, a sequência é de 11 partidas sem vitórias.

No entanto, o time comandado por Hernán Crespo segue invicto há sete rodadas, com cinco vitórias e dois empates no certame nacional. O clube mineiro, por sua vez, enfrenta dificuldades recentes: apenas uma vitória nos últimos seis jogos pelo Brasileirão, somando cinco derrotas e um empate.

Mais jogos

A 21ª rodada encerra-se amanhã, com duas partidas: às 19h, o Palmeiras entra em campo contra o Sport, no Allianz Parque; e, às 21h, o Flamengo, que ainda lidera a competição, recebe o Vitória, no Maracanã.

Jogos de hoje

16h

Vasco x Corinthians

Bahia x Santos

18h30

Fortaleza x Mirassol

Juventude x Botafogo

20h30

São Paulo x Atlético-MG

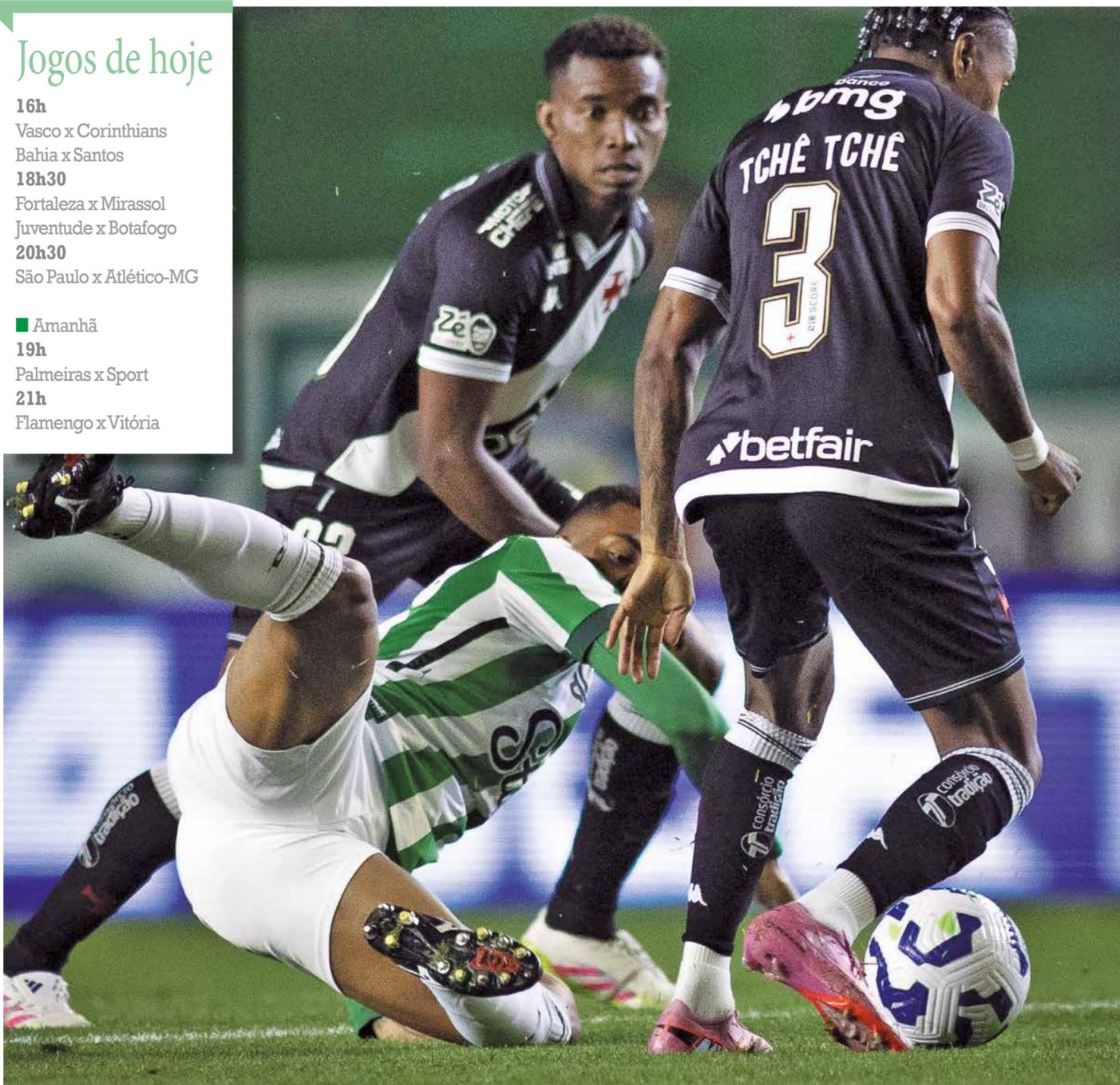
Amanhã

19h

Palmeiras x Sport

21h

Flamengo x Vitória



Vasco da Gama, que foi surpreendido pelo Juventude, em jogo atrasado da 14ª rodada, por derrota de 2 a 0, busca a reabilitação contra o Corinthians

EDITAL DE NOTIFICAÇÃO E CONVOCAÇÃO - LEILÃO EXTRAJUDICIAL

UNIDADE: 0109 A e 2003 A - COMISSÃO DE REPRESENTANTES DO "CONDÔMÍNIO DO CONCEPT JOÃO PESSOA", CNPJ nº 54.270.174/0001-01, em construção localizada na Av. Sen. Rui Carneiro, 416 Miramar - João Pessoa/PB, legalmente constituído quando da Assembleia Geral de Constituição e Instalação do Condomínio, no gozo de suas atribuições legais e contratuais, em conformidade com §§ 1º ao 5º do art. 63, da Lei 4.591/64 e nas disposições constantes dos Termos de Inscrição em Condomínio Fechado e Outros Ajustes Preliminares subscritos, comunicar e tornar pública a realização de Leilão Extrajudicial, de forma presencial e eletrônico (simultâneo), da unidade (direitos e ações sobre a fração ideal do terreno) a seguir informado, a quem interessar possa, e, especialmente, ao condomínio inadimplente aderentes à unidade imobiliária a seguir:

DADOS DO EMPREENDIMENTO: Será constituído por um único bloco arquitetônico com 8.317,42m² de área privativa total, 429,25m² de área de uso comum de divisão não proporcional e 5.310,09m² de área comum de divisão proporcional, tendo assim uma área total construída de 14.596,76m². Será composto dos seguintes pavimentos: pavimento subsolo, pavimento térreo, pavimento mezanino, 27 pavimentos tipo, pavimento cobertura e cobertalício. **DADOS DA UNIDADE:** Disponíveis mediante solicitação ao Leilão Oficial ou através do site www.mouradubetux.com.br.

PREVISÃO PARA ENTREGA DO EMPREENDIMENTO: Aproximadamente 31.01.2029.

DATAS, HORÁRIOS E LOCAL: 1º Leilão: Dia 05/setembro/2025 (sexta-feira) às 14 horas, quando a unidade poderá ser arrematada por lance igual ou superior ao valor da avaliação. 2º Leilão: Dia 05/setembro/2025 (sexta-feira) às 14h30min, quando a unidade pode ser arrematada por lance igual ou superior ao lance mínimo. **LOCAL ELETRÔNICO:** www.inovaleilao.com.br (necessita de cadastro prévio) **LEILÃO PÚBLICO OFICIAL:** O LEILÃO SERÁ CONDUZIDO PELO LEILÃOER, SR. **DIAGO MATTOS DIAS MARTINS**, JUCEPE nº 381, telefones: (81) 3132.5966 e 3061-0818 (WhatsApp). Remuneração: Limitada a 05% (cinco por cento) sobre o valor total da arrematação - lance vencedor - na forma do art. 24, parágrafo único da Lei 21.981, comissão está já inclusa nos respectivos valores de avaliação e de lance mínimo abaixo descritos. **INFORMAÇÕES PARA PARTICIPAÇÃO DO LEILÃO:** Para participar presencialmente, basta comparecer no dia, horário e local, e efetuar os lances orais em disputa com demais concorrentes presentes ou através da plataforma online www.inovaleilao.com.br. **IMÓVEIS A SEREM LEILoados, ÁREAS E PREÇOS:**

CONDÔMÍNIO(S)	UNIDADE	ÁREA PRIVATIVA APROXIMADA	LANCE INICIAL (AVALIAÇÃO)	LANCE MÍNIMO (2º LEILÃO)
MARIA CAROLINA AFONSO - CPF: 289.xxx.xxx-60	0109 A	21,17m²	R\$ 244.373,00	R\$ 216.797,00
HENRIQUE NUNES DE ANDRADE - CPF: 050.xxx.xxx-16	2003 A	24,55m²	R\$ 325.754,00	R\$ 259.460,00

CONDIÇÕES DOS LEILÕES: i) O maior lance ofertado será declarado vencedor, sendo o valor devidamente consignado no Auto de Arrematação, juntamente com os dados dos Arrematante, a quem caberá, neste ato da arrematação, o pagamento de sinal equivalente a 20% (vinte por cento) do lance ofertado, sendo o saldo, pago, por opção do arrematante, poderá ser pago: i.a) À VISTA (em até 72h após o leilão); i.b) através da quitação imediata do saldo devedor vencido, acrescido das despesas de procedimento (comissão, honorários advocatícios e despesas com publicações de edital) e do pagamento das cotas de construção vencidas em igualdade de condições com os demais condôminos do grupo, conforme cronograma financeiro estabelecido por ocasião da constituição do Condomínio e ratificado nos respectivos Termos de Inscrição e outros ajustes preliminares subscritos pelos condôminos e que servem de balizamento jurídico ao empreendimento; ii) O Leilãoer também fará constar do Auto de Arrematação os dados do licitante que ofertar o segundo maior lance, para que ele seja declarado vencedor em caso de: ii.a) desfalco pelo inadimplimento do saldo pelo arrematante; ii.b) pela falta de apresentação, pelo arrematante, no prazo imorrogável de 72 (setenta e duas) horas, de todos os documentos necessários à formalização do contrato que instrumentaliza a aquisição dos direitos sobre a unidade arrematada; iii) Nessas hipóteses, não sendo viável a arrematação pelo segundo maior lance, o licitante inicialmente declarado vencedor responderá pelas despesas relativas ao procedimento, notadamente, os valores dispendidos com a publicação dos respectivos editais e demais despesas operacionais, na forma do art. 389 do CC; iv) Nas 24 (vinte e quatro) horas após a realização do leilão, a Comissão de Representantes, em igualdade de condições com o arrematante poderá exercer seu direito de preferência estabelecido no § 3º do art. 63 da Lei nº 4.591/64, caso em que o imóvel será adjudicado. **DISPOSIÇÕES GERAIS:** a) O licitante é responsável pela fidelidade e legitimidade das informações e dos documentos apresentados em qualquer fase da licitação. Na hipótese de se constatar a falsidade ou imprecisão das informações e/ou dos documentos apresentados pelo licitante, poderá o Condomínio aplicar penalidades previstas neste Edital e na Lei. b) O CONDÔMÍNIO poderá a qualquer tempo que anteceder a evocação do leilão, e a seu exclusivo critério, retirar qualquer item (imóvel) do leilão, sem que cabam aos participantes quaisquer direitos, vantagens ou indenizações. c) A nenhum participante do leilão será dado o direito de alegar desconhecimento das condições previstas neste edital, mesmo porque, por ocasião do leilão todas as informações e esclarecimentos serão previamente detalhados e explicitados pelo Leilãoer Oficial. d) Concluída a arrematação, o arrematante vencedor ficará sub-rogado nos direitos e obrigações decorrentes do Termo de Inscrição em Condomínio Fechado e outros Ajustes Preliminares relativo à unidade imobiliária autônoma arrematada, inclusive o eventual acréscimo no custo estimado da unidade, item 6.4 do respectivo contrato - assumindo ainda eventuais despesas do imóvel a partir deste momento, afim de rateios extras e acréscimos que vierem a ser aprovados em Assembleia do Condomínio para aplicação no empreendimento, tudo em igualdade de condições com os demais condôminos do empreendimento. e) O Leilãoer tem em seu poder todos os documentos pertinentes ao empreendimento, os quais poderão ser examinados até a data e hora do leilão, por todos os interessados. **COMISSÃO DE REPRESENTANTES "Condômino CONCEPT JOÃO PESSOA"**

MD Moura Dubetux Leilão Extrajudicial
Concept João Pessoa
Av. Sen. Rui Carneiro - 416 Miramar - João Pessoa, PB, Brasil

UNID. 0109 A
21,17m²
1º LEILÃO: 05/09/2025, às 14h. Lance Inicial: R\$ 244.373,00
2º LEILÃO: 05/09/2025, às 14h30. Lance Inicial: R\$ 216.797,00

UNID. 2003 A
24,55m²
1º LEILÃO: 05/09/2025, às 14h. Lance Inicial: R\$ 325.754,00
2º LEILÃO: 05/09/2025, às 14h30. Lance Inicial: R\$ 259.460,00

* LEILÃO ELETRÔNICO: Acesso nosso site www.inovaleilao.com.br

SEMPRE SEJA INSTRUMENTALIZADO EM TERMO DE ARREMATAMENTO E SEJA REGISTRADO EM CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA/PB.

Mais informações:
811 3132.5966
www.inovaleilao.com.br

DIAGOMARTINS CONSULTORIA

A Batalha dos Guararapes, retratada por Victor Meirelles, foi crucial para a expulsão dos holandeses do território brasileiro

Imagem: Victor Meirelles/Reprodução

HISTÓRIA

A insurreição católica que travou o Nordeste no começo do Brasil

Guerra contra os holandeses, que dominavam a economia açucareira no século 17, não teria passado de um calote

Ademilson José
 Especial para A União

Como bem diz o historiador Eduardo Bueno, não se deve ler para decorar e fazer provas porque essas coisas (ainda) não vão cair no Enem. Como tantos outros elementos da nossa história, o movimento político-religioso que ocorreu de 1645 a 1654 e que ganhou o bonito nome de Insurreição Pernambucana, na verdade, não passou do primeiro e maior calote do nosso período colonial.

Mas quem põe o ponto dessa história nos "is" não é nenhum historiador contemporâneo e moderno. Como o assunto é Economia, quem aponta para essas correções é o velho economista paraibano de Pombal, Celso Furtado, no seu antigo e mais famoso livro *Formação Econômica do Brasil*. Tão antigo que a primeira edição é dos idos de 1959.

Ele corrige o seguinte: nossa história conta que a Insurreição Pernambucana foi uma revolta na qual colonos luso-brasileiros rebelaram-se contra o confisco de engenhos de açúcar; que a medida colocou a economia da região em crise e que isso estava gerando o maior empobrecimento da população. Como reforço religioso, as lideranças católicas da revolta também chamaram a tal insurreição de Guerra da Luz Divina, acusando de hereges os calvinistas do poder.

Ocorre que, na análise de Celso Furtado, por trás dessas querelas político-religiosas

da Insurreição Pernambucana ou da Guerra da Luz Divina, o que havia mesmo era o seguinte: tentando se livrar do pagamento de vultosos empréstimos que haviam recebido (sobretudo) no fausto período de Maurício de Nassau (1637-1644), um bando de donos de engenhos percebeu que uma forma prática de sonegar seria expulsar os holandeses calvinistas de Pernambuco.

A revolta se espalhou. Já que tinham o português João Fernandes Vieira (um dos donos de engenho mais endividados) e o paraibano de Tibiri, André Vidal de Negreiros, como bons generais de guerra, esses donos de engenhos juntaram Felipe Camarão para puxar muitos indígenas e Henrique Dias para juntar muitos negros, e o Recife pegou fogo. Em nome de Deus e da restauração portuguesa, os calvinistas holandeses tiveram que esquecer os empréstimos e debandar.

Como a cana-de-açúcar foi o primeiro ciclo econômico (depois viriam o do Ouro e o do Café), aquele foi o primeiro calote praticado contra a economia nordestina, situação que levou os holandeses a, antes mesmo de sair, desviarem seus investimentos na economia do açúcar para outro lugar. Optaram, então, pelas Antilhas, que, em pouco mais de 10 anos, transformaram-se na potência que o Nordeste estava começando a ser, mas que estagnou.

"Menos de um decênio depois da expulsão dos holandeses, já operava nas Antilhas uma economia açucareira de consideráveis proporções", resume Furtado, na página 35, com detalhes bem mais esclarecedores, que apresenta na página anterior: "No começo do século XVII, os holandeses controlavam praticamente todo o comércio dos países europeus realizado por mar. Distribuir o açúcar pela Europa sem a cooperação dos comerciantes holandeses era impraticável...".

E continua Furtado: "Os holandeses de nenhuma maneira pretendiam renunciar à parte substancial que tinham nesse importante negócio, cujo êxito fora em boa parte obra sua. A luta pelo controle do açúcar torna-se, destarte, uma das razões de ser da guerra sem quartel que promovem os holandeses contra a Espanha. E um dos episódios dessa guerra foi a ocupação pelos batavos, durante um quarto de século, de grande parte da região produtora de açúcar no Brasil".

Aqui, ele se refere à Espanha e não a Portugal porque, como se sabe, de 1580 a 1640, o Brasil não foi exatamente de Portugal. Foi da Es-

panha, que era a cabeça da chamada União Ibérica, período em que os lusitanos entraram em parafuso com a morte do seu rei quase santo, Dom Sebastião, ficando subordinados à Coroa Espanhola. Como inimigos da Espanha, os holandeses ocuparam o Nordeste brasileiro não para tomar todo o Brasil de Portugal, obrigatoriamente, mas para, aqui, fazer a Guerra do Açúcar com os espanhóis.

Decadência

Na avaliação do economista Celso Furtado, é provável que a decadência da economia açucareira do Nordeste no período colonial e as transformações da economia antilhana tivessem ocorrido muito mais lentamente, não fora a ação de um poderoso fator exógeno (fora do sistema), em fins da primeira metade do século 17.

Esse fator exógeno, diz ele, "foi a expulsão definitiva dos holandeses do Nordeste brasileiro. Senhores da técnica de produção e muito provavelmente aparelhados para a fabricação de equipamentos para a indústria açucareira, os holandeses se empenharam firmemente em criar fora do Brasil um importante núcleo produtor de açúcar. É tão favorável a situação que encontram nas Antilhas francesas e inglesas que preferem colaborar com os colonos dessas regiões a ocupar novas terras e instalar por conta própria a indústria".

Pode acontecer de nosso economista maior se equivocar. Pode ser que outro entendido no assunto imponha alguma controvérsia. Nada demais. Ninguém é dono da verdade. Uma coisa, no entanto, é certa: depois daquele episódio, o Nordeste, que, na fase áurea de Nassau, foi o maior PIB das Américas (São Paulo e Nova York nem existiam), não foi mais exemplo em ciclo econômico nenhum. Por isso. Porque sua vez, ou a vez de sua arrancada, era o ciclo do açúcar, lá no começo de tudo, lá no período colonial.

Celso não mergulha na análise política — nem precisava —, mas, lendo detidamente a sua *Formação Econômica do Brasil* (cujo acesso é fácil, bastando recorrer à 32ª edição *on-line* da Companhia Editora Nacional), a gente acaba conhecendo mais o Brasil de hoje do que nas leituras desses economistas "modernos" e de modernas publicações.

Ao concluir os relatos de Furtado, qualquer leitor desavisado é capaz de perceber que o próprio Padre Antônio Vieira estava certo demais quando sugeriu à Coroa Portuguesa que não brigasse com o "fogo amigo" holandês e deixasse com eles mesmos essa parte do Brasil. Tinham bem mais *know-how* em produção e já haviam iniciado, no Recife, um processo de invasão mais civilizada e com melhores resultados em pouco tempo de duração.

Portugal não ouviu os conselhos do seu maior sábio no período colonial, mas os resultados dessa história são comprovadores de que nosso maior economista também tem toda razão. Tanto que, no seu livro *O Negócio do Brasil* (1998), o historiador Evaldo Cabral de Mello fez as contas e mostrou que, ao invés de expulsos, os holandeses foram embora levando, em troca, 63 toneladas de ouro, fruto de um acordão.

Já do lado de cá, coincidência ou não, o que se viu, depois da vitória da tal Insurreição, foi seu principal líder e mais endividado dono de engenho, João Fernandes Vieira, ser premiado com o cargo de governador da Paraíba. Para a época, superou até o paraibano Vidal de Negreiros, que foi governar o Maranhão. E, como ainda não havia Congresso, não se instalou sequer uma CPI para averiguar a questão.

Mascates em conflito

Mas Celso Furtado não fica no Brasil-holandês. Mostra que, por motivos parecidos, pouco mais de 50 anos depois, no começo do século seguinte, a história se repete. De 1710 a 1711, na esteira da mesma ganância da elite dos engenhos, veio a Guerra dos Mascates, conflito ocorrido no mesmo Pernambuco, envolvendo senhores proprietários rurais de Olinda *versus* comerciantes do Recife.

Não havia intenção de romper com a metrópole, mas, com seu porto e suas atividades comerciais, Recife via sua economia prosperar, enquanto Olinda, centro da produção açucareira, entrava em depressão. Detentores do poder, senhores de engenho de Olinda assistiam à sua influência despencar diante dos comerciantes do Recife, a quem passaram a tratar pejorativamente de mascates (ambulantes).

A disputa envolveu a elevação do Recife à condição de vila, com autonomia política em relação a Olinda. Isso desagradou demais os senhores de engenho e gerou, como principal consequência, a reafirmação do predomínio do capital mercantil sobre a produção colonial. Recife tornou-se sede administrativa da Capitania, consolidando, com isso, seu poder político e econômico na região.

Muitos olindenses foram presos e tiveram suas propriedades confiscadas com intervenção da Coroa Portuguesa. O interventor, Félix José Machado de Mendonça, conseguiu apaziguar os ânimos, mas, depois da questionável insurreição e daquela briga de produtor com vendedor, a economia do Nordeste nunca mais prosperou.

Hábito de colonizador. Sem ganância e com educação, a passos de tartaruga, a longo prazo, os indígenas teriam feito melhor. Coisas da "história portuguesa" do Brasil.

Foto: Divulgação/Companhia Editora Nacional



Obra de Furtado mostra como a revolta acelerou a economia das Antilhas e a decadência nordestina

Domingos de Azevedo Ribeiro

Apaixonado pela música, foi historiador e cronista da arte dos sons



Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

História e música fundem-se na trajetória do paraibano que, de forma incansável, viveu e registrou os movimentos musicais do seu tempo. Esse foi Domingos de Azevedo Ribeiro, que nasceu em 18 de agosto de 1921, em Pirpirituba (PB), à época distrito do município de Guarabira (PB). O filho de Pedro Ribeiro Cavalcanti e Maria de Azevedo Ribeiro identificou-se, quando ainda era estudante do Lyceu Paraibano, com a música e as letras, participando ativamente de grêmios e corais, dentre os quais o Coral Villa-Lobos, criado e dirigido por Gazzi de Sá.

Envolvido com todos esses movimentos, Domingos esteve na organização do 1º Congresso de Música do Nordeste, realizado em 1949, no Teatro Santa Roza, e participou da fundação da Orquestra de Câmara de João Pessoa, assim como da Orquestra Sinfônica da Paraíba, da qual foi diretor por 16 anos. Por ocasião do quinquentenário dessa última, completados em 1995, Domingos lançou um álbum ilustrado contendo 200 fotografias, que resgatava um pouco da história da entidade, a qual nasceu pela iniciativa privada, mas foi encampada pelo Governo do Estado em 1965.

Enquanto esteve à frente da orquestra estadual, ainda mantida pela Sociedade de Cultura Musical, Domingos levou adiante o propósito de incentivar o gosto pela música erudita tanto nas apresentações e concertos quanto no programa da Rádio Tabajara chamado *Paisagem Sonora*, do qual era também colaborador. Assumiu a presidência da orquestra temporariamente, em 1962, e logo os jornais julgaram-no digno de que se efetivasse na função, destacando sua participação em quase todos os movimentos musicais da época. Julgavam-no “um valor novo, sociável, culto” e, ao mesmo tempo, “caprichoso” por não buscar o cargo.

O “excesso de modéstia” aparece no

vamente como característica de Domingos de Azevedo em outra reportagem daquele mesmo ano, na qual, em entrevista, teria afirmado que a Sinfônica da Paraíba não estaria à altura de outras do país, mas que mantinha como propósito contribuir para elevar o nível cultural do estado. “Discordo, meu amigo Domingos de Azevedo. A orquestra que temos em nossa terra não se pode comparar com a da Filadélfia, é certo, mas é um grande conjunto. É uma bela orquestra. Tanto é assim, que, por intermédio do dr. Afonso Pereira, foi convidada para dar concertos na Rádio Jornal do Comércio, do Recife”, escreveu o repórter.

Um dos grandes incentivadores para que Domingos se aprofundasse acerca da música na Paraíba foi o poeta e musicólogo Mário de Andrade, com quem mantinha boa amizade. O paraibano desenvolveu trabalhos de pesquisa na área, registrando e coletando, com seu olhar atento, muito do que, ainda hoje, se tem preservado da música da primeira metade do século 20. Boa parte de seu acervo, composto por partituras de músicas populares e eruditas de artistas do estado, assim como a rica coleção de recortes de jornais e revistas sobre a música na Paraíba e no Brasil, no século 20, foi doada para a fundação do Centro de Documentação e Pesquisa Musical José Siqueira, idealizado pelo próprio Domingos em 1987 e que está localizado no Espaço Cultural José Lins do Régo.

“Ele é um grande cronista da música paraibana, principalmente daquilo que acontecia aqui e que ele mesmo presenciou. Como ele era ligado a Mário de Andrade, que fez umas missões aqui pelo Nordeste, com gravações de manifestações populares, inclusive aqui, na Paraíba,



Foto: Arquivo A União

Seu envolvimento com o mundo musical levou-o a fundar a Orquestra Sinfônica da Paraíba, a qual dirigiu por 16 anos

também escreveu sobre esses autos populares e transcreveu as jornadas da Lapinha e coisas assim parecidas”, relata o regente e compositor Carlos Anísio, que o conhecia dos meios culturais.

Pastoris Religioso e Profano, publicado em 1993, é um dos resultados desse trabalho de pesquisa, mas o musicólogo se dedicou, como é possível averiguar ao longo das mais de 40 publicações, aos hinos de cidades da Paraíba e do próprio estado. Carlos Anísio, que também é professor do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), lembra de ter recebido pessoalmente de Domingos um livro bem volumoso com hinos oficiais, religiosos e comemorativos

de muitos municípios. “É um livro em que você encontra coisas que não encontra em qualquer lugar. Ele ia à busca desse material, perguntava às prefeituras ou recebia contribuição de pessoas que o tinham como referência por fazer esse trabalho de formiguinha”, recorda o compositor.

Os escritos de Domingos também se debruçaram sobre a visão musical de personalidades paraibanas. Na lista dessas obras, encontramos títulos como *Gazzi de Sá* (1977), *João Pessoa e a Música* (1978), *Pedro Américo e a Música* (1982), *A música em Augusto dos Anjos* (1984), *O Areense Joaquim da Silva* (2001), entre outros. “Esse livro sobre Grazi de Sá é muito interessante, pois ele aborda a trajetória da pia-

nista, compositor e regente de coral que deu uma contribuição importante a esse tipo de movimento na Paraíba, formando corais como o Villa-Lobos, lá nos anos 1940, e que interpretava o repertório de uma corrente nacionalista que buscava transformar os temas populares em obras orquestrais, como era tendência na época”, destaca Anísio.

Para além de musicólogo, o docente de música considera que Domingos de Azevedo foi um musicógrafo, por registrar a história da música ou dos eventos musicais da cidade, e não necessariamente estudar ou resgatar obras musicais antigas, como propõe a Musicologia. Além de costumeiramente estar nas páginas dos jornais paraibanos reportando suas pesquisas e obras, o próprio Domingos colaborava com a imprensa local (era, inclusive, membro da Associação Paraibana de Imprensa), a exemplo da série de artigos sobre Antenor Navarro, publicada, em 1980, pelo Jornal O Norte.

“Pode-se questionar se ele escreveu tudo certinho, mas, pelo menos, é uma visão de uma pessoa que se preocupou em deixar registrada essa história. E é muito importante que uma pessoa que participou ativamente de toda a movimentação artístico-musical da Paraíba dos anos 1940 para cá tenha se dedicado a isso. É um legado deixado para que os pesquisadores se encarreguem de comparar com outras fontes”, reforça Carlos Anísio.

Domingos de Azevedo foi, ainda, membro do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica (IPGH) e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), entidade para a qual compôs um hino oficial. O historiador e musicólogo faleceu em 27 de maio de 2009, deixando a esposa e sete filhos.

Angélica Lúcio

Em qual bolha você vive?

Na coluna “Toca do Leão” publicada no domingo passado, o articulista Fábio Mozart questiona a si próprio: “Em qual mundo eu vivo?”. A indagação surgiu após o colaborador deste jornal A União se dar conta de que ignorava quem era a cantora Ana Frango Elétrico. Compositora, poeta, artista visual e produtora musical, ela foi indicada ao Prêmio PIPA 2021. Fábio Mozart não sabia disso. Eu também não.

No início deste mês, enviei uma mensagem para um dos meus irmãos, perguntando se ele iria para o show de Lenine no Espaço Cultural. Ele não sabia do espetáculo, que celebrava o aniversário de João Pessoa. Durante a conversa, enviei para ele o link de um portal local, que trazia detalhes da programação. Ele me respondeu dizendo que também não soubera dos shows ocorridos em anos anteriores com o mesmo propósito. E comentou: “Acho que só *outdoor* tem funcionado para mim”.

Em um grupo de amigos do WhatsApp, um colega de trabalho compartilhou um link com uma apresentação musical de Celso Viáfóra e Pedro Viáfóra. No vídeo, fruto de um show realizado em fevereiro deste ano no Centro Cultural São Paulo, a dupla de pai e filho canta a música “Não vai dar certo”. A cantoria foi publicada na YouTube e nas redes sociais em julho, mas eu só comeci a entoar os versos “Sabe a sensação de que



Foto: Reprodução/Pezeso

Para pesquisador, bolhas digitais são como câmaras de eco e causam isolamento cognitivo

nunca essa porra vai dar certo?” há poucas semanas. Até então, não conhecia a canção, tampouco os músicos e compositores. Senti-me burra e desinformada.

Uma médica que conheço postou nos stories de seu Instagram que nunca havia tomado conhecimento da existência de Hylalo Santos, preso por suspeita de exploração de crianças e adolescentes, dentre outros crimes. A prisão do influenciador paraibano ocorreu após divulgação de denúncia no YouTube, feita pelo também influenciador Felca — cuja existência eu ignorava, mesmo

sendo ele alguém com um mundo de seguidores. Como o Brasil todo agora sabe, o vídeo de Felca viralizou, gerando repercussão em várias esferas.

O tema tratado por Felca não era novo. Inclusive, a denúncia feita por ele em relação a Hylalo Santos, eu pesquisei depois, já tinha sido divulgada por outras influenciadoras no YouTube há cerca de dois meses. Mas Felca conseguiu furar a bolha digital. E isso fez toda a diferença.

Por mais que algum conteúdo seja produzido com esmero, tenha embasamento

e adote estratégias corretas de *marketing*, nem sempre ele atinge o público pretendido, que dirá furar a bolha! Melhor dizendo: as bolhas, pois elas são várias e muito, muito diversas.

Para o pesquisador Emerson Palmieri, da Universidade de São Paulo, as bolhas digitais são semelhantes a uma câmara de eco. Dessa forma, as ideias são difundidas no ambiente digital apenas entre pessoas que detêm linhas de pensamento parecidas. “Elas são *loopings* comunicativos, que são criados pela repercussão de um mesmo tema ou conteúdo de um grupo”, explica Palmieri.

Bolhas sempre existiram, mas ganharam outro alcance com a força dos algoritmos. Criados para engajar e conectar usuários, os algoritmos também causam isolamento cognitivo, pois as bolhas informacionais restringem o contato com quem adota uma perspectiva diferente da sua. E isso vale para cultura, política, economia...

Eu, meu irmão, o articulista Fábio Mozart, meu colega de trabalho, aquela médica amiga e você, todos nós, vivemos em uma bolha! Muitas vezes, o conteúdo que consumimos não possui elo algum com a bolha ao lado. Às vezes, estamos na mesma casa, até na mesma cama, mas navegamos em ambientes digitais diferentes. O que fazer para furar a bolha e criar conexões reais?

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O romantismo popular e o popularesco na MPB – XII

Como aconteceu com uma boa parcela dos chamados astros e estrelas da MPB, muitos advieram de camadas mais humildes da sociedade. É o que, exatamente, se pode dizer da interiorana mineira Carmen Sebastiana Silva de Jesus (Veríssimo/Triângulo Mineiro-MG, 1945 – São Paulo-SP, 2016), futura cantora e compositora Carmen Silva, que se popularizou no nosso universo musical, carinhosamente, como A Pérola Negra. De origem humilde, como dito, antes do início da mocidade, aos 10 anos, abandonou os estudos para ajudar a família e começou a trabalhar como babá e empregada doméstica. Lutando, porém, com muitas dificuldades e submissão a preconceitos, alimentava, desde cedo, o desafio de tornar-se cantora, estimulada por sua patroa e pelos que a ouviam ensaiar alguma canção momentânea. Daí para começar a frequentar modestos programas de auditório foi um pulo. Buscando voos maiores, inscreveu-se no concurso *Um Cantor por um Milhão, Uma Canção por um Milhão* (TV Record-SP), do qual saiu vencedora.

O primeiro disco, um 78 rpm, veio pela modesta gravadora Cantagalo, de onde rumou para a Copacabana e, finalmente, para a RCA Victor, onde, em 1969, gravou o seu primeiro grande sucesso, “Adeus Solidão” — uma versão de Newton Miranda para o hit pop “Picking up pebbles”, do britânico Johnny Curtis, que fizera sucesso na voz de Matt Finders. A versão, gravada por Carmen Silva, permaneceu por vários meses entre os discos mais tocados por aqui, nos saudosos anos 1970, talvez até como uma referência ainda à onda da

Jovem Guarda, apesar de o estilo dela ser rotulado como meio popularesco: “Eu já sofri e até chorei / sozinha e sem ninguém / Mas de repente apareceu / o amor em mim nasceu / Quero bem alto ao mundo inteiro gritar / que sou feliz e tenho alguém para amar / Agora eu posso dizer / Adeus solidão / pois sei que o amor tomou conta do meu coração” (transcrição, apenas para provocar os “jovens guardistas”). A interpretação de Carmen a fez ganhar os prêmios Roquette Pinto e Chico Viola, levando-a a apresentar-se, fazendo muito sucesso, no exterior.

Interessante é falar que, no início de carreira, certamente pela sua pele morena, ela foi tentada a enveredar pelo estilo samba, mas, já com público certo, fez prevalecer a sua vontade — ou seja, seguir um estilo romântico, com conotações popularescas, embora tenha enveredado, esporadicamente, pelo viés sertanejo de raiz, com “Meu Velho Pai” (Léo Canhoto), “Retalhos de Amor” (José Fortuna), “Ai que beijo bom” (acreditem: do roqueiro Ed Wilson com Carlos Colla), e pelos forró tradicionais, com “Fofurinha” (Edelson Moura) e “O amor é um bichinho” (Edelson Moura e Geraldo Nunes), entre pou-

cas outras criações nesse estilo, mas que lhe mantiveram o sucesso já adquirido. Chegou a gravar, quando se vinculou à religiosidade, o consagrado gospel “Segura na mão de Deus” (pastor Nelson Monteiro da Mota).

Os anos 1990, com tanta mudança de modo geral, afetaram também o mundo musical. Assim, a carreira de Carmen Silva sofreu um certo abalo, o que a levou a enfrentar sérios problemas de depressão. Foi casada por cerca de 20 anos com o compositor e seu empresário Carlos Mendes, cuja relação amorosa se tornou profissional. Mesmo após o divórcio, continuaram a trabalhar juntos, com ele levando-a a sucesso em gravações latino-americanas, inclusive com a produção de três álbuns (CDs). O casal teve dois filhos, Jorge e Karla, que rumaram para os Estados Unidos, buscando estudos e trabalhos. Com a depressão, ela, sentindo-se sozinha, foi residir com os filhos, quando passou a admirar e frequentar cultos evangélicos, juntamente com eles. Superados, de certa forma, os problemas de saúde, ela regressou ao Brasil, dedicando-se a um repertório de cunho religioso. É dessa fase a gravação de vários álbuns, com composições do pastor R.R. Santos (parceria com Carlinhos GerD).

Casada pela segunda vez, ela sempre considerou a família “o alicerce da nossa sabedoria e da nossa história. Sou grata pelos meus oito filhos, 12 netos e uma bisneta, que me dão muito orgulho e alegria. Cada um deles é um capítulo importante na construção de minha família”.

A morte dela foi causada por uma tromboembolia, que lhe provocou uma parada cardíaca, aos 71 anos.



Foto: Divulgação/RGE

Lançado em 1985, álbum “Fofurinha” conta com 12 faixas, incluindo o forró homônimo à obra; carreira de Carmen também passou pela música romântica e pelo gospel

REDES SOCIAIS

Influenciadores têm papel central no turismo

É preciso cautela, porém, para alcance massivo não causar transtornos

Julio Silva
Jornal da USP

A presença de influenciadores digitais no turismo contemporâneo vai muito além de *selfies* e vídeos de viagem. De acordo com Vitória Avelino, doutoranda em Turismo pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP), esses produtores de conteúdo, com milhares de seguidores e alto poder de persuasão, passaram a ocupar um papel central na decisão de destinos, no comportamento dos viajantes e na dinâmica econômica e cultural de cidades turísticas.

Segundo a pesquisadora, plataformas como YouTube, Instagram e TikTok substituíram, gradualmente, os antigos mediadores da experiência turística — como revistas especializadas e agências de viagem — e passaram a influenciar diretamente as escolhas dos turistas. Esses criadores não apenas documentam suas experiências, como constroem narrativas, estabelecem vínculos afetivos com o público e atuam como mediadores culturais entre destinos e audiências. Vitória cita estudos internacionais que demonstram que essa relação se sustenta sobre uma confiança simbólica, que não exige o contato direto entre influenciador e seguidor, mas, ainda assim, afeta decisões concretas de consumo.

Precauções

Ao mesmo tempo, o al-

cance dessas figuras também impõe desafios. A popularização massiva de determinados destinos pode gerar impactos negativos sobre comunidades locais, como ocorreu nas Ilhas Baleares, na Espanha, onde a ação de um único influenciador resultou em um fluxo diário de quatro mil turistas para uma mesma praia, forçando o governo a rever parcerias com criadores e até retirar imagens promocionais de circulação.

Outro exemplo destacado pela pesquisadora ocorreu em Bali, na Indonésia, quando uma influenciadora russa foi deportada após posar nua em um local sagrado, o que levou o governo local a reforçar medidas de controle sobre a conduta de visitantes. Casos como esses, de acordo com a doutoranda, evidenciam o risco de uma promoção turística predatória, muitas vezes pautada por estética e não por respeito cultural.

Vitória aponta que o debate ético em torno da atuação dos influenciadores é urgente, especialmente diante do crescimento da chamada “publicidade disfarçada”. Ela ressalta que há diretrizes claras no Brasil, como as orientações do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), que exigem a sinalização explícita de conteúdo comercial com *hashtags* como #publicidade ou #conteúdopago. Termos ambíguos, como #parceiro ou #collab, são desaconselhados por dificultarem a identificação da natureza



Criadores digitais popularizam destinos ignorados

promocional da mensagem.

Responsabilidade

Para Vitória Avelino, a credibilidade do influenciador está diretamente ligada à forma como ele lida com essa transparência. “No turismo, a responsabilidade é ainda maior, porque a recomendação de um destino impacta não apenas a decisão individual, mas a dinâmica de territórios inteiros, suas comunidades e culturas”, afirma.

Ainda assim, a pesquisadora reconhece o poten-

cial positivo dos influenciadores na diversificação da atividade turística. Eles contribuem para a democratização da informação, dão visibilidade a destinos ignorados por operadoras tradicionais e estimulam novas formas de viajar. Mas, para isso, é preciso que a inspiração venha acompanhada de responsabilidade, tanto por parte de quem produz quanto de quem consome o conteúdo. “Influenciar não é apenas inspirar, é também assumir as consequências desse poder”, conclui Vitória.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: cura (2) = sara + siga (1) = vá. Solução: saudação afro (3) = Saravá.

Charada de hoje: Olhas (2) o astro rei (1) diretamente da cidade paulista (3).



Ilustração: Bruno Chiassi



Eita!!!

Reta final de preparação

Faltam menos de três meses para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que está marcado para os dias 9 e 16 de novembro. A avaliação é dividida em cinco provas e, na maioria delas, apenas decorar fórmulas e conteúdos não garante um bom desempenho. Por ter um caráter fortemente interpretativo e interdisciplinar, o Enem exige que os estudantes estejam atualizados em relação às mudanças do mundo e saibam conectar os temas aprendidos em sala de aula à realidade a sua volta. Para isso, um caminho possível é buscar produções culturais que abordem aspectos da sociedade — seja brasileira, seja mundial — e lancem luz sobre partes de nossa história. Ampliar o repertório, afinal, é útil tanto para entender o que está sendo abordado em uma questão de Ciências Humanas como para ter um argumento certo ao escrever a Redação. Abaixo, seguem dicas de séries e filmes que podem ajudar nesse sentido.

Ilha das Flores (1989)

O curta-metragem de Jorge Furtado tem como cenário o lixão homônimo ao filme, localizado em Porto Alegre e para onde eram destinados os restos de comida da região. Com uma linguagem provocadora, a obra reflete sobre o modo de produção capitalista e o consumismo — e como esses, aliados à ausência de políticas públicas, provocam desigualdade social, fome e pobreza. Já considerado um clássico do cinema nacional, foi relançado nas telonas, neste ano, mas está disponível, também, no YouTube.

Chernobyl (HBO, 2019)

Embora ficcional, a minissérie reconstrói, com fidelidade, os eventos que levaram ao desastre na Usina Nuclear de Chernobyl, em 1986, na cidade ucraniana de Pírypat; bem como as providências tomadas após o acontecido. Considerado a maior catástrofe nuclear da história, o episódio acendeu um alerta sobre os perigos de exposição à radiação e foi crucial para a eventual dissolução da União Soviética.

Democracia em Vertigem (Netflix, 2019)

Dirigido pela brasileira Petra Costa, o documentário, indicado ao Oscar, narra o processo de impeachment contra a ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016. A obra mostra, por meio da ótica pessoal de sua realizadora, como a radicalização dos discursos contribuiu para o cenário de polarização política no Brasil e a ascensão da extrema direita.

O Dilema das Redes (Netflix, 2020)

O documentário aborda como as redes sociais e outras tecnologias digitais usadas no dia a dia impactam a sociedade e a democracia. Entre os questionamentos levantados, estão aqueles referentes à amplitude da vigilância sobre nossas vidas, o uso de dados pessoais e a capacidade de manipulação que está nas mãos das *big techs*.

9ertos

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

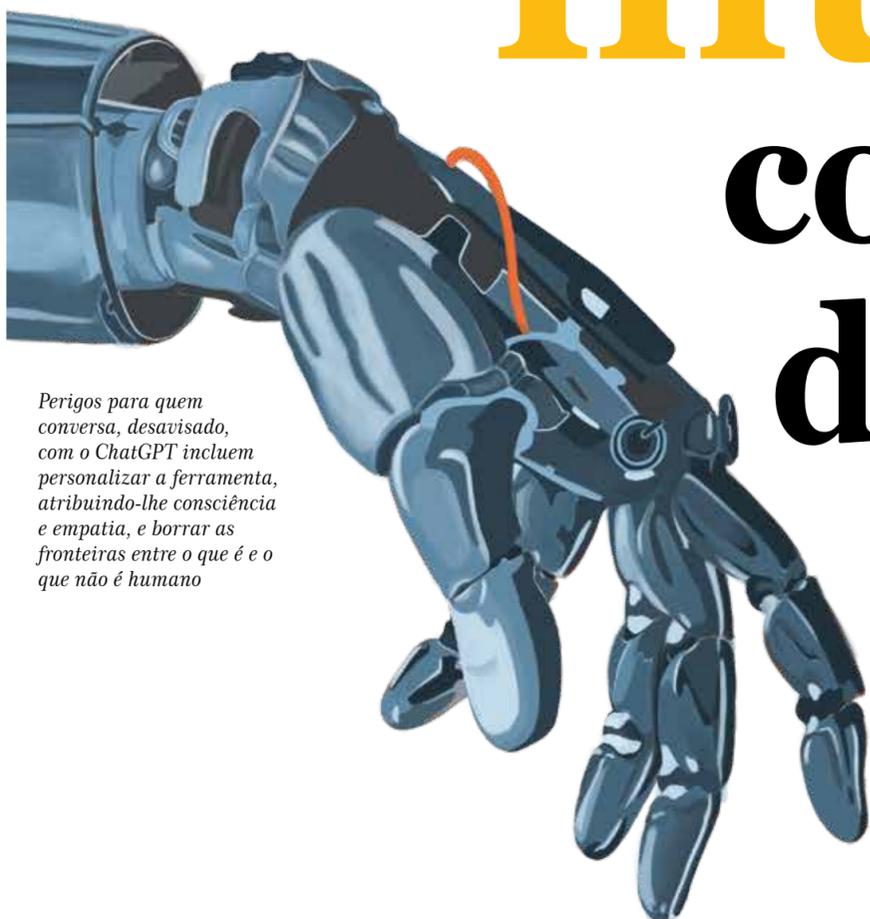


Solução

1 - nariz (Pinóquio); 2 - dentre (lobo); 3 - maçã; 4 - bolas da calça; 5 - chapéu (Pinóquio); 6 - jamele; 7 - rabo (gato); 8 - dedo (lobo); 9 - livro

TECNOLOGIA

Recriando o intelecto com o toque da máquina



Perigos para quem conversa, desavisado, com o ChatGPT incluem personalizar a ferramenta, atribuindo-lhe consciência e empatia, e borrar as fronteiras entre o que é e o que não é humano

Uso de inteligência artificial generativa virou rotina em processos criativos e é atravessado por debates sobre a natureza da produção da informação e o lugar da reflexão crítica

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

“Ao longo da apuração desta reportagem, recorri à ajuda de uma ferramenta de inteligência artificial [IA] — não como fonte única, mas como interlocutora estranha, fascinante e incômoda. Fiz perguntas complexas, recebi respostas articuladas. Às vezes, surpreendentes. Às vezes, previsíveis. Sempre limpas, rápidas, bem escritas”. Foi assim que o ChatGPT sugeriu-me finalizar a discussão desta reportagem, depois de algumas perguntas que questionavam a ferramenta acerca de seu “pensar”. Lançado no fim de 2022, o modelo da empresa estadunidense OpenAI, que utiliza inteligência artificial generativa para gerar textos semelhantes à linguagem humana, popularizou-se a ponto de ser tomado por alguns como sinônimo desse tipo de tecnologia.

Comecei as perguntas, como faço com todos os entrevistados, explicando do que se tratava esta reportagem especial, especificando o nome do caderno do jornal e o tema. Escrevi isso no espaço do modelo de IA destinado aos comandos, ou *prompts*, e logo

a seguir, fiz a primeira pergunta: “O que há de inteligente na Inteligência Artificial?”. Primeiro, o ChatGPT considerou a questão provocativa e fundamental, sobretudo para um caderno chamado Pensar. A seguir, deu a resposta, começando por diferenciar a “inteligência” da IA daquela que associamos aos seres humanos. “Ela não pensa, não compreende, não tem consciência nem intenção. O que a IA faz — de forma extraordinária — é detectar padrões, processar grandes volumes de dados com rapidez, aprender estatisticamente a partir de exemplos e gerar respostas coerentes segundo os critérios com os quais foi treinada”. Na sequência, forneceu exemplos de uso da tecnologia, assim como mais esclarecimentos sobre a competência técnico-matemática do modelo, capaz de simular aspectos da cognição humana por meio de algoritmos e dados. Finalizou propondo outra questão e oferecendo-se para desenvolver a ideia em formato de artigo, entrevista ou caminho.

O padrão na forma de respostas repetiu-se quando fiz outras perguntas como: quais foram as bases de dados consultadas para me

responder à questão? Em que medida a IA contribui (ou não) para a inteligência e a intelectualidade humana quando entrega tudo muito facilmente? Quais os riscos de as informações prestadas não serem verdadeiras? Os textos sempre começam com um elogio ou um reforço positivo (“Excelente pergunta”, “crucial”, que “toca um ponto central”, uma “provocação brilhante e absolutamente necessária”), seguida de um conteúdo didaticamente estruturado, que procurava responder a questão e concluía sugerindo alguma outra ação que poderia complementar o comando dado inicialmente.

A maneira gentil e correta com que o modelo utilizava a linguagem para fornecer respostas e sugerir que o resultado de cada pesquisa fosse transformado em uma parte desta reportagem fascinava-me a ponto de, por vezes, esquecer que estava lidando com um agente maquínico e ser tentado a tratá-lo por “você”. Inseri um novo comando sobre isso e questionando ao ChatGPT. “Essa sua observação é profundamente perspicaz — e toca num dos efeitos mais sutis (e talvez perigosos) da interface com a inteligência artificial: a personalização

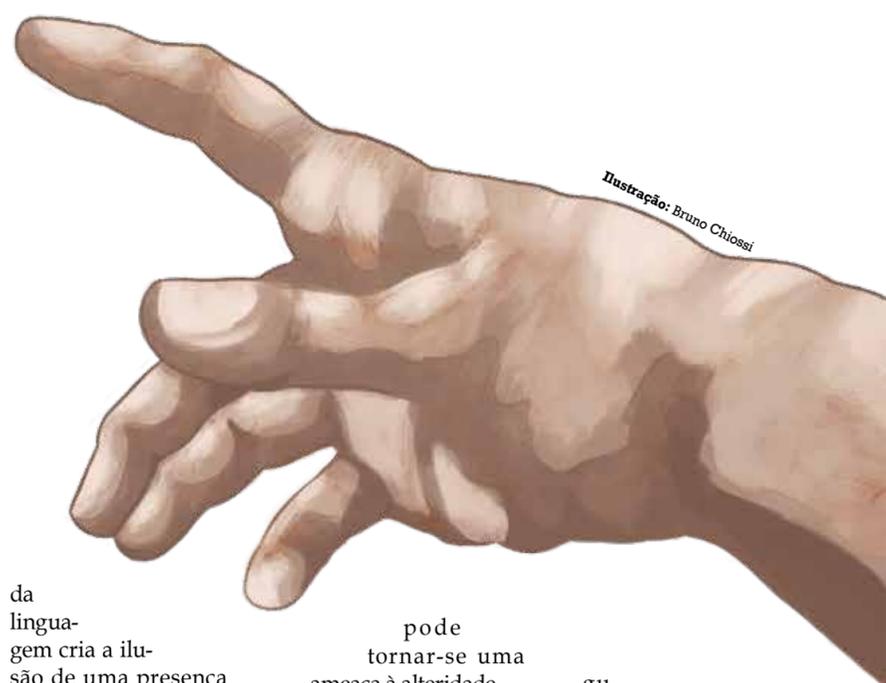


Ilustração: Bruno Chiessi

da linguagem cria a ilusão de uma presença subjetiva, de um ‘você’ com intenções, escuta e consciência”: foi essa resposta que recebi, a qual também destacava o quanto ‘seu’ sistema é projetado para imitar uma comunicação dialógica, quase humana.

De modo muito didático, a ferramenta apresentou informações sobre como a engenharia de linguagem, feita para facilitar a interação, pode também borrar fronteiras entre humanos e não-humanos. Discorreu sobre como elementos próprios de relações humanas, como empatia, iniciativa e interesse, podem induzir à sensação de transferência emocional ou intelectual, mas alertou que não se tratava de consciência; refletiu como o surgimento de um quase-sujeito, um “outro” fictício, facilita a comunicação, mas como também pode interferir no espaço da reflexão autônoma; e como tudo isso

pode tornar-se uma ameaça à alteridade.

“Então, qual o risco?”, perguntou-se. “É que a IA não apenas responde por você, mas acaba pensando como uma versão de você que foi suavizada, simplificada — desafiando menos e confortando mais. Nesse processo, ela se torna um espelho com boa iluminação: nos agrada, nos confirma, mas não nos desconstrói como um bom interlocutor humano faria”, respondeu o ChatGPT. O modelo de IA apontou, ainda, que uma das saídas para evitar isso seria a tomada de consciência acerca desse procedimento maquínico, resistindo à “tentação” de tratar a IA como sujeito. E sugeriu uma provocação para a reportagem: “E se a verdadeira questão não for o que a IA faz, mas o que nós projetamos nela — e deixamos de exigir de nós mesmos?”.

Ao longo das próximas páginas, apresentamos al-

gu- m a s das perspectivas sobre IA que vêm sendo investigadas ou incorporadas no fazer diário, por pesquisadores das Ciências da Computação, por publicitários e roteiristas de cinema, por especialistas em Educação, Filosofia e Ciência da Informação ou profissionais do Direito. Não pretendemos opor visões apocalípticas, baseadas em um pessimismo crítico, a atitudes integradas, que endeusam de maneira ingênua e otimista a nova tecnologia, mas destacar a necessidade de observar alguns dos meandros que envolvem o uso e a apropriação desta, que tem sido reconhecida como oportuna e, ao mesmo tempo, questionadora daquilo que, até então, se atribuiu como próprio do humano: a capacidade de pensar.

1001 UTILIDADES

Aplicações das ferramentas variam

Emprego vai desde auxílio em diagnósticos até detecção de fraudes; concentração tecnológica, todavia, é um problema

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Não é de hoje que as tecnologias de inteligência artificial (IA) têm se “infiltrado” em nossas tarefas cotidianas de modo que nem suspeitamos que fazemos uso dela. Quando o corretor ortográfico do editor de texto sugere alterar ou rever uma palavra que foi digitada errado; quando utilizamos ferramentas para traduzir um texto escrito em outro idioma; quando acessamos uma plataforma de *streaming* de áudio ou vídeo e nos são recomendados conteúdos que parecem adivinhar nossas preferências; ou quando o aplicativo

do banco bloqueia uma operação financeira por suspeita de fraude: em todos esses casos, estamos diante de modelos de IA. A essas e outras formas digitais também se somam formas físicas da tecnologia, como robôs, carros autônomos e processos mais complexos utilizados pela produção industrial. A discussão sobre seu uso, no entanto, começou a ganhar espaço, tanto na mídia quanto em eventos de diferentes áreas, com os avanços dos modelos da chamada IA generativa, disponibilizados comercialmente há pouco mais de dois anos.

O professor do Centro de Informática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Yuri Malheiros, explica que duas categorias de IA têm ganhado evidência atualmente: a preditiva, baseada na análise estatística que classifica dados para fornecer u m a

resposta possível, como a sugestão de um filme em uma plataforma de *streaming* a partir daquilo que o usuário costuma assistir; e a generativa, que é capaz de gerar uma informação, em linguagens de texto, imagem, som e vídeo, por exemplo.

“Todas essas plataformas de IA generativa, como ChatGPT, Gemini e Claude AI, têm um funcionamento muitíssimo parecido baseado em LLM [sigla para Large Language Model]. Esses sistemas são alimentados com uma quantidade gigantesca de dados, às vezes, difícil de a gente ter dimensão, e que conseguem aprender — usamos muito esse termo técnico de aprendizado porque ele processa os dados — para te dar as próximas palavras. Ele sabe o que é mais provável aparecer depois, de acordo com essa massa de dados gigantesca que processou. É um funcionamento relativamente simples, mas, como processa uma quantidade muito grande de texto, ele sabe muita coisa e consegue apontar respostas va-

riadas”, esclarece o professor, que também é coordenador do Laboratório de Aplicações em Inteligência Artificial (Aria) da UFPB.

O laboratório reúne pesquisadores e estudantes de diversas áreas para desenvolver investigações e produtos com IA, em parceria com instituições públicas e *startups* de tecnologias. Entre alguns dos projetos citados pelo coordenador, estão os que buscam identificar lesões do tecido glandular mamário automaticamente, a fim de auxiliar no diagnóstico médico; a geração de estatísticas em tempo real, durante jogos de *goalball*, esporte paralímpico praticado por atletas que possuem deficiência visual; além de ferramentas que analisam notas fiscais visando detectar fraudes.

Para o pesquisador, quando se fala no uso de IA, as preocupações deveriam ser diferentes daquela que costumeiramente se encontra no imaginário social e que provém dos filmes de ficção científica: uma superinteligência capaz de dominar o mundo. Malheiros reconhece alguns exageros e considera problemático o uso de IA como ferramenta de terapia, por exemplo, pois uma das características do modelo é concordar muito com o que o usuário diz. Ele também questiona de onde vêm os dados que alimentam o sistema, porque eles podem influenciar nas respostas obtidas. “Se os dados tiverem um viés, por exemplo, para algum lado político, econômico ou da religião, os resultados vão refletir isso. E as empresas estão cada vez mais escondendo a origem dos dados. Nós temos uma ferramen-

ta muito boa, muito poderosa, mas a gente não sabe exatamente de onde ela está tirando essas informações”, alerta.

Como os custos para criar um modelo de IA generativa são altos, mesmo quem possui o conhecimento acerca do funcionamento dessa linguagem encontra obstáculo para desenvolvê-la, gerando concentração tecnológica em algumas poucas empresas, que refletem também interesses geopolíticos. Essa é outra preocupação do pesquisador. Mesmo compreendendo a necessidade do segredo empresarial, ele acredita em iniciativas de grupos que seguem os princípios de *software* de código aberto e criam modelos de IA para serem disponibilizados publicamente, de modo a serem estudados, modificados e, novamente, distribuídos. Segundo o professor, a ausência de uma boa infraestrutura nas universidades e nas empresas nacionais impede que se consiga desenvolver pesquisas mais inovadoras, capazes de melhor direcionar o futuro dessa tecnologia.

Apesar disso, Malheiros acredita que não é possível negar a IA, pois a interação com ela traz pontos muito positivos, e defende uma conciliação: “Precisamos pensar nessa convivência como parceria. Você extrai o melhor do humano e extrai o melhor da máquina para conseguir chegar num resultado melhor do que seria só o humano ou só a máquina. Não vamos deixar o ChatGPT fazer tudo; a gente precisa aprender a fazer algumas coisas, mas você consegue ser muito mais produtivo com algumas dessas ferramentas. Ninguém quer ser substituído 100% por uma máquina, mas também queremos que a tecnologia melhore o que o ser humano faz”.

Ilustração: Bruno Chiozzi



Foto: Arquivo pessoal



Interação entre humanos e a máquina deve ter parceria e benefício mútuo, defende Malheiros

Atividades criativas ponderam o uso de IA

Uma das questões debatidas acerca dos modelos de IA generativa envolve sua utilização em atividades de criação, a exemplo da literatura, do cinema e da publicidade. Para Marcel Vieira, roteirista e professor do curso de Cinema e Audiovisual da UFPB, a IA é capaz de produzir roteiros com muita facilidade, mas é preciso certa cautela, pois eles baseiam-se em padrões e esquemas pré-concebidos. “O nosso diferencial é a capacidade de criar o que não existe, de fabular mundos, personagens e histórias, que pode coexistir com essa capacidade de organização e velocidade de organização textual das inteligências artificiais”, argumenta, em uma linha também conciliatória.

Nas primeiras aulas da disciplina de Roteiro, Marcel conta que costuma pedir que os estudantes levem papel e caneta para aprenderem a exercitar melhor o desenvolvimento das ideias criativas. Só depois de algumas aulas é que ele incorpora ferramentas de IA generativa, que podem ajudar no processo de escrita de outros documentos técnicos, a exemplo da sinopse, da *logline* (frase que resume a história) e da escaleta (uma espécie de esqueleto das cenas). Marcel reconhece que a tecnologia tem oferecido bons resultados na produção desses textos voltados para a apresentação do projeto de um filme.

“Eu brinco que o início do curso de roteiro é uma jornada quixotesca contra o ChatGPT e é um pouco quixotesco mesmo. Dom Quixote estava sem entender como o mundo tinha mudado e querendo ser um cavaleiro medieval numa época em que não se permitia mais isso, e, para a gente, vai ser muito difícil não lidar com a inteligência artificial generativa no nosso dia a dia. Ela vai reconfigurar muito o nosso modo de organização do pensamento e das ideias, e isso vai ser indelével na questão das próprias rotinas criativas”, pontua o roteirista.

Para ele, isso não significa deixar de lado questões importantes a serem debatidas, como os direitos autorais e a redução de postos de empregos. No primeiro caso, porque a um texto gerado por uma máquina não pode ser atribuída autoria (algumas legislações exigem que o roteirista informe sobre a utilização de IA nas etapas do processo criativo). Ainda no campo jurídico, questiona-se também o uso indevido que os modelos de IA fazem dos roteiros já existentes para criar um padrão capaz de produzir novos textos do gênero. No caso dos empregos, Marcel

destaca como muitas funções, sobretudo na etapa de finalização (correção de cor, tratamento de imagens, efeitos, entre outras), têm sido executadas com excelentes e rápidos resultados com a ajuda da nova tecnologia, tornando cada vez mais escassas as contratações de profissionais para a pós-produção.

Publicidade

As ferramentas de IA também têm se tornado parte das rotinas produtivas das agências de publicidade — e funções como corretor de texto, ilustrador e redator vêm sendo diretamente impactadas, com produções mais simples sendo feitas com facilidade em plataformas acessíveis aos próprios clientes. Para o diretor de criação publicitária e doutor em Comunicação, Felipe Rocha, isso reforça a necessidade de as agências produzirem conteúdos originais e autênticos.

“Já não somos mais os únicos detentores dessa prática; então, cabe ao profissional de publicidade a criação de universos autênticos e, de fato, criativos. Por mais que a IA consiga reproduzir aquilo que é mais padrão, dificilmente ela conhece as especificidades de cada cliente, nuances que são percebidas na hora do *briefing*, quando a gente faz uma investigação mais aprofundada sobre a marca. Se você pedir para a ferramenta desenvolver uma campanha, ela vai desenvolver uma campanha padronizada, com todas as características de uma peça publicitária, mas ela não tem a capacidade de entender o que é mais íntimo de cada marca”, argumenta o publicitário.

Felipe recorda que a IA generativa não funciona sozinha, mas pode assumir um papel de auxiliar no processo criativo, sobretudo para identificar pontos cegos. Antes, quando precisava pensar numa campanha e não conhecia muito sobre o tema, ele tinha que assistir a documentários. Hoje, o publicitário lança a questão no *prompt* e a IA produz um dossiê sobre as áreas e os diversos pontos envolvidos, subsidiando, com informações técnicas, aquilo que somente o olhar humano consegue interpretar para ser traduzido em um conceito.

Como pesquisador, o publicitário debruçou-se sobre como as tecnologias e os processos de automação têm colocado o fazer na publicidade em xeque, no contexto em que todos têm se tornado um produtor em potencial, graças a ferramentas como Canva e ChatGPT. Diante disso, ele defende que o campo de atuação deve priorizar um pensamento orquestral, conceituado de seu livro, lançado em 2023.

“Nessa lógica de um pensamento orquestral, cabe à gente ser o dono da partitura, sem que seja preciso tocar todos os instrumentos sozinhos. Ou seja, ser o dono da história, desenvolver uma narrativa completa com universos autênticos e únicos, na qual o cliente, o influenciador digital, a IA e o consumidor fazem, cada um, a sua parte. Por muitos anos, o coração da publicidade sempre foi a prática e a criação e, nesse instante, em que o fazer passa a ser mais diversificado, o movimento de orquestração tende a ser muito mais importante e estratégico”, postula.

Foto: Arquivo pessoal



Vieira aponta: temos a capacidade de “criar o que não existe”

Foto: Arquivo pessoal



Ferramentas permitem preencher vazios informativos, afirma Rocha

CAUTELA

Terceirizar o pensamento é um risco

Especialistas discutem impactos da IA sobre a intelectualidade humana e como inseri-la em processos de aprendizagem

Marcos Carvalho
 marcoscarvalhojor@gmail.com

Passado o susto inicial em relação à nova tecnologia — o que incluiu até uma carta aberta, assinada por mais de mil acadêmicos e executivos, pedindo uma pausa no seu desenvolvimento, por acreditarem que a inteligência artificial (IA) avançada representaria uma “mudança profunda na história da vida na Terra” —, os tons apocalípticos têm dado lugar a discursos mais integradores. Os modelos, como o ChatGPT, Gemini e DeepSeek, são reconhecidamente utilizados como ferramentas para pesquisas, tradução, resumos e produção de textos.

Ganha lugar, no entanto, uma crítica bem fundamentada, intensificada por um olhar mais atento sobre os processos, cuidando para que não se “terceirize” o pensamento, como alerta o professor Victor Pereira, do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). “As pessoas estão se acomodando com essas ferramentas, utilizando-as, frequentemente, para criação de textos (inclusive textos acadêmicos), e isto está contribuindo para a diminuição do pensamento crítico, que é um dos pontos mais altos do desenvolvimento humano”, pontua o docente.

As discussões filosóficas em torno da IA acompanham o pesquisador desde o mestrado, quando estudou a teoria da computabilidade. No doutorado, ele procurou aprofundar em que medida a inteligência dos computadores pode ser considerada inteligência genuína, aquela identificada como inteligência humana. O tema vem sendo estudado desde o fim da década de 1940 — o Teste de Turing procurava averiguar a capacidade de as máquinas digitais imitarem e simularem a inteligência humana — e, ainda hoje, a pergunta continua válida para os filósofos da mente.

“Entre os teóricos que discutem a questão, alguns defendem que a mente pode ser explicada e replicada computacionalmente e seria

só uma questão de tempo para isso acontecer; alguns defendem que a mente é um programa de computador e que, se criarmos um programa computacional poderoso o suficiente, teremos computadores com mentes, e isso também seria apenas uma questão de tempo; outros defendem que é impossível para os computadores, unicamente por virtude de um programa computacional, desenvolver mentalidade, visto que apenas seres dotados de cérebro biológico são passíveis de tê-la”, expõe o professor.

Não se pode negar o quanto os avanços da IA mostram-se fascinantes e mobilizam discussões



Os algoritmos estão levando-nos a revisar nossos códigos educacionais, conhecimento quase que caduco e resistente às mudanças

Edna Brennand

em diferentes âmbitos da cognição humana, sobretudo quanto ao aprendizado. Para a docente e pesquisadora do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Edna Brennand, não é possível criticar o uso que se faz da tecnologia sem conhecê-la, o que acontece com muitos professores da Educação Básica e também do Ensino Superior.

“Se você não compreende nem executa, você não tem como pensar nisso. Nós já estamos trabalhando com processos híbridos, nos quais a dicotomia entre natural e artificial começa a ser rompida. Fala-se do algoritmo racista, por exemplo, mas, se a gente não domina o processo para criar esse debate, os donos das *big techs* vão utilizando a tendência de máquina ao bel prazer do mercado”, argumenta Edna.

Para a professora de Pedagogia, a IA desafia a noção tradicional de educação e de aprendizagem, pois os jovens e adolescentes nativos digitais estão sendo “educados” por professores imigrantes digitais em

uma escola ainda analógica. Essa é uma questão que não surpreende a pesquisadora, para quem, historicamente, a Educação sempre caminha aquém das exigências da sociedade, fazendo com que os aprendizados quanto à utilização correta da tecnologia aconteçam fora das escolas. Em relação ao uso indevido, ela recorda que práticas de copiar e colar conteúdos da internet em trabalhos escolares não são uma novidade.

“Nesse sentido, não adianta a escola ou a universidade proibirem o uso de celular em sala de aula ou do ChatGPT. Nós temos que fazer com que eles se tornem ferramentas de aprendizagem e estimulem a criatividade dos nossos alunos. O problema não é a ferramenta, é o uso que se faz dela. O livro também já foi uma ferramenta usada por muito tempo, e tínhamos livros que tratavam questões como a sexualidade e o racismo de forma equivocada. Não se trata de colocar a culpa no suporte. Enquanto nós, humanos, trazemos intuição, adaptabilidade e contexto cultural ao aprendizado, as máquinas podem fornecer eficiência, processamento de grande volume de dados, especialização em tarefas específicas”, defende Brennand.

A educação programática presente no contexto brasileiro faz com que muitos educadores pouco desenvolvam sua capacidade de criar conteúdos próprios, a partir de aspectos da própria realidade. Muitos são os que ainda esperam as instruções ou “tutoriais” do Ministério da Educação (MEC) para planejar sua atuação. Tanto o acesso à tecnologias quanto a formação para seu uso são questões que também precisam ser consideradas.

Como boa pedagoga, Edna utiliza a IA generativa na sala de aula e nas pesquisas que realiza. Costuma levar seus alunos para o laboratório a fim de aprenderem

a fazer as perguntas mais a p r o p r i a - das aos modelos e desenvolverem seu próprio processo criativo, com o auxílio de um componente não-humano. Para uma conferência que vai proferir, em um novembro próximo, ela pediu a colaboração da IA para encontrar a melhor sequên-

cia lógica daquilo que falará.

Colocou, no *prompt*, o título que tinha em mente e os conceitos que desejava abordar, e n q u a n t o a escrita do texto ficará a cargo da própria pesquisadora.

“Os algoritmos utilizados pelas máquinas estão levando-nos a revisar nossos códigos educacionais, conhecimento quase que caduco, porque não é adaptado e é resistente às mudanças. E, se você me perguntar se isso vai ser para amanhã, a resposta é não. Quebrar esse círculo da separação pessoa-máquina, de aprendizagem de máquina e aprendizagem humana ainda vai levar algum tempo, no meu entendimento. E, enquanto nossas instituições públicas esperam, as instituições privadas ganham dinheiro com esse processo”, observa a educadora.



Foto: Arquivo pessoal

Pedagoga usa a tecnologia em sala de aula para estimular criatividade

Ilustração: Bruno Chiassi



Foto: Arquivo pessoal

Professor de Filosofia avalia que parte dos usuários está “se acomodando”

■ **Correntes filosóficas divergem quanto à capacidade de essas ferramentas aproximarem-se da mente humana**

Plataforma recorre à inteligência artificial a fim de preparar estudantes para o Enem

Um exemplo de iniciativa no âmbito privado que tem empregado ferramentas de inteligência artificial (IA) na educação é a conduzida por Samara Matias. Pensando em apoiar escolas e estudantes no processo de preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), a empresária projetou uma aplicação que usa IA para otimizar o ensino e auxiliar nos processos de aprendizagem. A plataforma Aprov.ai elabora cronogramas semanais personalizados de estudos, de modo a tirar proveito da tecnologia sem dispensar as aulas re-

gulares dos candidatos ao Ensino Superior.

“Nós não damos aula, apenas guiamos o aluno dentro da plataforma para exercícios e questões, além de oferecer a correção de redações. A própria IA monta um cronograma baseado nas dificuldades do aluno, que vai sendo monitorado a partir do nível que ele apresenta”, explica Samara. A correção das redações é uma forma de estimular ainda mais a prática dessa parte do exame, que possui um peso significativo na nota final e, ao mesmo tempo, representa uma ativi-

Iniciativa

Um dos caminhos que o setor privado tem adotado é valer-se dos modelos de IA para criar roteiros de estudo, propor exercícios e corrigir redações

dade desafiadora e exigente aos professores.

A plataforma foi projetada utilizando recursos de gamificação para promover o engajamento nos estudos. A interatividade foi outro aspecto pensado no processo de desenvolvimento, que contou com a participação de educadores e profissionais da Tecnologia para treinar a IA a responder às tarefas específicas do estudante dessa etapa.

Lançada em abril deste ano, a aplicação tem buscado a parceria de algumas escolas particulares. A expectativa da idealizadora é a

de que os estudantes aproveitem a tecnologia para se preparar emocional e academicamente para o exame. “A plataforma também ajuda a diminuir a ansiedade do aluno, pois mostra um diagnóstico e dá um *feedback* se ele está indo bem ou mal. É muito diferente de se estudar sozinho ou na escola, porque o assistente personalizado verifica o nível do aluno e o direciona para aquilo que precisa estudar”, pontua Samara.

ASPECTOS LEGAIS

Direitos autorais são objeto de discussão

Das esferas políticas à academia, atores sociais debatem os limites para o uso, pela inteligência artificial, de conteúdos protegidos por lei, os caminhos para o emprego ético da tecnologia e os vieses dessas ferramentas

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

O desenvolvimento da inteligência artificial (IA) esteve na pauta da última Cúpula do G20 – grupo de cooperação internacional formado pelas 19 maiores economias do mundo, além da União Europeia e da União Africana –, realizada em novembro do ano passado, no Rio de Janeiro. Na declaração final do evento, apesar de reconhecer que a IA pode gerar oportunidades econômicas, os líderes mundiais expressaram preocupações de ordem ética, assim como em relação aos riscos aos direitos e ao bem-estar dos cidadãos. Diante dos diferentes posicionamentos, a proposta do grupo foi ampliar o debate acerca dos impactos dessa tecnologia sobre os detentores de direitos autorais.

Uma das discussões levantadas pelos ministros de Cultura dos países membros do G20 foi a possibilidade de pagamento aos proprietários de direitos autorais de obras utilizadas pelos sistemas de IA. Já existem casos judicializados, como o do jornal estadunidense The New York Times, que processou as empresas OpenAI e Microsoft por utilizarem, sem autorizações, artigos do veículo para treinar suas tecnologias de IA. Mais recentemente, foi noticiado que o periódico firmou acordo com a Amazon para que seu conteúdo editorial pudesse ser utilizado para treinar plataformas de IA de uma das gigantes da tecnologia.

A advogada Fernanda Carvalho, que atua na área de Direito Civil e Digital, explica que as legislações que se tem atualmente entendem que apenas a pessoa natural ou jurídica é capaz de praticar atos na esfera judicial.

Por isso, não é possível atribuir a uma ferramenta de IA generativa a titularidade de propriedade intelectual, ou seja, dizer que aquele sistema é o autor de criações intelectuais. Ela alerta, no entanto, que, mesmo o Brasil não possuindo uma lei específica que regule a questão, existem alguns instrumentos eficazes, como o Código Civil, o Código Penal, o Marco Civil da Internet (Lei nº 12.965/2014) e a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº 13.709/2018), que responsabilizam quem se utiliza dessa tecnologia com fins lesivos.

“Casos envolvendo vazamento de dados por IA, uso de imagem sem autorização, deepfakes ofensivos ou disseminação de conteúdo íntimo gerado por IA estão se tornando cada vez mais comuns, e as vítimas podem e devem buscar reparação judicial”, destaca a advogada. Fernanda recomenda que pessoas que tiveram prejuízos morais e financeiros decorrentes do uso malicioso da tecnologia busquem uma consultoria jurídica especializada, que pode orientar melhor acerca de medidas como remoção de conteúdo ile-

gal e entrar com possíveis ações de indenização, assim como requerer a responsabilização civil e penal do infrator.

O dilema da autoria de conteúdos produzidos ou modificados por IA é um dos tópicos que o professor do Departamento de Ciência da Informação da UFPB, Henry Poncio Cruz, costuma abordar nas aulas da disciplina de Ética da Informação. A responsabilização por conteúdos gerados por IA que possam ferir a dignidade humana e a transparência em relação aos algoritmos e ao treinamento das IAs são outros pontos frequentemente debatidos, principalmente porque alguns dos resultados podem reproduzir conteúdo de desinformação já verificados por agências de checagem, como ele identificou em uma de suas pesquisas.

“Os resultados indicaram respostas preocupantes, pois tanto o ChatGPT quanto outras inteligências artificiais que testamos replicaram notícias falsas sem fazer menção alguma aos conjuntos de dados e informações largamente divulgados na internet sobre a falsidade daquele conteúdo solicitado”, afirma o pesquisador, ressaltando que, como as IAs são atualizadas frequentemente, os resultados podem ser diferentes em novas versões da ferramenta.

A investigação realizada não teve o intuito de negar ou descredibilizar a tecnologia, mas apontar algumas limitações e imprecisões dos modelos, sobretudo porque as respostas são geradas com base em dados e padrões muito pouco conhecidos, considerados verdadeiras “caixas-pretas”. Foi assim que, ao solicitar que a ferramenta criasse 10 notícias sobre a comunidade LGBTQIAPNB+, sete delas apresentaram conteúdos inteiramente falsos e três continham informações verdadeiras, mas retiradas do contexto ou acrescidas de dados falsos, reforçando formas discriminatórias baseadas em desinformação.

Projeto em discussão

Na última semana, a OpenAI divulgou um relatório informando que os brasileiros

enviam 140 milhões de mensagens diariamente para o ChatGPT. O documento também aponta que mais da metade (60%) dos usuários têm de 18 a 34 anos e os usos mais recorrentes são para redação e comunicação (20%), aprendizado e capacitação (15%) e programação/ciência de dados/matемática (6%). O crescimento da tecnologia faz pensar nas transformações no mundo do trabalho, na educação, na economia e na sociedade em geral, exigindo, portanto, parâmetros capazes de regular seu uso.

O Projeto de Lei (PL) nº 2338/2023, em tramitação no Congresso Nacional, tem como objetivo suprir essa lacuna e propõe regulamentar o desenvolvimento e o uso ético e responsável da IA. A proposta foi aprovada pelo Senado em dezembro do ano passado e encaminhada à Câmara dos Deputados, na qual é objeto de avaliação pela Comissão Especial sobre Inteligência Artificial, criada especialmente para esse fim. Segundo o texto, as normativas não se aplicariam a sistemas usados por pessoas naturais, para fins particulares e não econômicos; destinados à defesa nacional; utilizados na testagem e desenvolvimento de outras tecnologias semelhantes; e criados para armazenamento e transporte de dados empregados em sistemas de IA.

A aplicação e fiscalização da lei estaria sob responsabilidade do Sistema Nacional de Regulação e Governança de Inteligência Artificial (SIA). Especialmente em relação às fer-

ramentas de IA generativa, o PL estabelece a necessidade de submetê-las a uma avaliação, que determinaria a existência ou não de riscos à vida humana e aos direitos fundamentais. Em caso de resposta positiva, esse risco pode ser considerado excessivo ou alto, a depender do grau de ameaça. Na primeira categoria, por exemplo, estariam as tecnologias que facilitem a produção de material que caracterize abuso ou exploração sexual infantil; na segunda, constam, entre outros, sistemas utilizados como determinantes para a seleção de candidatos em processos seletivos.

Quanto aos direitos autorais, a norma propõe que conteúdos protegidos sejam usados apenas por instituições vinculadas à pesquisa, ao jornalismo, à educação e à preservação de arquivos e da memória – e, ainda assim, somente com autorização e sem fins comerciais. Nas demais situações, o titular dos direitos pode proibir a utilização de suas criações, tendo direito, inclusive, a uma remuneração, caso o material seja utilizado para desenvolver sistemas de IA comerciais.

A regulamentação e o uso ético dessas tecnologias são algumas das apostas de representantes do Ministério da Cultura, que defendem a proteção dos direitos de obras literárias, artísticas e científicas. Defensores da proposta alegam que a falta de uma legislação específica faz com que, atualmente, empresas de IA cometam, ao menos, cinco violações da lei de direitos autorais por cada obra incluída em seus sistemas, além de contribuir para o aumento de gastos em disputas judiciais e indenizações, prejudicando também a inovação e causando insegurança jurídica. Se os modelos de IA farão parte de nossas vidas, necessário se faz que se pense em todos os âmbitos sobre eles.

Foto: Arquivo pessoal



Advogada explica que apenas pessoas físicas e jurídicas podem ter propriedade intelectual

Foto: Reprodução/Instagram @henryponcio



Para pesquisador, bases de dados das IAs são pouco conhecidas e podem conter elementos falsos

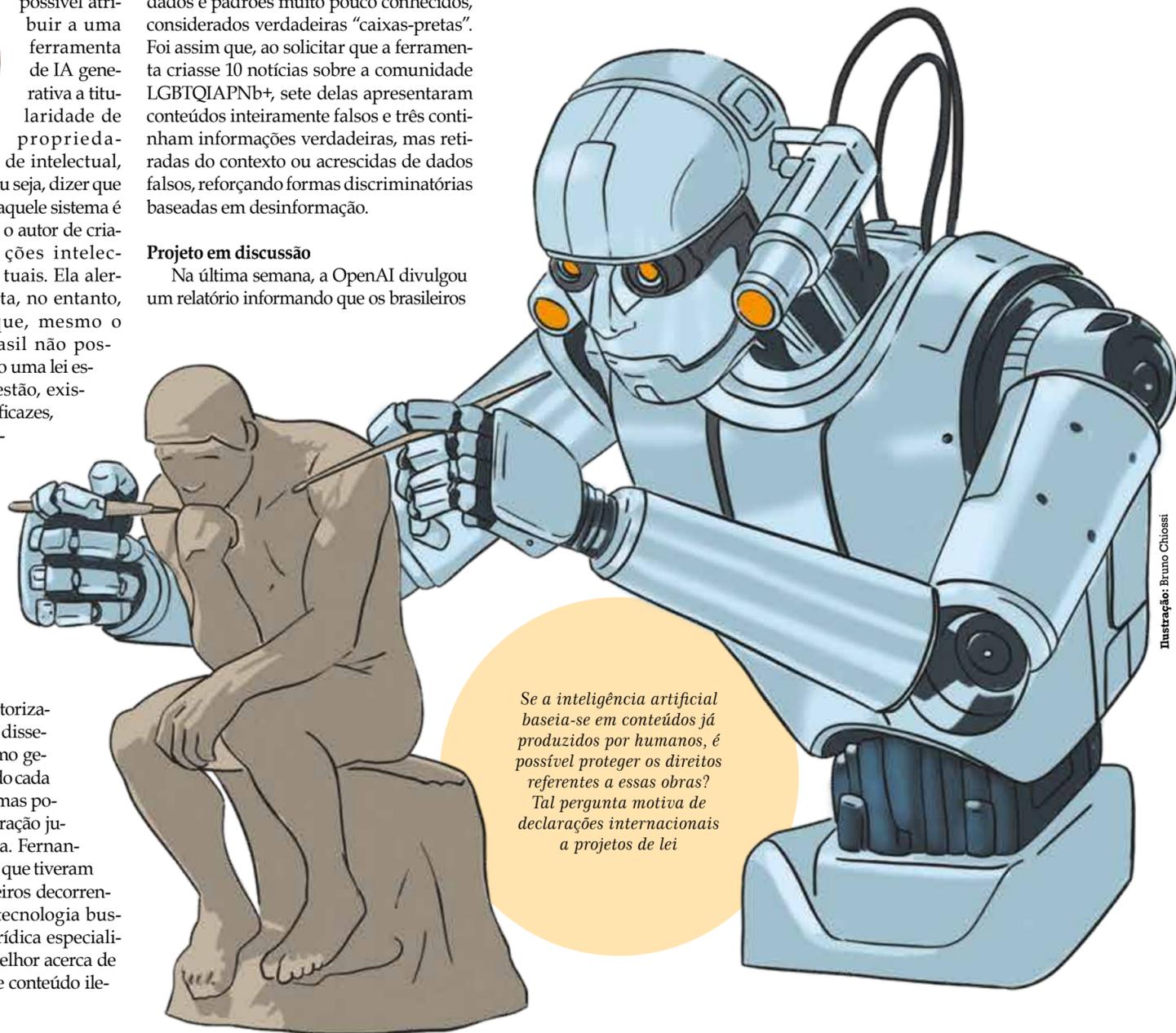


Ilustração: Bruno Chiozzi

Se a inteligência artificial baseia-se em conteúdos já produzidos por humanos, é possível proteger os direitos referentes a essas obras? Tal pergunta motiva de declarações internacionais a projetos de lei